

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**DO IMAGINÁRIO TEMPLO/IGREJA À EXPERIÊNCIA
DO SAGRADO EM CRIANÇAS DE UMA ESCOLA
PÚBLICA EM BELA VISTA DE GOIÁS**

JOSÉ REINALDO DE ARAÚJO QUINTEIRO

**GOIÂNIA
2002**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

DO IMAGINÁRIO TEMPLO/IGREJA À EXPERIÊNCIA
DO SAGRADO EM CRIANÇAS DE UMA ESCOLA
PÚBLICA EM BELA VISTA DE GOIÁS

JOSÉ REINALDO DE ARAÚJO QUINTEIRO

Prof. Orientador Dr. Rodolfo Petrelli

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Ciências da Religião, como requisito parcial,
para obtenção do grau de Mestre pela
Universidade Católica de Goiás.

GOIÂNIA
2002

JOSÉ REINALDO

**DO IMAGINÁRIO TEMPLO/IGREJA À EXPERIÊNCIA
DO SAGRADO EM CRIANÇAS DE UMA ESCOLA
PÚBLICA EM BELA VISTA DE GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Ciências da Religião, como requisito parcial,
para obtenção do grau de Mestre pela
Universidade Católica de Goiás.

Aprovada em 25 de março de 2002.

BANCA EXAMINADORA.....	NOTAS
RODOLFO PETRELLI.....	9,0
SÉRGIO ARAÚJO.....	9,0
JOÃO PONCIANO.....	9,0

Universidade Católica de Goiás
Goiânia
2002

AGRADECIMENTOS

Ao Orientador Rodolfo Petrelli, ao Professor Sérgio Araújo, à Janet Pinto, à Solange Ferreira, aos funcionários da Escola Municipal “Pedro Alves Ferreira”, às crianças do Bairro Santa Cruz e Las Vegas I em Bela Vista de Goiás, porque sem tê-las por perto seria impossível a realização desta dissertação.

DEDICATÓRIA

Às crianças da Escola Municipalizada “Pedro Alves Ferreira”, moradoras dos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I, porque sem os seus desenhos não seria possível desenvolver esta dissertação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
1.1 UM PERFIL DE BELA VISTA DE GOIÁS	14
1.1.1 OS BAIRROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I EM QUESTÃO	17
1.1.1.1 Aspectos Econômicos	17
1.1.1.2 Aspectos Sociais	21
1.1.1.3 Aspectos religiosos.....	24
1.2 RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO ÉTNICA NOS BAIRROS	
SANTA CRUZ E LAS VEGAS I	31
1.2.1 RELIGIÕES, EDUCAÇÃO NOS BAIRROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I..	32
1.2.2 A RELIGIÃO CATÓLICA NOS BAIRROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I....	33
1.2.3 FORÇA DO DISCURSO OFICIAL CATÓLICO SOB O EDUCANDO	35
1.2.4 CULTURA RELIGIOSA (CATÓLICA E EVANGÉLICA) NA COMUNIDADE-CAMPO E EDUCAÇÃO.....	47
1.2.5 OS BAIRROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I: A RELAÇÃO HISTÓRICA ÉTNICA, DE GÊNERO.....	57
CAPÍTULO II	
2.1 A PESQUISA	65
2.1.1 O DESENHO	66
2.1.2 SENTIMENTOS DESCRITOS EM RELAÇÃO AO TEMPLO/IGREJA.....	68
2.1.3 OS TRABALHOS DESENVOLVIDOS DENTRO E FORA DO TEMPLO/IGREJA	71
2.2 A DISCUSSÃO – O TEMPLO COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA	73
2.3 O TEMPLO NA HISTÓRIA	74
2.4 O TEMPLO EM ALGUMAS RELIGIÕES UNIVERSAIS	77
2.5 O TEMPLO E A CASA	82
2.6 O TEMPLO E O SAGRADO	85

2.7 O TEMPLO E O CORPO HUMANO	86
2.8 O TEMPLO EM SI.....	87
2.9 O SENTIDO DO TEMPLO HOJE.....	90
2.10 O TEMPLO NOS BAIROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I	92
CAPÍTULO III	
3.1 A PEDAGOGIA DURKHEIMIANA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA	95
3.1.1 EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA EM DURKHEIM.....	100
3.2 A AÇÃO PEDAGÓGICA.....	106
CONCLUSÃO	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166
ANEXO	173

INTRODUÇÃO

A relação templo/igreja e educação tornou-se fecunda para uma pedagogia, a dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I a partir do momento em que a Igreja Católica ocupou-se, em sua Campanha da Fraternidade 1998, com o tema “Fraternidade e Educação, a serviço da vida e da esperança”. Outro fator é o crescimento nas denominações religiosas: Assembléia de Deus, Pentecostal Deus é Amor, Igreja de Cristo, Congregação Cristã no Brasil, Pentecostal Jesus é o Caminho. O templo/igreja, em meio as intempéries da vida, transforma-se, a partir de então, em um lugar de harmonia, segurança e paz; a escola, precisamente a Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, é consagrada como um lugar onde se pode vivenciar a cultura de que essa “é a única saída” para que as crianças não se transformem num marginal social. Conjugando estes dois caminhos propiciadores do bem ao homem é que se pensou uma ação pedagógica aliada, especialmente, ao sociólogo Durkheim, para que a unidade possa desenvolver as competências do educando o qual lhe é confiado. Toda confirmação de que a relação igreja/templo é fecunda, ou seja, capaz de gerar uma ação pedagógica, deu-se por parte do próprio educando da 1ª à 4ª séries. Então, perguntou-se a 36 educandos, em um universo de 372, qual a sua maior representação religiosa? A resposta consagrou-se em 96%: o templo/igreja, ilustrado assim por meio de desenhos expostos no anexo. Esta resposta perpassa todo o desenvolvimento desta dissertação sob o crivo Durkheimiano por meio das obras: *As formas elementares da vida religiosa* (1989) e *Educação e Sociologia* (1984).

Na primeira obra, *As formas elementares da vida religiosa* (1989), Durkheim demonstra que o homem está sob o domínio da estrutura da sociedade, as questões como o tempo, o espaço, o número, a classe originam-se da existência do indivíduo. Portanto, um espaço sagrado ou profano inculcado nos educandos torna-se para ele espaço sagrado ou profano, é uma categoria de pensamento sendo trabalhada com

base na estrutura da sociedade, conquanto, o templo/igreja para o educando da Escola Pedro Alves Ferreira é sagrado.

Na segunda obra, *Educação e Sociologia* (1984), Durkheim faz um estudo sobre a pedagogia com a intenção de analisar o fenômeno educativo, pois este é uma fato social (DURKHEIM, 1995, p. 11) exercido por determinados grupos de indivíduos e instituições por meio de crenças, tradições, costumes, até por meio de pedagogias, independentemente da vontade do indivíduo. Por conseguinte, O indivíduo é trabalhado como ser dual: ser individual e ser social. Para o indivíduo, tornar-se social é fundamental, convicção esta durkheimiana (DURKHEIM, 1984, p. 23). É justamente a educação uma via transmissora da linguagem, das religiões, das ciências, da moral, da ética, formando o consenso social. Porém, para que haja o consenso é necessário que a ação seja exercida com autoridade (DURKHEIM, 1984, p. 18).

O pensamento de Durkheim, sobretudo nas duas obras citadas, permeará todo o trabalho dissertativo seguinte, contribuindo para reflexão em prol de uma ação pedagógica cujo propósito é fornecer ao educando elementos que resgatem o universo simbólico-cultural, considerado o templo/igreja com base nas aulas da 1ª à 4ª séries.

No primeiro capítulo, apresentar-se-á um perfil de Bela Vista de Goiás, há considerações que mostrem o aspecto econômico-sócio-religioso, incluindo a família e os templos/igrejas dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I. Vê-se o padrão de vida do educando expresso no vestir, no falar e no sonhar, fruto deste perfil.

Entre os evangélicos e católicos pesquisados, 82,12% são católicos, expressão confirmada por meio do educando da Escola Pedro Alves Ferreira. Conquanto, o catolicismo é trabalhado, nesta primeira parte, por meio dos discursos de D. Antônio Ribeiro de Oliveira emitidos quando por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1998 – Fraternidade e Educação - no *Boletim Informativo* e *Revista Arquidiocesana* com a intenção de acentuar a influência do líder maior religioso católico da Arquidiocese de Goiânia sobre a formação do educando recebida no templo/igreja e na unidade escolar. Na oportunidade é considerada a presença dos pastores e dos fiéis evangélicos para se trabalhar religião, etnia, educação, cultura e

histórico dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, tendo sempre em vista o templo/igreja na vida do educando, demonstrando que o templo/igreja é e sempre será uma instituição social capaz de oferecer elementos para formar indivíduos sociais.

No segundo capítulo, ocupar-se-á em descrever sobre o templo propriamente dito. É o eixo mediador entre a primeira e a terceira parte que seguirá uma postura de caráter reflexivo, com a preocupação de assegurar as idéias originais sobre o templo, com base em Mircea Eliade (1970). Partido do subtítulo “o templo como espaço de resistência” até “o que você sente dentro do templo”, uma pergunta é feita para 36 educandos da unidade. O templo é refletido na história destacando-se como o centro do mundo, a função de abrigar e proteger o homem, as religiões como hinduísmo, judaísmo, cristianismo e islamismo recebem considerações por serem portadores de uma prática ritualista no espaço sagrado chamado de templo. Compreendendo, sob o ponto de vista das grandes religiões, como um lugar específico para as mesas, o templo é relacionado com a casa que projeta o homem para o mundo afora e o protege de ameaças à vida e à sua integridade física, pois a vida é sagrada para o homem. Este mesmo homem se relaciona com o templo, impregnando-o de valores simbólicos que o levam a adquirir a proteção do sagrado, não permitindo que o profano o atinja sem sair impune, como diria Durkheim (1989): “O templo em si é um sinal do estabelecimento de momentos fortes de uma comunidade, responsável pela instauração dos momentos sagrados na vida comunitária”. E é propriamente na comunidade dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I que o templo desperta um sentido forte, sobretudo nos educandos, recebendo o nome de templo/igreja, onde os católicos e evangélicos realizam atividades em seu interior e fora, pautadas de orações, leituras da palavra sagrada e visitas. O templo/igreja recebe considerações como um lugar em que traz em si a segurança, a paz. Quando é sugerido a 36 educandos que desenhem a sua maior representação religiosa a título de pesquisa, obtêm-se 96% dos desenhos acerca do templo/igreja, expressando os seus sentimentos, demonstrando que são felizes freqüentando-o .

Durkheim, com seus pensamentos, ajuda a construir o primeiro capítulo sob o apoio de Eliade (1970), para o terceiro capítulo, a presença de Durkheim faz-se

necessária. Durkheim (1989, p. 73) vê o homem como um ser necessitado de coerção, de força da autoridade como já foi mencionado. É nessa perspectiva que a ação pedagógica, para a unidade escolar, é construída, porém, para que haja a coerção e a autoridade propostas por Durkheim para educar uma criança, mas junto a essa sugestão é preciso o respeito e o resgate das competências de cada educando que vive em uma realidade, que vivência o simbólico de sua igreja/templo. A coerção é utilizada tendo em vista o aprendizado do educando, levando-o a experimentar, na unidade, a análise e a resgate ético da sua realidade. A autoridade é imprescindível por parte dos professores e pais que lhes preparam para uma sociedade pluricultural e cada vez mais competitiva, para que o educando possa, em momento de decisão, optar pelo que lhe é melhor, porque a ação pedagógica da unidade escolar lhe orientou dessa forma.

O tema da ação pedagógica é – O templo/igreja na geração de conteúdos pedagógicos; com a duração de oito meses, trabalha-se nas disciplinas: português, ciências, geografia e história, artes e religião. Todas as disciplinas dividem-se em conteúdos programáticos e objetivos de aprendizagem, tendo como base A aplicação dos elementos simbólicos contidos no templo/igreja em que o educando frequenta, os da sua cotidianidade encontrados na unidade. Esta ação pedagógica visa construir o que ao longo do tempo foi perdido pelas famílias do educando: o resgate do simbólico religioso. Por isso, em meio ao conteúdo extremamente didático, há toda uma explicação nos objetivos de aprendizagem, para que o professor possa trabalhar o conteúdo programático, trabalhando, assim, as disciplinas geografia e história juntamente.

O trabalho que se segue exigiu uma pesquisa junto ao educando, aos líderes católicos e evangélicos participantes do templo/igreja dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

Ademais, o templo/igreja obtém destaque exclusivo no segundo capítulo, porque é dele que se acrescentam elementos para a proposta pedagógica na terceira parte desta dissertação, calcada no educando, nos discursos de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, na representatividade dos templos/igrejas, nos

profissionais da Escola Pedro Alves Ferreira que freqüentam as denominações católicas e evangélicas.

O que se espera é que a proposta pedagógica seja lida, refletida e aplicada na Escola Pedro Alves Ferreira com o intuito de nortear o processo ensino-aprendizagem do seu educando.

À guisa de conclusão será um alerta para que se encontre uma saída pacífica e verdadeira contra os aspectos de violência e medo que afrontam, angustiam os indivíduos da comunidade do Bairro Santa Cruz e Las Vegas I, especialmente um alerta para o educando.

RESUMO

Esta dissertação ocupa-se da relação entre representação (religiosa) do educando e a proposta pedagógica, proposta esta específica para a Escola Pedro Alves Ferreira, nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, em Bela Vista de Goiás-GO.

Tendo como base teórica o sociólogo Durkheim e nele a máxima de que “a criança, para ser bem preparada para uma sociedade, necessita ser coergida pelos seus mestres,” propõem-se a 36 educandos que mostrem por meio de desenhos qual é a sua maior representação religiosa, obtendo-se com resposta o templo/igreja.

Com base nesse dado, cientifica-se que os templos/igrejas presentes nos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I exercem uma coerção significativa sob o educando e por isso faz-se necessário considerá-los como um meio que pode amadurecer uma proposta pedagógica. Tendo em vista a coerção encontrada nos templos/igrejas por meio da própria estrutura de manutenção do sagrado, o educando é alimentado de que no templo/igreja cultiva sentimentos de paz, harmonia, sentem-se como se estivesse voando... enquanto que a vida cotidiana, profana, no bairro, no qual mora, é violenta e desprazerosa.

Considerar o templo/igreja como um espaço de integração do ser humano impulsiona a discussão de que ele, o templo, possui vários sentidos, oferecendo-lhe a sensação de estar protegido das mazelas sociais, também, tão presentes no campo de pesquisa, e que se refletem no educando da Escola Pedro Alves Ferreira. A proposta pedagógica fecha-se em resgatar alguns elementos apreendidos no templo/igreja, considerando que este coerge o educando bem antes da escola, porém não deixa de seguir os padrões didático-escolares, pois a intenção é fazer com que o professor trabalhe o mundo simbólico do educando, as representações, em uma escola regular.

Palavras-chave: Durkheim, representação religiosa, templo/igreja, educando, Escola Pedro Alves Ferreira, proposta pedagógica, desenhos.

ABSTRACT

This dissertation treats the relationship between the students and the pedagogical proposal (religion) at the Pedro Alves Ferreira School, Santa Cruz and Las Vegas I neighbourhood, Bela Vista, Goiânia-Goiás. Using Durkheim as the theoretical basis and his phrase "the child to be prepared for society needs to be instructed by his teachers", 36 students demonstrated through drawings their main religious scene, obtaining temple/church as the response. Based on this we discovered that the temple/church represent a significant influence on the students and as such need to be considered as part of the pedagogical proposal. Noting that the temple/church structure nurtures a sense of the sacred cultivating peace and harmony... whilst daily life in the neighbourhood is profane, violent and unhappy. Considering the temple/church as space for human integration the discussion led to the conclusion that the temple/church was a place where the students from the Pedro Alves Ferreira School felt protected. The pedagogical proposal seeks to rescue some of the aspects that the students acquired at the temple/church before coming to school, without forgetting the standard pedagogical proposal of the school, as the teacher has to work with the symbolic world view of the students.

Key words: Durkheim, religious representation, temple/church, students, pedagogical proposal, Pedro Alves Ferreira School.

CAPÍTULO I

1 UM PERFIL DE BELA VISTA DE GOIÁS

Até meados dos anos 1970, Bela Vista de Goiás tinha como referência econômica o fumo. “Tradicional fumo de Bela Vista correu cidades, vilas e povoados de todo as regiões brasileiras até ceder seu lugar para uma agricultura baseada na produção de grãos” (SILVA, 1996, p. 449).

Neste início de milênio a produção de arroz, milho e produtos hortifrutigranjeiros tornou-se a base principal de sustentação econômica do município, levando, assim, ao surgimento de várias associações de pequenos e médios produtores, do fortalecimento dos sindicatos dos trabalhadores e das cooperativas.

Próxima à Goiânia, 45 km, Bela Vista de Goiás possui uma área com 1.280,9 km², ocupando 0,37% do Estado, faz fronteira com Hidrolândia, Senador Canedo, Silvânia, Caldazinha, São Miguel do Passo Quatro, Piracanjuba e Cristinópolis. Compreende a taxa urbana o centro e os bairros Santa Cruz, Las Vegas I e II, Parque dos Buritizais, Santo Antônio, Lúcia Alice, Setor Oeste, Jardim das Palmeiras, São Geraldo, Conjunto Pérola do Sul, Vila Clotildes, Vila São Vicente, Conjunto Dona Delfina Rodrigues e Setor Ulisses Guimarães. A zona rural é formada por trinta comunidades e compreende: Jataí 1 e 2, Cará 1, Barro Amarelo Cabeceira, Vila Mata Feia, Conceição, Santa Rita, Taquari, Lagoa, Matinha, Areião, Quilombo 1 e 2, Aborrecido 1, São Bento, São Judas Tadeu, Piracanjuba,

Piracanjuba 2, Vargem Grande, Mata da Vargem Grande, Aborrecido – Sucuri, Roselândia, Mato Grande, Barro Preto, São José, Nuelo, Boa Vista, Boa Vistinha, Santa Luzia e Jardim Barcelona.

A pecuária, hoje, eleva o município a um dos maiores produtores leiteiros do estado de Goiás, aspecto este que possibilitou a instalação de três estabelecimentos leiteiros: dois postos de recepção e resfriamento e um laticínio dotado de miniusina para pasteurização.

Embora com a força de ser um dos maiores produtores de leite do Estado, a grande geradora de recursos e empregos é a Granja Saito, fomentando a avicultura, gerando tributos, empregos de mão-de-obra e o escoamento das produções de milho, soja e sorgo.

Nas artes, as manifestações são de uma herança tradicional e se destaca com: Adelino Roque de Souza, Gilberto Mendonça Teles, José Lobo, Adalto Januário Vieira, Santino Pereira Dutra, Álvaro José Jorge e Geraldinho Nogueira.

Os momentos celebrativos são marcados pelas presenças da Igreja Católica com dois festejos durante o ano, um acontece em janeiro e o outro em julho, este último conjugando-se com as comemorações do aniversário da cidade em 5 de junho, com os desfiles das escolas, exposição agropecuária e festa de peão.

A saúde é um das prioridades da política pública municipal, na qual se mostra uma estrutura razoável com nove postos de atendimentos aos carentes, entre zona urbana e rural, assistência em dois hospitais particulares, um centro de saúde com dez médicos ao todo, treze enfermeiras e oito dentistas.

A educação alcançou uma estrutura forte no início de 2001, tanto em nível estadual quanto municipal, por meio de reformas de grandes unidades escolares, formação continuada de professores, eleição direta para diretores e implantação de projetos político-pedagógicos que primam pela inclusão social do alunado. Com a municipalização das Escolas Estaduais Pedro Alves Ferreira, José Pontes e Hormezinda Carneiro, o número de educandos do município do ensino fundamental passou de mil duzentos e noventa e um para três mil e seiscentos, tendo a maior

concentração da zona urbana e por isso faz este educando uso do transporte estudantil amparado pelo FUNDEF (Fundo Nacional de Desenvolvimento do Ensino fundamental), tendo como pano de fundo um oportunismo do Governo Federal em promover-se politicamente. Neste ínterim, resta, portanto, duas instituições estaduais de ensinos em Bela Vista de Goiás - Escola Dr. Belém e o Colégio Pedro Vieira Januário - as quais mantêm uma clientela de dois mil e quinhentos alunos.

Em Bela Vista de Goiás a força do campo ainda predomina, dos dezenove mil duzentos e dez habitantes, seis mil novecentos e trinta e dois moram na zona rural, o que equivale a trinta e sete por cento da população (IBGE/2000). Este dado prevalece desde março de 1897 “quando o Arraial até então pertencente ao município de Bonfim, atual Silvânia, foi elevado à categoria de cidade” (SILVA, 1996, p. 450).

Em 1852, dois católicos, os benfeitores José Bernardo Pereira e esposa Inocência Maria de Jesus, doam, em função da formação do patrimônio da Igreja Católica, as terras que viriam a ser hoje Bela Vista de Goiás.

Em 1880 o arraial foi elevado à categoria de freguesia – povoado sob o aspecto eclesiástico, pastoreado por um vigário. O marco inicial do desenvolvimento de Bela Vista foi o chafariz da praça senador Silva Carneiro, construído por José Luiz de Siqueira e esposa Ana Gomes Pereira. (SILVA, 1996, p. 450)

A projeção cultural em Bela Vista de Goiás é acentuada no início do século XX com a instalação do colégio das irmãs dominicanas, grupos literários, teatro e o jornal Folha do Sul de responsabilidade dos irmãos Benedito e Honestino Guimarães. Em 1928, desponta Leo Lynce, embora tendo como terra natal Piracanjuba, que liderou movimentos culturais em Bela Vista de Goiás com o lançamento do seu livro *Ontem*, ele escreveu versos, modinhas e peças literárias, deixando seu nome na cidade por meio de um texto “Terra dos Buritizais Sussurrantes”, somando-se ao conjunto de sua obra que o marca como o introdutor do Modernismo em Goiás.

De cidade bucólica dos 1950 anos, os finais de semana Bela Vista de Goiás tornaram-se refúgio dos burgueses da capital do estado, que vêm expor seus últimos

lançamentos de automotores, a cidade passa a viver em ritmo frenético com o aumento das casas que oferecem chope e local para prestigiar o modismo da música sertaneja. Com o término da GO 020, que dá acesso à cidade de Caldas Novas, Bela Vista tornou-se nestes últimos dois anos uma cidade onde a rotina é dinâmica e com características de cidade portuária, tendo como consequência o medo da violência que assola a vida moderna dos grandes centros urbanos.

1.1.1 OS BAIROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I EM QUESTÃO

Estes dois bairros constituem-se o campo onde mora o educando, num total de 372, da Escola Municipalizada Pedro Alves Ferreira, (PDE/2001). As pessoas residentes nestes bairros são aproximadamente 785 homens e 720 mulheres.

1.1.1.1 Aspectos Econômicos

A família das crianças dos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I apresenta a sua constituição familiar tradicional¹: pai, mãe e filhos, estes numa média de quatro por família. Possui fonte de renda que oscila entre os valores pagos a quem desempenha os trabalhos de doméstica, lavrador, vaqueiro, costureira, pedreiro e sacoleira²; acredita-se que a Escola Municipal Pedro Alves Ferreira³ é um dos meios

¹ Para Levi Strauss, a família apresenta uma realidade complexa, uma heterogeneidade de modelos (STRAUSS, 1980, p.16). Nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I são encontrados casos em que a família possui vários tipos de formação: mãe e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, irmãos e irmãs, primos e primos etc. A família tradicional supera os outros modelos encontrados nos dois bairros.

² Em média meio salário mínimo.

³ Endereço: Rua da Consolação, s/n, Bairro Santa Cruz. CEP: 75.240 - 000 - Bela Vista de Goiás-GO.

Fone: 551 3403. Histórico da escola:

1ª diretora: Marileide da Silva Cruz: 1977 a 1983;

2ª diretora Marilene de Farias Arantes: 1983 a 1985;

3ª diretora: Marlene Peixoto Guimarães: 1986 a 1990;

4ª diretora Guimar Inácio Albernaz: 1991 a 1993;

5ª diretora: Hilda Aparecida Machado: 1993 a 1999;

6º diretor: José Reinaldo de Araújo Quinteiro: 1999;

7º diretor: José Reinaldo de Araújo Quinteiro: 2002 (reeleito com 77,72% dos votos válidos em 07/12/2001);

1977: Construção e inauguração;

1989: A Escola passa a se chamar Escola Reunida, antes, Escola Municipal;

1993: Foi ampliada pelo Governo Municipal Vanderlan Celso e Silva;

pelos quais os filhos poderão construir uma profissão mais rentável do que a sua; a família é autêntica, apresenta-se na unidade escolar sem a preocupação de aparência, mostra-se tal e qual a realidade em que vive, não esconde sua preocupação com os filhos e não nega informações dos filhos em família e mesmo na rua. Simples no falar, objetiva no que tem a dizer, porém deseja o respeito e a dignidade para seus filhos, apostando no auxílio da escola, no sentido de fazer dos filhos cidadãos respeitados e com uma vida mais segura e tranqüila do que aquela que teve para si. Não conhece proposta pedagógica melhor do que a que dê resultados rápidos, em que os filhos mostrem o aprendizado da leitura, da escrita, do manuseio com os numerais; atribui à baixa renda familiar a profissão exercida, acredita na educação não com um fim último, mas como um meio de sobrevivência melhor num mundo em que a fome, a miséria, a violência é imperante.

O aspecto financeiro não impede a família de entender as necessidades dos filhos, quando por ocasião do uso do uniforme escolar, manifesta-se solidária a procurar um meio de adquiri-lo, chegando a ponto de dirigir-se à direção para consegui-lo⁴; em favor da educação dos filhos abre mão de certo conforto, priorizando o material escolar e a freqüência do filho na escola; tem na escola a confiança de que ali o filho fará pelo menos uma das refeições, o que não deixa de contribuir com o orçamento familiar. O Programa Bolsa Escola Federal⁵ é motivo de alegria e da não evasão de muitos alunos. Por ocasião do anúncio de que na escola haveria o Bolsa Escola, os pais procuraram a direção com um brilho nos olhos, cheios de expectativas. O tratamento dentário oferecido pela Secretaria Municipal de

1995: Passa a Escola Estadual Pedro Alves Ferreira;

2001: Municipalizada: Projetos implantados: Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE); Amigos da Escola; e Horta Escolar; Alfabetização de Adultos, Telecurso 1º e 2º graus (estes dois últimos à noite)

Matriculados para o ano letivo de 2001: 372 alunos (matricula final de 6 a 14 anos)

Funcionários: 15 Estaduais e 16 Municipais;

Turnos: Matutino e Vespertino;

2002: Escola Municipal Pedro Alves Ferreira;

Área: 1.344 m² (salas para diretoria, secretária geral, coordenação e professores, seis salas de aula, banheiros para os alunos, alunas e funcionários e dois depósitos para materiais de higiene e limpeza e pedagógico) (DOSSIÊ, 2002).

⁴ Por meio da verba do Programa do Dinheiro Direto na Escola do Governo Estadual (PDDE, 2001/2) a unidade repassou cinquenta uniformes ao alunado carente (DOSSIÊ, p. 2002).

⁵ Programa do Governo Federal que visa a permanência da criança na escola e evitar o abuso do trabalho infantil, repassando R\$ 15,00 reais às famílias que ganham em média R\$ 90,00 por pessoa mensalmente (DOSSIÊ, 2002).

Saúde, na escola, às crianças representa uma chance a mais às famílias de darem aos filhos algo que sozinhos não conseguem dar.

O programa de alfabetização de Jovens e Adultos⁶, implantado na unidade escolar à noite, desperta na família o interesse de obter novas possibilidades de melhoria na renda familiar e é o caminho para novas portas se abrirem a quem está empregado e para os desempregados, uma chance de empregarem-se.

É comum os próprios filhos(as) participarem da renda familiar com uma parcela de trabalho, na atividade de vender o que a família produz, como “laranjinha”, pamonha, biscoito; e colhe, como frutas da época, pequi, manga e banana.

Mesmo com a dificuldade de construir uma economia que lhe sustente, a família se mostra solidária à religião professada, ora com o pagamento do dízimo, ora nas ofertas, ora oferecendo prendas para leilões⁷, ora colaborando para reforma do templo de sua religião. A família colabora também, quando solicitada pela escola, com semente para a horta, caixa escolar, mesmo em pequena escala. Existe, portanto, a partilha de bens econômicos quando tem em vista a educação e a religião⁸.

Na ausência do emprego ou no subemprego, a família toma suas decisões e faz escolhas, nesta hora o templo funciona como ponto de reuniões das pessoas que carregam características comuns, necessidades semelhantes e que pedem por si mesmas, pelas famílias e pelos amigos ajuda a Deus para as pequenas e grandes coisas. Nesse ponto, a religião serve à família que se liga ao sagrado, ao místico, ao impalpável para conseguir coisas bem concretas como comidas, material de construção, atendimento médico e segurança pública⁹.

⁶ Programa do Governo Federal conhecido como Alfabetização Solidária (DOSSIÊ, 2002).

⁷ Refere-se aos católicos; estes correspondem 71,3% dos educandos da unidade pesquisados.

⁸ O templo/igreja é visto como maior representação da religiosidade das crianças, veja na segunda parte.

⁹ No segundo semestre de 2001, a cadeia pública municipal de Bela Vista de Goiás foi transferida do centro da cidade para o bairro Las Vegas I, despertando um certo tipo de desconfiança dos habitantes dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, sendo comum a pergunta “será que teremos mais segurança?” Em contrapartida O Jornal 5 de julho, edição de agosto, p.04, traz a seguinte matéria:

A família carrega consigo característica da não autonomia referente ao trabalho, uma vez que a comunidade campo, em especial do Bairro Santa Cruz, sempre foi, desde o seu surgimento, fornecedora de mão-de-obra barata e sem exigência de qualificação; hoje, os pais mandam os filhos para a escola na expectativa de que consigam esta autonomia por meio da qualificação e do estudo. Há, então, uma esperança nítida de que a escola pode transformar a realidade individual e social do Bairro Santa Cruz. A família que compõe o Bairro Santa Cruz não enfrenta tanta resistência quanto a que compõe o Las Vegas I na hora de buscar um trabalho, por isso há um esforço muito grande dos pais do Las Vegas I em desejarem que os filhos permaneçam na escola e que concluam os estudos, baseado-se nisso está índice de 96,9% do educando provindo do Las Vegas I, desde a criação da escola, segundo matrícula inicial (PDE/2001).

É imprescindível também a preocupação da família em busca de uma formação sólida para a criança ao levá-la, desde pequenino, ao templo/igreja, esta criança refere-se ao educando da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, cuja identidade de um ser coergido vem à tona em seus desenhos (em anexo) e se expressa necessitada de uma proteção maior porque a comunidade em que vive é violenta e desprazerosa.

Quando se trabalha a coerção por meio de Durkheim, entende-se que o templo/igreja nos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I coerge o educando, tirando-o dos ambientes de riscos à vida, tendo a criança o apoio da sua família, com a concepção de que o templo/igreja é um lugar seguro.

Presídio Público. "O Dr. Ricardo Teixeira de Lemos, juiz titular da comarca de Bela Vista de Goiás, determinou que o alojamento coletivo, "presídio público", deste município obedeça a todas as normas regulamentares em concordância com a Lei n.º 10.258, de 11 de julho de 2001, que altera o art. 295 do decreto-lei n.º 3.689, de 3 de outubro de 1941 – Código de Processo Penal. Desta forma passou a ordem expressa para que não seja permitido adentrar naquele local, rádios, tvs, aparelhos de som, barbeadores, espelhos etc. E já foi providenciado local e material para que os 25 detentos atualmente não fiquem sem nenhuma atividade, desta forma irão trabalhar na horta no terreno do presídio".

Portanto, buscar os desenhos das crianças é buscar um entendimento de que é a família a primeira a induzir uma coerção (DURKHEIM, 1984) à criança, cuja recompensa espera-se com a paz de espírito oferecida pelo templo/igreja, longe da violência e das drogas.

Quando também se busca Durkheim, tem-se o apoio de que o educando carece ser protegido pela sua família e que esta, levando-o ao templo/igreja, está construindo alguns valores básicos ao ser humano, tão raros na comunidade do Bairro Santa Cruz e Las Vegas I, e comprovados por meio de sentimentos, relatados no capítulo II, como: da lembrança e presença de Deus, é abençoada por Deus, da liberdade; que respiram um ar melhor; que o templo é um lugar de alegria de ser feliz, de estar no céu, de que é possível um mundo melhor; de que a paz é uma realidade concreta, da importância da união entre as pessoas; lugar de oração, de alimento espiritual; lugar onde encontram as coisas boas e expulsam as ruins; são amadas, alegres, amorosas igual a um pássaro, amadas na presença de Deus e dos irmãos; e que o templo/igreja é o alicerce para a paz com os irmãos.

1.1.1.2 Aspectos Sociais

Mesmo com o aspecto econômico, na vida familiar, sem grandes perspectivas, os Bairros Santa Cruz e Las Vegas I realizam momentos festivos. Além da festa Católica, em honra a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro Santa Cruz, e que envolve o Las Vegas I, é comum acontecerem nas Associações São José, dos Aposentados e das Fiandeiras¹⁰ festas comemorativas, especificamente em datas como carnaval, festa das mães, festas juninas, dia dos idosos, dias dos pais e natal. Cada um dos grupos supracitado as promove conforme as suas condições e o tipo de trabalho que exerce, providenciando a sua divulgação por meio de cartazes, bilhetes e serviços de alto-falante. A comunidade responde com a participação, com alegria e despida de qualquer caráter de

¹⁰ A associação São José ministra aulas de reforço aos alunos de 1ª à 8ª séries, em 2001 atendeu a 180 crianças da Escola Pedro Alves Ferreira situada no Bairro Las Vegas I. A Associação dos Aposentados mantém projetos de assistência médica aos idosos e está situada no Bairro Santa Cruz. A Associação das Fiandeiras está situada no Bairro Santa Cruz e mantém os seguintes projetos: alfabetização de adultos e cursos para fiandeiras (DOCUMENTOS DIVERSOS, 1998).

inferioridade, o que significa dizer: nestes momentos não vale a tristeza, nem as preocupações.

Há um esforço para preservar estes momentos festivo-comunitários, mesmo que a comunidade conviva com as drogas, com a violência, tão presente nos dois bairros quanto em qualquer outro lugar.

Numa tentativa de reduzir o índice de crimes, a Delegacia de Polícia estabelece a ronda policial, uma vez por semana, à noite, denunciando, com esta ação, indiretamente, os sinais de insegurança comunitária; a mesma insegurança fica implícita nos desenhos (em anexo) das crianças pesquisadas e que no papel transpuseram indiretamente o medo, a própria insegurança social, a violência familiar, o vício, o assassinato e a presença das drogas pesadas.

*Tenho medo de que um dos meus colegas de futebol, de orações do templo/igreja e de escola seja vítima de crimes; de que os seus pais afastem-se do bairro por medo da violência.
Constantemente ouço falar que dentro dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I estão ocorrendo atos de atentado à vida, à liberdade de ir e vir. Muitos dos causadores destes atos são pessoas que não freqüentam o templo/igreja e nem à escola, por isso eu não vou me afastar do templo/igreja, nunca vou deixar de estudar (Depoimento de Lucas da 4ª série vespertino)*

A contribuição durkheimiana (1984) vai ao encontro do que a escola se propõe em nível de preparar o alunado para atuar na sociedade em que vive. Portando, o alunado vive em uma realidade precária, o projeto político-pedagógico impulsiona à inclusão social do seu alunado e Durkheim diz que a coerção se torna necessária à formação de pessoas para atuar em uma sociedade, coerção esta entendida como um instrumento que leve a ações pedagógicas com base na realidade da criança. Tendo em vista que a maior representação religiosa do alunado é o templo/igreja, confirmada por meio de desenho em anexo, faz-se necessário considerar esta representação religiosa no projeto pedagógico da escola (Capítulo III).

Curiosamente, a família que forma a comunidade posiciona-se como forte e valente, abre suas portas para o diálogo, usando como instrumento a religião e a educação para demonstrar a sua vitalidade, esta última entendida aqui desde os

cursos oferecidos pela Associação São José e pela Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, desde a Educação Infantil até a 4ª série do Ensino Fundamental, durante o dia; e à noite, o Telecurso 1º e 2º graus e a Alfabetização de Jovens e Adultos. Esta interação entre crianças, jovens e adultos tem aumentado a auto-estima comunitária, pois, socialmente, os momentos promovidos pelas instituições, Associação São José e Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, tornam-se mais sólidos, capazes de sobreviverem em uma realidade de violência e drogas.

Os Bairros Santa Cruz e Las Vegas I recebem atendimento do Programa de Saúde da Família do Governo Federal, de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h, o atendimento por um profissional da área de Saúde vem facilitar a vida dos moradores e trazer-lhes uma certa segurança, pois sabem com quem contar na hora da doença. O fato do mesmo grupo de profissionais atender sempre à unidade cria elos e estabelece vínculos que facilitam o tratamento. A pessoa busca o atendimento médico em momentos de fragilidade, e contar com alguém que já se tornou íntimo aumenta o resultado profissional e faz também com que o paciente sofra menos (VEJA, 12/12/2001, p. 11-15).

Por outro lado, o desempenho, o subemprego e ainda a inconstância na renda familiar geram um aspecto social digno de nota, o grande número de bares, oito no bairro Santa Cruz e quinze no Las Vegas I, tem colaborado para o alto índice de consumo de bebidas alcoólicas e de cigarros comuns; além de venderem estas drogas lícitas, estes bares negociam a alimentação básica da população, contando com os estabelecimento chamados de 'mercadinhos'.

Uma característica recentemente acrescentada à comunidade nasceu da transferência da cadeia pública¹¹ para dentro dos limites em que vive esta comunidade. O que seria interpretado como mais segurança, na verdade, aumentou a insegurança, assustou às pessoas e acentuou-lhes o medo.

¹¹ Ver nota de rodapé n. 9.

1.1.1.3 Aspectos religiosos

Na comunidade-campo, há elementos para se trabalhar o ecumenismo¹², porém esta possibilidade esbarra no dogmatismo¹³ e na busca de auto-afirmação de cada religião cristã¹⁴. O conceito de salvação é único: Jesus Salva, os meios são diversos, em obediência à Palavra do Senhor, interpretada ao 'pé da letra' de forma fundamentalista¹⁵, provocando o surgimento dos templos/igrejas¹⁶ nos dois bairros que em média possuem 600 pessoas. Muitas destas pessoas, geralmente em família, freqüentam assiduamente os seus templos/igrejas como Igreja Católica, Assembléia de Deus, Deus é Amor, Igreja de Cristo, Brasil para Cristo, Jesus é o Caminho; com exceção da Católica, todas elas chamam de irmãos o companheiro ou companheira de cultos, selando definitivamente a possibilidade de uma união entre os templos cristãos em prol do Reino de Deus, criando uma característica peculiar para o Bairro Santa Cruz e Las Vegas I.

Na igreja Católica, existe a variedade de "ritos sociais", em escala maior, em relação aos demais templos cristãos. A missa é realizada uma vez por mês em cada bairro, no Bairro Santa Cruz todo primeiro sábado de cada mês e no Las Vegas I, todo o domingo à tarde, em casa de fiéis católicos; para estes dois momentos, há um expectativa criada e por isso, em prol do ato religioso, são preparados os cantos, as flores, as velas, os leitores, a limpeza interna e externa do espaço onde a cerimônia religiosa irá se realizar.

¹² "O termo ecumenismo e, em particular, o adjetivo ecumênico são atualmente utilizados em dois sentidos diferentes. Em expressão como patriarca ecumênico ou concílio ecumênico, o termo tem um antigo significado, ligado ao grego clássico em que *oikuméne* indicava o mundo habitado, mais especificamente o mundo da cultura grega ou romana, o império romano bizantino e, mais tarde, o mundo cristão unido ao império romano dividido. E assim referia-se também à doutrina oficial, ortodoxa, comum à igreja oriental e ocidental. Somente no período 1920-1930 os termos ecumenismo/ecumênico começaram a ser usados correntemente para indicar o movimento em prol da unidade dos cristãos. O termo é às vezes utilizado num sentido ainda mais vasto, isto é, para indicar todo tipo de esforço tendente à unidade entre as nações. Utilizamos aqui o termo em seu atual significado mais restrito, para designar os esforços em prol da unidade entre as igrejas cristãs separadas" (*DICIONÁRIO*, 1994, p. ?).

¹³ Dogmatismo deriva-se da palavra dogma, "costumeiramente, o termo 'dogma' refere-se a uma declaração dogmática, a uma proposição que exprime uma parte do conteúdo da revelação divina, proposta como tal pela igreja e a que se deve prestar assentimento de fé" (*DICIONÁRIO*, 1980, p. ?).

¹⁴ São religiões que pregam o Cristo como Salvador.

¹⁵ "[...] o fundamentalismo é uma reação crítica à erosão das certezas tradicionais, gerada pelo modernismo em teologia e pela investigação histórico-crítica da Escritura" (*DICIONÁRIO*, 1994, p. 331).

¹⁶ Serão trabalhados na segunda parte, levando em consideração os desenhos realizados pelo educando.

Por ocasião da falta da missa, os fiéis católicos dos dois bairros organizam a sua agenda religiosa semanalmente, em que há uma migração deste fiéis do Bairro Santa Cruz para o Las Vegas I em busca de momentos de espiritualidade¹⁷. Na segunda-feira, tem-se o terço próximo à residência do seu Odilon Chaves; na terça, aos arredores da casa de dona Genesí Bonifácio; na quarta, próximo a do seu Antônio Sacerdote; na quinta, as orações são feitas na capela do Bairro Santa Cruz; na sexta-feira, os fiéis católicos são impelidos a rezarem pela vocações, em geral, em suas residências. Iniciativas de formação humana são colocadas à disposição da comunidade por meio de cursos¹⁸ que objetivam levar os fiéis a comprometerem-se com a solidificação da fé por meio do conhecimento da Palavra de Deus em círculos bíblicos¹⁹, formação de ministro para exéquias, para comunhão e de leitores, e para ação pastoral da criança ao atender às crianças mais carentes, conseguindo assim uma proeza, como em todo o Brasil²⁰: acabar, no caso dos bairros, com a mortalidade infantil. Enfim, há nos dois bairros os grupos de oração carismática que transculturam suas fórmula emotivas e de pensar a cura²¹ da sede paroquial para la comunidade e de multiplicação da linha pastoral do Arcebispo Dom Antônio Ribeiro de Oliveira²².

¹⁷ Dona Maria Anita participa dos eventos religiosos no Bairro Santa Cruz e freqüenta o terço nas terça e Sexta-feiras rezado no Bairro Las Vegas I.

¹⁸ A Arquidiocese de Goiânia oferece curso de Formação Permanente toda às segundas e quintas de cada mês no centro Pastoral Dom Fernando Gomes de Oliveira. Além disso, via Universidade Católica de Goiás, há as Escolas de Circo, Projeto Aroeira, Instituto Dom Fernando e o Secom que acolhem e educam as pessoas sem nenhuma oportunidade de vencerem, objetivando incluí-las na sociedade como verdadeiros cidadãos.

¹⁹ A irmã Carme coordena o círculo Bíblico toda às quartas-feiras à noite no templo/igreja do bairro. Esta atividade, há tempos, é uma ação do projeto de evangelização da Arquidiocese de Goiânia, visando formar seres humanos em sua fé, aprofundando os textos Bíblicos, sob o crivo da realidade em que se vive.

²⁰ A pastoral da Criança em 1998 recebeu o prêmio da UNICEF por colaborar na redução da imortalidade infantil no Brasil, sobretudo no Nordeste brasileiro, por meio do trabalho de acompanhamento às famílias.

²¹ Imposição da mão, Terço da Libertação, a fotografia do Padre Marcelo e suas músicas são ouvidas com freqüências nos lares católicos.

²² A hierarquia milenar da Igreja Católica conserva - se até hoje com os seguintes *status quo* social e religioso: papa, bispos, padres, diáconos e leigos. Os cardeais são os que escolhem o papa; os arcebispos zelam por uma arquidiocese, os bispos por uma diocese, os padres por uma paróquia auxiliada pelo diácono e os leigos, chamados por Povo de Deus (Direito Canônico da Igreja Católica)

A Assembléia de Deus²³ apresenta-se nos dois bairros com uma expressão religiosa que só perde para a Igreja Católica em matéria de organização no atendimento aos fiéis. Há horários estabelecidos em quatro dias da semana nos dois templos; um localizado no Bairro Las Vegas I apresenta-se pomposo para aquela realidade, com a capacidade de acolher seiscentas pessoas, numa altura de 10 m, com comprimento de 30 m e largura de 10m, com salas bem arejadas para reuniões, duas piscinas, um pomar e um campo de pequeno porte para futebol; a do Bairro Santa Cruz é simples, bem pequeno, capaz de comportar no máximo quarenta pessoas. Entretanto, os dois primam pela oração de libertação²⁴, adotam suas linhas dogmáticas e conceituam o mundo como pecaminoso, por isso clamam pela constância ao templo em busca de resistência ao pecado por meio da oração; este é o meio usado para libertar-se e alcançar a glória, a “paz de espírito” e para que isto seja alcançado, o crente, ao se converter, muda seus hábitos pessoais e sociais radicalmente na forma de avaliar e comprometer-se ao esporte, aos bares, a festas populares, não se permitindo freqüentá-los, adotando a Bíblia como símbolo máximo e as vestimentas que venham a cobrir “as suas vergonhas”, não optando pelas roupas esporte, e sim social, para os homens, ou por longos vestidos para as mulheres. Diria-se, então, com relação à própria Assembléia de Deus, que não teve abertura aos elementos da modernidade, tão bem distinto em outros templos, com relação à roupa e às questões sociais²⁵. A igreja Pentecostal Deus é Amor²⁶,

²³ Pertence ao Ministério Fama, sede em Goiânia.

A Organização das Assembléias de Deus em nível nacional: em 18 de junho de 1911, quando por deliberação unânime, foi fundada a Assembléia de Deus no Brasil, tendo em Daniel Berg e Gunnar Vingren os primeiros orientadores. O termo Assembléia de Deus dado à denominação não tem uma origem definida entre os membros, entretanto, sugere-se estar ligado às Igrejas que na América do Norte professam a mesma doutrina e recebem a designação de Assembléia de Deus ou Igreja Pentecostal. Sobre a questão, é aceitável o seguinte testemunho do irmão Manoel Rodrigues. "Estou perfeitamente lembrado da primeira vez que se tocou neste assunto. Tínhamos saído de um culto na Vila Coroa. Estávamos na parada do bonde Bemal do Couto, canto com a Santa Casa de Misericórdia. O irmão Vingren perguntou-nos que nome deveria dar-se a Igreja, explicando que na América do Norte usavam o termo Assembléia de Deus ou Igreja Pentecostal. Todos os presentes concordaram em que deveria ser Assembléia de Deus. Em 11 de Janeiro de 1968 a denominação foi registrada oficialmente como pessoa jurídica, com o nome de Assembléia de Deus". (www.AssembléiadeDeus.com.br).

²⁴ Os tipos de libertação são: das drogas, da pornografia, do roubo e das doenças.

²⁵ As questões sociais mais pertinentes são: a segurança pública, drogas, violência, saneamento básico e educação.

²⁶ A Igreja Pentecostal Deus é Amor, hoje já está com 8.140 Igrejas, espalhadas pelo Brasil e em mais 136 países de todo o mundo. (www.Deuseamor.com.br)

fundada pelo missionário David Martins Miranda, no dia 03 de julho 1962, traz esta informação na parte frontal do templo, assim como os horários dos quatro dias de culto na semana. É a única nos dois bairros, tendo a sua localização no Las Vegas I. Adota uma posição rígida com relação aos fiéis, além de serem impelidos à leitura bíblica ao pé da letra, são levados a comportarem-se socialmente de forma que venham a definir sua opção religiosa pela denominação por meio do não corte do cabelo, para as mulheres, vestes cada vez mais pesadas e sem toques de vaidades, se comparadas ao estilo de vestir das mulheres da Assembléia de Deus, e a manterem uma obediência fiel às orientações do pastor. Quanto aos homens, prega-se a abstinência ao álcool, ao cigarro²⁷, o trabalho honesto para contribuir com fidelidade para com o dízimo, dedicam grande parte do seu tempo ao trabalho religioso que se estende, além do templo, às visitas e ao encontro em família, ajudam os doentes no apoio espiritual quando um irmão de credo encontra-se em dificuldades.

A Igreja de Cristo²⁸ não possui um templo/igreja na comunidade dos bairros Santa Cruz e no Las Vegas I, porém possui células que exercem a função de templo, ou seja uma casa, e uma família está encarregada de fazer as funções do templo. A meta principal da Igreja de Cristo, que tem seu templo-sede no centro da cidade, é orientar a evangelização por meio de células e fazer engrandecer o nome de Deus, mostrando Cristo como única meio de chegar a Deus; os fiéis reúnem-se nesta casa - célula para louvar, fazer leitura da palavra de Deus e comentários de

²⁷ Estes vícios são portas abertas ao inferno, porém há ainda a salvação que está em Jesus Cristo (opinião do pastor Jean Cruz).

²⁸ A Igreja de Cristo é a primeira igreja evangélica de origem totalmente nordestina, com identificação profunda com a região, já que a aridez dessa região tem analogia com a região médio oriental do nosso Senhor Jesus Cristo. Desde a sua origem, a Igreja de Cristo tem a proposta bíblica de pregar a justificação pela fé, a salvação eterna do crente genuíno sem o concurso do mérito próprio, o cultivo equilibrado dos dons extraordinários e o governo congregacional teocrático. O Conselho de Líderes de cada igreja local é formado por pastores, presbíteros, diáconos, evangelistas e missionários. As lideranças de cada cidade formam um ministério, os ministérios por região formam um Conselho Regional, formando, no conjunto, um Conselho Nacional.

Então, nacionalmente, a Igreja de Cristo tem a sua representação organizacional máxima pelo Conselho Nacional, que se reúne anualmente em assembleia nacional no mês de julho, seqüenciado cada Estado do país onde a Igreja está presente. Sendo eleita uma Diretoria do Conselho Nacional para um período de dois anos.

Até julho de 2001 a Igreja de Cristo estava presente nos seguintes estados brasileiros: Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. O número de membros e congregados é de 17.000 distribuídos em 250 igrejas e congregações. (www.igrejadecristo.com.br).

caráter fundamentalista²⁹. Neste encontro, podem estar presentes pessoas de outros credos religiosos, demonstrando uma abertura da aceitação ao diferente, mas ao final parte para o proselitismo³⁰. Os membros das células da Igreja de Cristo fazem jejum pelo bem da família, pelo clã e pela cidade. São costumeiros as orações e jejuns em prol da diminuição dos vícios e da violência presente.

Em cada célula, o líder é responsável pela assistência espiritual de cada membro, este mesmo líder, diante de um problema mais grave, tem a obrigação de buscar ajuda do Pastor no templo-sede, situado no centro da cidade. Na célula, o conceito de casamento é o mesmo praticado no templo-base: as pessoas são orientadas a buscarem o namoro, o noivado e chegarem ao casamento com a pessoa que professa na célula.

Procurando seguir as normas do templo - sede, que abrange toda a cidade, a célula mantém uma vigília noturna de oração pela comunidade dos bairros, cada pessoa ora por um período de sessenta minutos, depois liga para outra informando que horário terminou e que a outra deve dar prosseguimento à corrente.

A Congregação Cristã no Brasil³¹, recente no bairro Las Vegas I e ausente no Santa Cruz, é responsável, assim como todas os outros templos religiosos, pela socialização da cultura religiosa na comunidade-campo e de dar prioridade à defesa do patriotismo, como o fim de inculcá-lo, no universo formativo dos fiéis e das crianças que freqüentam o templo/igreja. Curiosamente, em sua maioria, a família,

²⁹ Ver nota de roda de rodapé n. 15.

³⁰ "Proselitismo (s.m.) Atividade diligente de fazer prosélitos. Prosélitos (s.m.) Indivíduo convertido a uma doutrina; idéia ou sistema; adepto, partidário" (*DICIONÁRIO AURÉLIO*, 1980)

³¹ O fundador da Congregação Cristã no Brasil, Louis Francescon, nasceu em Cavasso Nuovo, província de Udine, Itália, em 29 de Março de 1866. Ainda jovem imigrou para os Estados Unidos da América onde teve seu primeiro contato com o evangelho de Cristo por intermédio da igreja Valdense. Logo após, fundou com a ajuda de alguns crentes a igreja Presbiteriana Italiana, no entanto seu questionamento sobre o batismo por aspersão não permitiu tão pouco sua permanência nessa denominação, desligando-se dela algum tempo depois. Em 1907, quando florescia nos E.U.A o movimento pentecostal, Francescon tomou conhecimento dele por meio do pastor batista Willian H. Durham, um dos pioneiros do movimento pentecostal, sendo batizado no Espírito Santo nesse mesmo ano. Em 1909, Louis Francescon e seu companheiro Giacomo, também pioneiro do movimento pentecostal na Itália, por mandamento divino, chegam à Argentina e posteriormente ao Brasil em 8 de Março de 1910. Tendo começado em São Paulo e no Paraná, fundaram de início uma igreja com vinte pessoas re-batizadas, oriundas de diversas denominações evangélicas tais como: Batistas, Presbiterianas, Metodistas e curiosamente apenas um católico. Seu campo de pregação se deu especialmente entre colônias italianas, o movimento se espalhou depois por todo o território nacional. (www.congregação Cristã no Brasil.com.br).

praticante desta religião, é assídua às reuniões na Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, demonstrando estar interessada na educação não só dos filhos, mas de toda a comunidade, ali procuram saber sobre os projetos instalados na unidade escolar, participando de alguns deles³², em seus avanços e retrocessos. Por exemplo, Luciene de P. Santana mantém um filho matriculado da 1ª série, é participante ativa do Conselho Fiscal Escolar, oferece sua contribuição acerca da análise dos balancetes, das verbas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério e do Programa do Dinheiro Direto da Escola (PDDE) e faz-se presente no dia da entrega de notas, preocupando-se com o andamento de toda a turma a qual seu filho pertence. A presença do templo/igreja em suas ações vem à tona por ocasião do respeito à autoridade, que é o mesmo dado ao pastor e ao diretor da unidade escolar.

O Pastor envolve a todos com sua eloquência, provocando nos fiéis a construção, dentro do templo, de um comportamento socializado/passivo. O reflexo disso é notório na relação extra templo/igreja, implicando dizer que na relação intra templo é altamente de submissão, este fator é saliente por ocasião de um contato com autoridades, cujo encontro é decisório a um fim, seja no âmbito religioso, educacional ou político. É a relação comunitária dos fiéis da Congregação Cristã do Brasil definindo formas de comportamento social.

A conduta descrita da fiel família é acompanhada de chavões bíblicos, tipo Deus seja louvado, é tudo pelas graças de Deus, Deus te abençoe, Jesus te ama, sem presumir a ação ou conseqüência de qualquer aceitação imposta ou sugerida por qualquer autoridade em sua vida, falta-lhe o uso da reflexão crítica³³ para a análise de questões básicas em sua vida por meio da escola, templo/igreja e política³⁴. O que a alimenta dentro do templo/igreja é a busca da felicidade, apoiada

³² Veja nota de rodapé n. 03.

³³ “Quando mais se problematiza os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tenda a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada” (FREIRE, 1970, p. 80).

³⁴ O templo/igreja costuma ser um reduto que favorece a política em época de eleição, uma espécie de curral eleitoral, especialmente em campanhas eleitorais, nos templos evangélicos. A igreja católica costuma desenvolver um trabalho de conscientização para ‘votar certo’, sem apontar candidatas.

por assim dizer em uma 'moral religiosa', tendenciosa ao respeito ingênuo a quem exerce um tipo de poder religioso e social.

A igreja pentecostal Jesus é o Caminho³⁵, surpreendentemente no bairro Las Vegas I há três templos/igrejas desta denominação, mantém semanalmente horários que dêem condições para que um determinado fiel participe de todos os cultos em cada templo; destes três templos/igreja, dois surgiram da dissolução do templo/igreja Filadélfia e Monte Sinai em meados do ano de 2000, sendo desconhecida a sua causa. Por ser um bairro com quinze Km², estes templos/igrejas Jesus é o Caminho instalaram-se em um raio de um Km um do outro. Seguem orientações pastorais do templo-sede localizado no Centro de Bela Vista de Goiás, têm a Palavra de Deus como guia e definidora de comportamentos sociais dos congregados, livrando-os do pecado, do erro, em busca do caminho certo. As mulheres vestem normalmente roupas femininas de modelo tradicional, mantêm-se com os cabelos compridos, não se maqueiam, convencidas de que tudo isso as levam ao caminho do pecado se não se cuidarem. Andam sob os preceitos bíblicos, apreendidos no templo/igreja e não pela doutrina do pastor; se quiserem ser um membro do templo/igreja, tem de aceitar o que está escrito nas Sagradas Escrituras, se abrirem mão da Palavra, estarão condenados (mulheres e homens). A Bíblia é o livro dos livros, tem na "ponta da língua" a mensagem apocalíptica que diz, interpretando a passagem, que ninguém pode tirar, nem acrescentar ao livro sagrado e cujas partes são duas: a lei (antigo testamento) e a graça (novo testamento) escritas por homens inspirados por Deus.

A concepção que tem-se de Jesus é a de que ele sofreu demais e não era um homem vaidoso. O que norteia a mentalidade dos fiéis é que, se todos os templos/igrejas professassem a verdadeira mensagem de Jesus Cristo, não haveria tanta destruição e falta de comida para os irmãos em todas as religiões, pois, conseqüentemente, o templo/igreja deveria ser um só e o resultado disso seria um mundo melhor, uma vez que Jesus é bondade e é só quem pode tirar o ser humano da miséria, sobretudo espiritual. O pecado pode ser tamanho de um grão de

³⁵ Nos bairros é o mais novo templo/igreja das denominações religiosas evangélicas.

mostarda como equivalente ao universo, ambos levam ao inferno, às trevas, ao sofrimento.

Os três templos/igrejas Jesus é o Caminho do Las Vegas I mantêm pontos em comum: todas as crianças são coleginhas, estudam na mesma Escola do Bairro Santa Cruz, têm ensino dominical no templo - sede, onde são servidos lanches e café, são proibidos de assistirem aos programas pela televisão e seus pais são ex-católicos, tendo deixado o catolicismo há pouco mais de cinco anos, sem exceção. Mantêm o ritual em uma espécie de comunhão comunitária, participam do dia da ceia uma vez por mês no templo - sede, reservando os dias de culto para escuta e meditação da palavra. Mantêm a fidelidade ao dízimo e têm como ritual ofertar o que de melhor possuem para manutenção da obra; concebem o templo/igreja como as quatro paredes e a Igreja, a pessoa humana, que nele congrega, transformando - se em templo do espírito como todo o evangélico, fiéis da denominação Jesus é o Caminho, citam passagens bíblicas para justificarem a sua posição de crente salvo pelo sangue de Jesus Cristo.

1.2 RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO ÉTNICA NOS BAIROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I

Estes três elementos – religião, educação e etnia – estão entrelaçados na vida social dos Bairros Santa Cruz³⁶ e Las Vegas I, por assim dizer um fato social³⁷ se comunga nestas três vertentes uma vez que, num dado momento, o ser humano

³⁶ O Bairro Santa Cruz é um bairro histórico da cidade de Bela Vista de Goiás, nascido nos meados do século XIX, junto à mesma cidade que na época pertencia a Bonfim, hoje Silvânia. O bairro Parque Las Vegas I, bem mais recente, nasceu a pouco mais de vinte anos, devido ao loteamento de uma fazenda de dona Hipólita Ribeiro, indo da fronteira com Santa Cruz até às margens do Rio Piracanjuba (HISTÓRICO, 1981, p. 04).

³⁷ “É fato social toda maneira fixa ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção interior” (DURKHEIM, 1995, p. 11).

(ántropos) é envolvido por um tipo de coerção social³⁸. Embora possa vir da religião, educação ou etnia, ela, a coerção, expressa-se violentamente sobre o homem. O indivíduo se rende, portanto, aos ditames do fato social assim constituído, chegando-lhe pelas vias mencionadas. A acentuação deste elemento não se furta à prática exterior, poderia ser dito numa realidade altamente intrínseca ao indivíduo, agregado ao seu interior, especificamente ao mundo pessoal simbólico.

Destarte, as religiões presentes nos bairros abraçam essencialmente os elementos educativos e étnicos presentes na vida comunitária. Quando se coloca diante das crianças a proposta de desenhar o que a religião lhe representa, considerando que todas elas congregam ou possuem parentes ou amigos que congregam as religiões cristãs, vem à tona o templo/igreja como algo de mais forte, o espaço onde se encontra “a paz, a harmonia, a felicidade” etc. A maioria destas crianças possui traços afros, porém conservam também os indígenas e europeus.

1.2.1 RELIGIÕES, EDUCAÇÃO NOS BAIROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I

O cristianismo é essencialmente um movimento religioso responsável pela preservação da memória na vida comunitária dos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I; este aspecto refere-se ao catolicismo em primeira mão. O cristianismo, incluindo o catolicismo e o evangelismo, é “a lembrança e a sobrevivência do passado” (BOSI, 1994, p. 53). Abraçando esta idéia como vital para compreender um contingente de pessoas que têm na religião, como símbolo maior o templo/igreja, tem-se um dos alicerces bases para entender as manifestações religiosas e a valorização da educação nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

Para tanto, a memória tem sido ao longo dos anos a corrente por onde transita o passado com todo seu valor, passando de pai para filho característica,

³⁸ “Cabe ressaltar que, no pensamento durkheimiano, a coerção, o constringimento ou a violência à natureza essencial do homem, além de necessária e benéfica, se realiza como atração e sedução, pois são forças morais relacionadas à noção de dever. A aceitação da disciplina, dos valores culturais, dos costumes, o espírito de renúncia em favor de uma vida social são conseqüências da consciência que o educando adquire do dever personificado, por meio da prática desenvolvida pelos pais e mestres” (CARNEZIM, 2000, p. 637).

comportamento, noções que só se encontram na comunidade pesquisada, o que a distingue de outras da mesma cidade. Esta mesma corrente é hoje responsável pelo acontecimento presente.

A função de lembrar é conservar o passado na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente e descartado, desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial e elevado à hierarquia do insólito; e no fim forma-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (BOSI, 1994, p. 68).

Nas comunidades-campo, salta aos olhos esta forte manifestação da memória e da vivência, dos mitos e ritos, símbolos construídos antes mesmo, por exemplo, do templo/igreja do Bairro Santa Cruz existir. É notória a força argumentativa de Bosi quando ressalta a memória como instrumento principal de preservação das “riquezas passadas”. Este termo sinaliza inúmeras vertentes na ótica das religiões presentes de cunho místico, simbólico e representativo, especificamente a religião católica, diga-se de passagem, também há denominações como Assembléia de Deus, Deus é Amor; Igreja de Cristo, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Pentecostal Jesus é o Caminho³⁹.

1.2.2 A RELIGIÃO CATÓLICA NOS BAIRROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I

As missas são celebradas no templo/igreja do Bairro Santa Cruz, atendendo também ao Bairro Las Vegas I, em toda a última quinta-feira de cada mês. É um momento sublime, pois remete à memória do próprio Cristo, às tradições étnicas sinalizadoras de traços singulares à cultura oficiosa⁴⁰ católica da população; ocupando-se da religiosidade popular vêm à tona todos os tipos de símbolos adquiridos ao longo dos anos em festas, procissões, novenas, com o uso de fitinhas no braço, festa de São João em frente à capela, imagem de vários santos, além da padroeira do Bairro Santa Cruz, Nossa Senhora Aparecida.

³⁹ Conferir aspectos religioso, item 1.1.1.3.

⁴⁰ Compreende-se os ritos romanos: a missa realizada na comunidade campo.

A educação embrenha-se junto a este catolicismo, não se furtando ao aspecto da memória, mostra-se entrecortada dos vestígios da memória, conjugando-se com o místico, com o que é oficial e popular no mesmo âmbito, resultando uma absorção de caráter misto, tornando-se, portanto, a verdadeira educação no que tange ao místico. O templo/igreja, conhecido por Nossa Senhora Aparecida, agrega a todos quando querem buscar a presença do sagrado, sendo este portador do poder que emana o equilíbrio humano. Esta busca acontece por meio de uma missa por ocasião da presença de um padre. O que ocorre é um sentimento de que crescer individual e coletivamente é uma necessidade, sem distanciar-se, sem perder-se no tempo, apoiando-se neste momento na tradição e na memória. O homem é um todo, não pode o estudioso desmembrá-lo como se ele fosse fruto de uma amostragem feita ferramenta sem nenhum vínculo, num compromisso de construir um mundo cada vez melhor. O momento é oportuno para trazer Piaget a esta discussão, pois ele diz que o homem possui o potencial cognitivo⁴¹, mesmo quando é criança, isso implica afirmar que a proposta pedagógica da unidade escolar, que atende aos dois bairros e educa às crianças, deve estar agregadas à religião (às religiões) provadora de representações da vida das crianças; ao contrário, se não forem respeitados e valorizados a competência de cada um, teremos, portanto, um insucesso da proposta pedagógica escolar⁴². A religiosidade popular perante educação⁴³ das crianças não foge à regra, as pessoas da comunidade-campo conservam em si um tradicionalismo exacerbado, não aceitando as modificações do estilo pedagógico, as nuances exigidas pelo mundo moderno que são muito mais rápidas do que a educação. Os pais enviam as crianças à escola, esperam uma educação tradicionalista, pouco se preocupando que daqui a pouco este mesmo mundo vai exigir do seu filho uma postura fortemente moderna e rápida, sem muito tempo para discernir, optar. Aquele que parar para pensar que já não traz consigo a bagagem para decisões, conclusões e alternativas imediatas é tragado pelo mundo moderno, cai nas margens, não estará nunca no centro da vida, deixa de descobrir e

⁴¹ Por meio de Piaget, “potencial cognitivo” implica reconhecer que toda criança, quando freqüenta pela primeira vez a escola, possui um conhecimento de algo, pois ao nascer a criança estabelece uma relação de interação com o meio, é nesta relação que adquire o conhecimento cognitivo, o papel da escola é desenvolver este conhecimento na experiência da criança.

⁴² Apresentação de uma proposta pedagógica na terceira parte deste trabalho.

⁴³ Sob o ponto de vista Durkheimiano fala-se de uma Educação que visa a formar homens e mulheres para atuarem na sociedade, desenvolvendo papéis sociais (Durkheim, 1984).

aproveitar o que tem de próprio em favor do seu meio e de si mesmo, torna-se insatisfeito, é um homem incompleto. A escola, por meio de seu Programa de Desenvolvimento da Escola, o projeto político-pedagógico, tem demonstrado a realidade de ser um “depósito de criança” refletida no índice de reprovação nas quatro primeiras séries⁴⁴ e na ausência dos pais na unidade⁴⁵. Problema este que, acompanhado de uma proposta educativa inserindo a religião, como também formativa, seria uma das alternativas para se alcançar o sucesso das crianças, uma vez que todas, sem exceção, estão no mundo escolar com uma concepção religiosa, definidora de padrões morais e éticos, como atestam os desenhos, em anexo, pois

A educação é a assimilação da cultura. A educação cristã é assimilação da cultura cristã. É a inculturação do Evangelho na própria cultura. Seus níveis são bem diversos, podem ser escolares ou não escolares, elementares ou superiores, formais ou não-formais. Em todo caso, a educação é um processo dinâmico que dura a vida toda da pessoas e dos povos. Recolhe a memória do passado, ensina a viver e se projeta para o futuro. Por isto, a educação cristã é indispensável na nova evangelização (SANTO DOMINGO, 1993, p. 128).

Por um prisma Católico, a Educação, nos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I, tem alcançado um teor cristão, conservando-se assim elementos tradicionais, mas uma ação urgente, urgentíssima clama por uma inculturação⁴⁶ de uma pedagogia que tende a resgatar os valores como o diálogo, a qualidade do ensino, o respeito e a valorização das manifestações simbólicas, visando aproveitar as competências, dando margem para a valorização das representações oriundas das denominações evangélicas⁴⁷ no campo de pesquisa.

1.2.3 FORÇA DO DISCURSO OFICIAL CATÓLICO SOB O EDUCANDO

Entre todos os instrumentos da educação, possui a escola importância peculiar. É por força de sua missão que ela aperfeiçoa, com desvelo ininterrupto, a faculdade intelectual, desenvolve a capacidade de julgar com retidão, faz participar no patrimônio da cultura dos valores, prepara a vida profissional, faz nascer relações de amizade entre alunos de índole e

⁴⁴ Segundo O PDE/2001. O índice geral de reprovação foi de 20,5%, aprovação 67% e de abandono 12,4%.

⁴⁵ Muitos alegam que o motivo da ausência se faz em virtude do trabalho.

⁴⁶ Ver BOFF, L. *Evangelização a partir dos Oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 07.

⁴⁷ Conferir no segundo capítulo e em anexo os desenhos.

condição diversa e assim favorece a disposição mútua de se compreenderem. Além disso, constitui ela uma espécie de centro em cuja operosidade e progresso hão de participar, unidos, as famílias, o professorado, as associações de diversos tipos que promovem a vida cultural cívica e religiosa, a sociedade civil e toda a comunidade humana.
(VATICANO II, 1968, p. 587)

Não obstante, é imprescindível definir o que venha a ser o discurso oficial, o educando e a religiosidade popular, para melhor acentuar a sua unidade de observação, uma vez que, ao se propor esta dissertação, tem-se como base o pensamento durkheimiano (1984), que sustenta a ação coercitiva educativa sê uma ferramenta para oferecer à sociedade competentes cidadãos, todo o discurso, em qualquer esfera, tornar-se-á uma ação educativa formativa, diga-se de passagem, atendendo aos anseios do educando freqüentador do templo/igreja.

A primeira variável, o discurso oficial, implica como definição operacional toda mensagem escrita, dirigida pelos documentos Romanos e Arquidiocesanos inclusos e referentes à promoção humana, aos direitos humanos respeitados e esperança numa vida nova, sem exclusão social, motivada por meio destes documentos. A segunda variável, o educando, vai estar restringindo-se aos alunos da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, implicando todo aquele que participa dos ritos da missa católica (também dos cultos evangélicos). Quanto à religiosidade popular, longe de ser compreendida aqui como algo que está presente no mesmo espaço sagrado em que se manifesta as missas, está sendo citada como algo manifesto na vida comunitária da comunidade-campo.

Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, arcebispo de Goiânia, conhecido por seus argumentos incisivos a favor dos excluídos socialmente, tem feito valer os seus discursos sob vários segmentos e todos eles atingem aos educandos de alguma forma.

Por ocasião da missa do seu jubileu de ouro sacerdotal, em 1º de abril de 1999, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira mostra com sutileza, a noção do que venha ser uma verdadeira comunidade comprometida com o Reino de Deus. O exemplo de sua própria vida devotada à comunidade de irmãos.

Caríssimos irmãos e irmãs presentes a esta assembléia festiva [...] Nesta saudação, eu não quero usar outra palavra senão essa 'irmãos e irmãs'. Porque aqui nós constituímos a família santa de nosso Pai [...] Como é bonito: autoridades e povo; bispo, padres, religiosas, religiosos, leigos e leigas, todos irmanados numa só família, e a gente sentir que a vocação deste povo de Deus é abrir o coração para o Espírito Santo, deixar que o amor de Deus penetre todo o nosso ser, nos uma numa só comunidade para anunciar a salvação de Deus, para mostrar o caminho do Evangelho, que, para atingir o mundo inteiro, passa pelo pobre, pelo oprimido, pelo doente, pelo encarcerado, pelo cego [...] A nossa opção fundamental de ser Igreja é ser comunidade, é construir comunidade, é ser, para a sociedade egoísta de hoje, o sinal dos valores do Reino. É na fraternidade e na família, é na comunidade que busca o amor e a justiça, que nós anunciamos o Reino de Deus [...] Só Deus é Deus [...] vamos nos alegrar, não por Dom Antônio, vamos nos alegrar por Jesus Cristo! É preciso que Ele cresça e é bom que eu desapareça [...] Louvor, glória, honra e poder ao Senhor nosso Deus e ao Cordeiro imolado, Jesus Cristo Senhor nosso. Amém. (REVISTA DA ARQUIDIOCESE, 1999, n. 2, p.19-24)

A homilética do arcebispo é marcada de significações pertinentes à educação em seu sentido amplo, abraçando também as outras religiões, são princípios arraigados de elementos construtores e formadores de opinião. Obviamente, trata-se, na íntegra, de um discurso direto e de amplo teor evangélico-educativo inculturado pelos ministros ordenados, leigos(as) na comunidade-campo, sofrendo interpretações várias, mas nunca deixando de ser apresentado na comunidade como instrumento de práxis, resgatando junto aos educandos a importância de ser uma comunidade de irmãos, “escolhida pelo pai” e jesuana. O resgate destes elementos conclama a todos “irmãos-cristãos” a serem sacerdotes reais⁴⁸ e a dar apoio aos sacerdotes ministeriais, estes últimos responsáveis pelas transmissões do discurso direto do arcebispo em discursos indiretos para a comunidade do bairro.

Diante da imensidão de significado da prática fraterna, o educando recebe para a sua formação os elementos expressos na fala do arcebispo. Então, constroem-se conceitos de viver como irmãos; são impregnados valores a serem seguidos para ser uma comunidade fraterna, mesmo com os não-católicos; além da educação escolar e convencional, tem-se o despertar por sentimentos de comunhão

⁴⁸ *Bíblia de Jerusalém*. Apocalipse 1,6m: “e fez de nós uma Realeza e Sacerdote”. Todos os seres humanos são sacerdotes reais, basta colaborarem com realização do projeto de Deus. Aspecto este que diferencia dos sacerdotes ministeriais que necessariamente precisam defender uma doutrina eclesial.

do servir, entendido por força argumentativa que se “Deus deu a vida é para gerar a vida, até doá-la”.

No Plano de Desenvolvimento da Escola, este projeto contempla alguns traços da linha ideológica contida no discurso do arcebispo, tendo a amplidão de denominações representadas na escola, por intermédio das crianças, estendendo sua força além da fronteira da igreja católica. É interessante ver que os evangélicos não são excluídos das falas do arcebispo e são chamados, pelo documento vaticanista⁴⁹, de “irmãos não-católicos”. A escola não vê as crianças de outras denominações como não-católicas, e nunca adere-se a este slogan, mas sim, entende que elas são portadoras de representações que norteiam a própria vida estudantil. Este momento é vistoso quando se discute, em sala de aula, sobre o mundo e a pessoa humana: obras do amor de Deus como tema gerador, tendo, portanto, o subtema “somos responsáveis pelo mundo melhor”, em que é explorado a idéia de que Deus é o criador e coloca tudo em ordem, pois tudo era bom (Gn 1, 1-18); o professor explora os elementos da natureza e seus derivados, utilizando, por exemplo, o conteúdo do Salmo 33: “Hino de Louvor ao Deus que cria o universo e intervém na história; conduzindo o seu povo para vida” (*BÍBLIA EDIÇÃO PASTORAL*: 1990, p.703).

Estes elementos vitais são defendidos pela escola em seu projeto, tendo como mola propulsora o discurso do arcebispo. Não se quer dizer que estes elementos fazem o sucesso ou o insucesso do educando, vê sim que a escola é tomada por certos valores preconizados pelos discursos, considerando a cosmovisão dos evangélicos. Até porque na elaboração do PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) há membros evangélicos; vias que fazem com que a essência desses elementos chegue ao educando são o boletim informativo, o rádio, a TV, as missas, as romarias de Trindade, o trabalho dos leigos(as) e, acima de tudo, as professoras que, sem sombra de dúvidas, transmitem para os educandos o conteúdo expressivo das falas do arcebispo. Ora diretamente ao ler e ouvir falar em certos valores, como luta por melhores salários, como foi o caso do aumento para os professores em maio de 2000, que teve a pessoa do arcebispo como decisiva,

⁴⁹ LUMEM GENTIUM - CONCULIUM VATICANO II: 1968, n. 56.

ora indiretamente por meio do Plano de Desenvolvimento Escolar na defesa dos seus valores. Esse aspecto ganha uma acentuação magistral quando se observa a visão de futuro e a missão da escola, sendo reproduzidas indiretamente as visões do magistério católico, tendo assim que abraçar os valores das outras denominações religiosas presentes na escola, automaticamente o discurso do arcebispo traz a defesa da vida comunitária e a opção pelos excluídos. Para ilustrar o que se presta a dizer, é salutar transcrever a visão de futuro e a missão da escola, para logo em seguida fazer uma equiparação com trechos dos discursos de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira.

Visamos ser uma escola informatizada, com uma pequena biblioteca, cantinho de leitura em cada sala de aula, mais humana e sintonizada com 'os sinais dos tempos' (segurança pública, questões ecológicas, drogas, violência) (PDE, 2001, Questionário 3).

Nossa missão tem por finalidade assegurar um ensino de qualidade aos alunos através da valorização da pessoa humana, da criatividade, da pesquisa e da partilha de conhecimentos adquiridos (PDE, 2001, Questionário 3).

Iluminados pela Campanha da Fraternidade da Igreja no Brasil, vamos apoiar o trabalho educativo das Comunidades, dos Colégios e Estados Católicos, da Sociedade Goiânia de Cultura e suas mantidas, do Seminário, da Vila São Cattolengo - tudo isto em comunhão com todas as pessoas de boa vontade que trabalham na Educação, para que ela seja a grande alavanca da reconstrução da cidade dos homens, seja nossa grande serviço à Vida e à Esperança (Informativo da Arquidiocese de Goiânia/Palavra do Arcebispo, Fevereiro/1998, 01).

A entronização da fala do arcebispo equipara-se com a linha de trabalho da unidade. O aspecto palpitante sintoniza-se com a informatização na escola diante da palavra do religioso de que as pessoas se constituem “a grande alavanca da reconstrução dos homens”. O religioso faz o elo ente os desafios pastorais e a educação, acreditando na força desta última em contribuir na “reconstrução da cidade dos homens”. É um sentimento que vai ao encontro do sentimento da gestão escolar.

Outros discursos do arcebispo acentuam-se na comunidade escolar e esta faz a absorção de forma sutil, a motivar a construção da missão da unidade como receptora de influências.

Abordamos Educação no seu sentido mais amplo: a formação integral, tendo como metas a promoção da pessoa humana, o apoio à vida comunitária e a transformação da sociedade. É grande o serviço que Igreja

vem prestando, em Goiás, por meio de nossas dioceses, paróquias e comunidades, à construção da vida das pessoas e à formação da comunidade, influenciando, assim, numa visão nova da sociedade (Informativo da Arquidiocese de Goiânia/Palavra do Arcebispo, março/1998, 01).

Às massas manipuladas pela politicagem e vilipendiadas pela corrupção, aplica-se a palavra bíblica de Nosso Senhor: 'Tenho compaixão deste povo, pois são ovelhas sem pastor'. Por esta razão, o Pastor desta Arquidiocese coloca - se ao lado dos pobres, denuncia a iniquidade desta campanha eleitoral, das opções do Governo, e conclama a população a votar pela mudança, em busca de transformação social (Informativo da Arquidiocese de Goiânia/Palavra do Arcebispo, setembro/1998, 01).

A missão da unidade abraça a valorização da pessoa humana de forma madura, passando pela prática do diálogo (acreditamos na pluralidade de idéias como instrumentos de democratização do ensino em busca da qualidade), da busca da qualificação (apoiamos todo e qualquer profissional de educação que busque o estudo, a leitura e a pesquisa como forma de se atualizar) e na abertura (valorizamos as aulas com oficinas e recreações criativas, considerando fundamentais para a construção de processos pedagógicos libertários). Esses elementos de valorização da pessoa humana defendidos pela Escola, na íntegra, propõem o apoio “à comunidade e à transformação da sociedade” e na convicção de que como Pastor” se coloca ao lado dos pobres e denuncia a iniquidade.

A paz esteja convosco! Vamos secar as lágrimas, irmãos e irmãs! Quem tem a paz, a Ressurreição no coração, não abrigar a desesperança ou amargura. Quem aceita a Sua paz, compromete-se com a Vida plena, no plano pessoal, na vida comunitária e para toda a sociedade.

Quem aceita a paz de Jesus, compromete com a construção da paz social, cujo nome é justiça e solidariedade. Quem aceita a Sua paz, andará sempre com o coração inquieto, enquanto os irmãos e irmãs que sofrem não puderem encontrar consolo (Informativo da Arquidiocese de Goiânia/Palavra do Arcebispo, abril 1998, 01)

A força argumentativa de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira destaca-se por meio de duas idéias diante da missão da Escola: “criatividade e conhecimentos adquiridos”, entendidos aqui como” compromisso com a vida plena” e “quem aceita a sua paz, andará sempre de coração inquieto, enquanto os irmãos e irmãs não puderem encontrar consolo”.

O arcebispo, tendo em vista a Semana da Pátria⁵⁰, em um ano eleitoral, diz:

Mas o que mais nos comoveu foi ver nossas famílias e comunidades unidas na solidariedade aos irmãos e irmãs do Nordeste. Na vigília de Pentecostes, mas de 160 toneladas de alimentos seguiram, como um sinal do dom de Deus na vida da Arquidiocese, verdadeira expressão do 'amor derramado, em nossos corações, pelo Espírito Santo que no foi dado'. De fato, estes gestos nos dão a graça de rezar 'Pai Nosso', nos proporcionam a alegria de dizer aos irmãos de Quixadá, no Ceará, que 'o pão também é nosso'. Aos sinais de morte, pudemos responder, pelo Espírito Santo, com gesto de vida (Informativo da Arquidiocese de Goiânia/Palavra do Arcebispo, junho/1998, p. 01).

A Escola Municipal Pedro Alves Ferreira adotou como valor o diálogo, definido como instrumento principal da democratização do ensino. Nota-se que aí tem algo em comum entre a fala do Arcebispo e os valores defendidos pela Escola⁵¹. Por um lado, não há direitos humanos que resista se não houver o diálogo; por outro lado, não há diálogo que resista se não for feito respeitando os direitos humanos.

A acentuação da influência do catolicismo, fazendo ressalva de que esta é de caráter indireto, no âmbito educacional da comunidade campo, por intermédio do rito oficioso católico sobre o educando, provém de várias vias. A primeira recebe uma influência à altura de dizer-se conhecer realmente a linha pastoral do arcebispo e se resume na pessoa do diretor da unidade José Reinaldo de Araújo Quinteiro⁵². Com uma formação cristã, concluiu os cursos de filosofia e teologia no Seminário São João Vianney, em Goiânia, conseqüentemente, passou a fazer parte do clero arquidiocesano, tendo como pai espiritual o arcebispo. Todavia, desde o primeiro ano de estudos, sempre trabalhou na linha pastoral arquidiocesana, que perpassa em linhas gerais a defesa pelos excluídos, por meio da partilha dos bens simbólicos e materiais. Os trabalhos pastorais foram realizados nas paróquias. Foram três anos no Bairro Santo Hilário, dois anos no Itatiaia, um no Parque das Laranjeiras, dois

⁵⁰ Geralmente é comemorado no dia 7 de setembro em Goiânia com a participação de Igrejas Católica e Evangélicas. É uma forma de protesto contra a política globalizada da economia instalada nos governos aliados aos Estados Unidos da América, que resulta, hoje, no Brasil, mais de 57 milhões de pessoas abaixo de linha de pobreza.

⁵¹ Diálogo, abertura e busca de qualidade.

⁵² É interessante ressaltar que todo diretor, de qualquer instituição, deixa a sua 'marca', por mais que novos projetos venham ser implantados posteriormente. Rever os projetos implantados na p. 3 em sua gestão. Lembrando que a Missão, Visão de Futuro, Valores, Objetivos Estratégicos do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) prevalecem até 2006 na unidade escolar.

como seminarista e diácono na cidade de Bela Vista de Goiás, que agrega os Bairros Santa Cruz e Las Vegas I. Nestes anos, ouvir, ler e dialogar com Dom Antônio Ribeiro de Oliveira era uma atividade corriqueira, deixando transparecer um sinal que caracteriza a sua imagem representativa como líder religioso, que, por meio da fé no ressuscitado, propõe à humanidade um mundo de irmãos. Esta atitude mística do religioso move toda uma sociedade mesmo sendo civil. Para ele, a preferência de enxergar o ressuscitado dar-se-ia na preferência pelos excluídos; daí surgem os embates com os governos federal⁵³, estadual e municipal por ocasiões que estes empreendem medidas que venham a empobrecer cada vez mais ao povo já sofrido. Em sua missão de pastor, autêntico profeta do Centro-Oeste, sempre demonstrou-se indignado com a política neoliberal, com a violência policial, com a falta de segurança social e com o caos educacional que se instalou em Goiás, entre os anos de 1986-1999, mesmo contrariando até a cúpula da Igreja Católica, com o fato do Vaticano nunca 'engolia' os seus pronunciamentos, porque a sua opção foi pelos homens empobrecidos; que o são pela política neoliberal, que afeta indiretamente a política educacional de qualidade, em especial em Goiás.

Um gesto sublime do arcebispo aconteceu por ocasião da Campanha da Fraternidade em 1998, em que se prestava o tema Fraternidade e Educação a serviço da vida e da esperança e o grande biblista Carlos Mesters apresentou um texto de nove encontros como subsídios da CF-98 à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e esta o rejeitou, porque era um texto em que situava as prédicas e práticas de Jesus Cristo apoiado no evangelho de Lucas, explorando a prática da Teologia da Libertação, portanto, refletindo sobre a questão dos excluídos num contexto socioeconômico, a Arquidiocese de Goiânia resolveu adaptá-lo ao invés do subsídio oficial recomendado pela CNBB.

⁵³ Estes confrontos aconteceram, com repercussão nacional, e registrados no Boletim Informativo de abril de 1992, data esta em que fielmente vivenciava o objetivo geral da 7ª Assembléia Arquidiocesana pelo seu pastor e fiéis católicos de Goiânia que estabelece: "Evangelizar, com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo, de forma profética e libertária, a partir da evangélica opção preferencial pelos empobrecidos, o Povo de Deus que vive em processo conflitivo de transformação na Arquidiocese de Goiânia, num esforço permanente de comunhão e participação, colaborando na construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança, nas diferentes culturas, de maneira criativa e ecumênica, com o sinal do reino de Deus" *REVISTA DA ARQUIDIOCESE*, n. 1, 2 e3, 2001, p. 9).

Este exemplar foi trabalhado com os alunos da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, muitos funcionários da unidade o utilizarem para realizar os encontros em que colocam em pauta Jesus Cristo como o grande educador. Até em reuniões entre a direção, pais e alunos o escrito de Mesters tornou-se imprescindível, razão esta porque menciona Jesus Cristo como um fabuloso educador. As reflexões passaram por pertinentes temas de caráter religioso – educativo-étnico, portanto, naquele ano, 1998, as comunidades do Bairro Santa Cruz e Las Vegas I tiveram uma oportunidade singular de entrar em contato com Carlos Mesters e por meio dele discutir em grupo assuntos tão profundos, mas que se fazem presente no seu dia a dia. Eis os temas discutidos:

- Jesus Cristo aluno e aprendiz.
- As escolas que Jesus freqüentou – “E o menino crescia, torna-se robusto e enchia de sabedoria” (Lc 2,40).
- Jesus Educador, pedagogo mestre”.
- Um jeito novo de ensinar e educar – “Ficavam admirados com o seu ensinamento, pois ele falava com autoridade” (Lc 4,32).
- Mesters faz ainda discutir o objetivo de Educação – formar para a vida e para a cidadania.
- Consegue ainda mostrar a sabedoria do povo, “o beber e viver na própria fonte”. “É isso! Vocês ouviram! Agora tratem de entender” (Lc 8,8).
- Mesters, em sua profunda analogia, ocupa-se de uma discussão sobre o ambiente comunitário da educação – “Viver se aprende convivendo” (Lc ‘7,1-21).
- É com maestria que afirma que ninguém nasce educado e perfeito, que a educação é como nascer de novo.
- Mesters diz que a Bíblia ilumina os fatos da vida e o aprender da história do povo.

- Por último e categórico – “Jesus ensinou-nos a rezar!” E diz aprender abrir-se para Deus.

Pode-se constatar, mesmo atualmente, que os discursos de Mesters continuam presente na vida do Bairro. As crianças foram e continuam sendo atingidas, influenciadas por ele, trazem para a escola os reflexos do que vivem na família e na comunidade.

Esta atitude envolvente da arquidiocese de Goiânia, ao assumir uma postura sociopolítica arraigada em teorias de biblistas e teólogos da libertação a título de Carlos Mesters, Leonardo Boff, Marcelo Barros, João Batista Libânio, José Bortolini, Joel Antônio Ferreira, Manoel de Godói⁵⁴ fez com que os bairros Santa Cruz e Las Vegas I sofressem uma influência do discurso arquidiocesano, no âmbito educacional; por parte dos católicos, em relação às outras denominações religiosas, a comunidade-campo está imbuída das palavras e posturas do arcebispo no que concerne o respeito aos “irmãos não-católicos”. A absorção dessas palavras e posturas são tão fortes que os evangélicos são capazes de cruzar informação sobre vida eterna, ressurreição, paz, amor, felicidade, inclusão social, direitos humanos e clemência por transparência nas decisões dos políticos da cidade; é claro quando se trata de doutrina e credo cada um professa o seu, além dos mais, pode-se citar nomes, pessoas que são verdadeiros núcleos que fazem valer a força da ‘ideologia’ do arcebispo em pensar, interpretar e vivenciar o texto sagrado⁵⁵. Isso vem constatar a confirmação do que está supracitado na visão de futuro e missão da unidade escolar que atende aos dois bairros. A título de enriquecimento do trabalho será utilizado o testemunho-depoimento de que o discurso religioso do arcebispo influencia a educação da comunidade-campo, com acentuação dentro da Escola; não se furtando de que os evangélicos e protestantes possuem este papel, só menos acentuado, isso se notificará mais adiante. Não obstante, a segunda via da

⁵⁴ Teólogos da Libertação que mantêm o eixo da ação religiosa católica voltada para a inclusão da pessoa humana, começou a ser sistematizado em 1968, após o Concílio Vaticano II, pelo espanhol Gustavo Gutierrez. Um dos sustentáculos da TDL são as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Todos os teólogos e biblistas citados estiveram presentes ora no planejamento anual da igreja católica de Goiânia, ora nas paróquias, ora nas reuniões mensais arquidiocesanas.

⁵⁵ A Bíblia deve ajudar a melhorar a vida, defendê-la é um dever de todo o crente fiel a Deus. Esta convicção está “nas veias” da TDL.

influência de D. Antônio Ribeiro de Oliveira se dá pela funcionária da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, Irene Camilo Oliveira, membro ativa na comunidade-campo.

Apresenta-se como terceira via os alunos da unidade, considerando aqui as denominações religiosas cristãs em que congregam além da católica. Pergunta-se o que a religião representa para eles, 99,9% desenham o templo/igreja de sua preferência, mas há um acessório que se resume no sentimento de que no templo/igreja eles encontram a paz, a esperança, a fraternidade. Esses atributos são encontrados facilmente nos discursos do arcebispo; lembra-se aqui que não houve, ao pedir para à criança para representar a sua religião, nenhuma indução ou sugestões por parte dos funcionários da unidade. No entanto, apesar de não professar o mesmo credo, as crianças têm as mesmas expectativas dos líderes religiosos católicos, mesmo com teor diferente. Isso significa que os princípios são os mesmos para aqueles que buscam vivenciar a sua religião, só muda a forma de praticá-la.

A comunhão de valores entre o discurso do arcebispo e a missão da escola tem gerado momentos de busca do sagrado, criação de mitos e ritos fora do espaço e tempo religioso e, nesse momento dentro do templo-escola e fora do templo/igreja, prevalece aqui o eixo templo/religioso, razão esta pelo fato de que é a maior expressão religiosa para os alunos.

Por meio de Otto e Durkheim⁵⁶, é aumentado o foco de que na vida do educando a força do numinoso, do sagrado e do profano quando se tem em seu consciente a idéia de templo, ou seja, eles mantêm em si algo do que lhe é sagrado e conceitos do que venha a ser o profano.

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas reais ou ideais, que os homens representam em duas classes, ou em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras profano e sagrado. A divisão do mundo em dois domínios, compreendendo, um todo o que é sagrado, outro todo que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são ou representações ou sistemas

⁵⁶ As obras são de Durkheim: *Formas elementares da vida religiosa* (1989) e *Sociologia, Moral e Educação* (1984) Otto traz o título *O Sagrado* (1985). Ver referências bibliográficas.

de representações que exprime a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas (DURKHEIM, 1989, p. 68).

Entretanto, a acentuação da criança como ser social dá-se em contato com sua realidade, ela vive na comunidade-campo, em contato com o templo/igreja de sua religião. Dessa forma, é educada sob a força do discurso religioso, absorvendo elementos de caráter sagrado e profano peculiares a sua denominação representativa na equivalência de templo/igreja, crescendo-se ao seu mundo formativo à presença de mitos, ritos e lendas, e, por assim dizer, experienciando a força do numinoso em sua vida, trazendo consigo elementos caracterizadores do que venha a ser o sagrado ou profano em sua vida, e, conseqüentemente, a noção de vida e morte, dia e noite, paz e guerra, felicidade e infelicidade, alegria e tristeza. A dualidade de cada elemento, presente no educando, sob força do discurso religioso, o qual diz que precisamos estar em comunhão com os irmãos de boa vontade, descobrir a fraternidade, vivenciar a caridade, procurando crescer no compromisso da acolhida e da partilha da palavra santa, constitui-se sinônimo de fraternidade na comunidade-campo, seria no falar do arcebispo a interpretação de que “o povo vem tomando consciência em defesa da vida digna” (Comunhão e Participação, 11/1998), e a Palavra pode levar o homem à buscar um trabalho de caráter social, assim como para fazê-lo entrar na religião como um meio para experienciar o que é “bom”.

É fundamental ater-se a estas variáveis do discurso religioso, pois denota nas entrelinhas que a realidade não é fácil, é preciso ter a esperança em “uma vida nova”. Neste que agrega ao educando, torna-se um suporte para que ele, o educando influenciado pela sua religião tem a coragem suficiente para vencer as dores, os preconceitos, os males que estão envoltos, são concretos e constituem um mundo mais atraente e uma saída, aparentemente, mais fácil para as soluções dos problemas do cotidiano. A escola tem, neste momento, o papel de reproduzir em sua proposta pedagógica (terceira parte da dissertação) não só ação evangélica de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, mas sim de todos os pastores que comandam os templos do campo pesquisado, pautado numa pesquisa de representação religiosa diante dos alunos, uma vez que há professores, funcionários administrativos e

alunos que tiveram uma formação religiosa, junto a eles, e que, participando da gestão escolar, trazem consigo as influências religiosas outrora vivenciadas.

1.2.4 CULTURA RELIGIOSA (CATÓLICA E EVANGÉLICA) NA COMUNIDADE-CAMPO E EDUCAÇÃO

A religiosidade, em seu sentido mais abrangente, é manifesta de forma vital na comunidade campo, imprimindo aqui um caráter mais católico. Ela é capaz de ser um trajeto de ida e volta ao passado. São significantes a folha de arruda, do guiné; o pé de comigo-ninguém-pode, plantado no vaso e postados à entrada da casa; o rosário dos ancestrais⁵⁷ de um descendente afro, que é posto na cruz da procissão; as cantigas de lamentação em plena semana santa; as vivências em preparação à festa da padroeira, a forma de velar os mortos em casa. No tocante aos evangélicos, observa-se a forma de vestir, carregar a bíblia e tratar os outros de irmãos quando congregam no mesmo templo/igreja.

Todas essas manifestações da religiosidade, do campo de pesquisa, não deixam a desejar ao educando da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, recebendo-as, fortalece-se diante da conservação da memória, em um ato que o faz ser cúmplice da preservação da diversidade de religiões presentes nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

A participação direta e indireta do educando na religiosidade, pelo seu templo/igreja, representado em igreja, dá-se por meio de uma farta oferta de símbolos, ritos, sendo portador e, ao mesmo tempo, colaborador da preservação de valores culturais religiosos do passado, sejam eles vivenciados por si mesmo ou multiplicados quando encontra com outros colegas de outra religião na escola, é o processo de socialização da criança acontecendo fora do espaço templo/igreja. Percebe-se a construção de uma religiosidade apoiada em uma “memória coletiva” (BOSI, 1994, p. 411), com base nos laços familiares e nas histórias vividas e

⁵⁷ Das 71,3% católicas pesquisadas, 65% dos seus pais fazem chás para “espantar mau-olhado, doenças na família”.

passadas para netos e de netos para outros netos, vista sob o crivo do não se preocupar em demonstrar qual é a religião melhor, qual a que pode levar à salvação, isso na expressão das crianças, quando se trata dela diante da representação templo/igreja como religião.

As histórias dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I permanecem vivas em seus aspectos familiares e religiosos, guardadas como tesouro que os pais deixaram como herança, a maioria delas religiosamente originárias no catolicismo. Tanto é que algumas crianças, ao desenhar o templo evangélico, colocam a cruz como se fosse um símbolo de uma destas outras igrejas; fato este curioso, pois demonstram que a tradição cultural religiosa do catolicismo está arraigada nas consciências de algumas crianças, especialmente naquela que iniciou a sua formação religiosa no catolicismo. Caso se queira a história completa, em detalhes, em anedótica, em fatos pitorescos, basta fazer uma roda e deixar que as famílias falem. Aí sim, nada ficará de fora, datas, fotos, pessoas serão lembradas com entusiasmo, havendo risos e pranto diante de tantas lembranças. É assim que um povo, como o dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, encontra força e um norte para prosseguir, respeitando o sagrado, contando suas lendas, revivendo seus mitos e praticando, no dia-a-dia, aquilo que caracteriza a religiosidade do campo de pesquisa.

Os evangélicos não são tão vistos socialmente como os católicos, com exceção quando apresentam-se às pressas para o culto com a Bíblia em mãos, na feira aos domingos, trajando vestimentas permitidas por sua denominação religiosa, umas com estilo bem pesado e outras mais leves.

Enquanto os católicos, socialmente, são vistos realizando benzimentos em pessoas com quebranto, ventre virado, mau-olhado, espinhela caída, dor-de-cabeça, mordida de cobra, cortando o medo da criança para que ela comece a andar, colocação do ramo de arruda por detrás da orelha, o patcholli no sabão, o sal grosso, a vassoura em pé por trás da porta, a palha benta no fogo, o banho de sal grosso, tudo isso são elementos de uma mística popular que também define o sagrado e o profano por meio da construção do pensamento coletivo.

A sociedade não é um simples soma de indivíduos; o sistema formado por sua associação representa uma realidade específica que tem suas

características próprias. Sem dúvida, nada poderia se produzir de coletivo se as consciências individuais não existissem, mas essa condição, apesar de necessária, não é suficiente. É preciso, ainda, que essas consciências estejam associadas e, combinadas de certa forma; é dessa combinação que resulta a vida social [...] é esta associação que é causa de novos fenômenos que caracterizam a vida, da qual é impossível encontrar-se até mesmo o germe em qualquer dos elementos associados. É que o todo não é idêntico à soma das partes; ele é algo de diferente, com propriedades diferentes das que possuem as partes que o compõem (DURKHEIM, 1989, p. 25).

Segue, agora, o depoimento de dona Genesí, católica que reza para cortar quebranto: “Joaquim, Deus te faz, Deus te criou, se estiver com quebranto ou mau olhado, Jesus Cristo que hei de tirar”. Após a invocação da oração, reza-se um Pai Nosso com três ave-marias oferecidas às pessoas da Santíssima Trindade. dona Genesí realmente carrega consigo uma cultura religiosa que se pauta na religiosidade popular católica; nesta é possível encontrar, por meio de Durkheim, a linha divisória ente o sagrado e/ou profano⁵⁸.

Temos agora, um primeiro critério para definir as crenças religiosas [...] no interior destes dois gêneros (sagrado e profano) fundamentais, há espécies secundárias que, também, são mais ou menos incompatíveis umas com as outras. Mas o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer às distâncias das primeiras (DURKHEIM, 1989, p. 72).

Conquanto, na premissa elucidada por dona Genesí Bonifácio, “se estiver quebranto ou mau-olhado Jesus Cristo há de ti tirar”, o religioso-sagrado está no poder de cura de Jesus Cristo, isso faz com que o poder de curar seja associado à imagem do filho de Deus. É o momento que sobressai a racionalidade na religiosidade popular, dita como sagrada, sinalizadora de uma vida religiosa. Nessa mesma premissa, vem à tona o profano, que é manifesto como o mal que atordoa o homem em mau-olhado e quebranto.

À primeira vista, só há traços da religiosidade popular católica na oração da fiel; mas ela é embebida de força do discurso religioso oficial católico, refletido nas inferências da Santíssima Trindade, de Jesus Cristo, elementos estes

⁵⁸ Ver bibliografia.

imprescindíveis ao rito oficial católico. A acentuação é forte na questão do que é sagrado, abraçando assim a noção de que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo estão em favor dos desvalidos, não por méritos de quem sofre, mas sim porque a existência do que é profano, portanto, do mal, é uma variante capaz de levar o ser humano ao abismo, ao fundo do poço.

À parte, o profano é uma instância da cosmologia religiosa do Bairro, responsável por maior povoamento das “consciências coletivas”, isso implicando dizer dos evangélicos, não só dos católicos. É freqüente equiparar-se à morte violenta, à violência familiar, às drogas, às questões ecológicas e até ao analfabetismo⁵⁹. De todos os praticantes do catolicismo e do evangelismo é perceptível algo em comum: sagrado e o profano não se misturam. A percepção dessa divisória sobressai nos argumentos de Eliade (1999, p. 63-4):

O homem religioso vive em duas espécies de tempo, das quais a mais importante, o Tempo Sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pelas linguagens dos ritos. Este comportamento em relação ao Tempo basta para distinguir o homem religioso do homem não religioso. O primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, chamamos de ‘presente histórico’; esforça-se por voltar a unir-vos a um Tempo Sagrado que, de certo ponto de vista, pode ser equiparado à ‘Eternidade’. Para o homem não religioso o Tempo não pode apresentar nem roptura nem ‘mistério’; constitui a mais profunda dimensão existencial do homem, está ligado à própria existência, portanto em um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da Existência.

A oração de dona Genesí envolve o que Eliade chama de Tempo Sagrado e Profano. O primeiro tem como marco a linguagem dos ritos que inaugura uma experiência mística, o segundo é marcado pela vivência humana com o seu cotidiano.

Comumente, salta aos olhos a linha divisória entre o sagrado e o profano, caracterizando aqui o homem religioso e não-religioso; o sagrado não permite que o profano prevaleça em mesmo espaço e tempo, enquanto prevalecer a mística, os ritos, os mitos, os símbolos, a idéia de processo de cura, o profano não tem espaço, conseqüentemente, no caso da oração, já mencionada, há um evidência de que o

⁵⁹ Das crianças pesquisadas, 11,4% dos pais não freqüentaram nenhuma escola. O Governo Federal mantém, na unidade, à noite, a alfabetização com fins de atendê-los.

sagrado oportuna-se do profano. Uma benzedeira, aqui, é entendida como portadora do sagrado, que é a oração, em face de um ser humano com mau-olhado e quebranto, prestes à “morte” e que busca a “vida”. A oração é invocada em um tempo e espaço, isso denota a idéia de que a benzedeira está acompanhada da força da Santíssima Trindade, do Jesus Cristo e de Nossa Senhora contra uma doença física, inaugurando assim um tempo em que não há morte, mas vida. No que tange aos evangélicos, a cura é uma busca incessante, fato este responsável pela maioria das idas aos templos, em algumas denominações até quatro vezes por semana, como, por exemplo, dos membros da Igreja Deus é Amor e Congregação Cristã no Brasil, em que os fiéis mais assíduos cumprem o ritual de cultos. Por conseguinte, em momento algum o sagrado deixa-se ser tocado pelo profano, pois caso acontecesse, deixaria de ser sagrado.

A prece de uma benzedeira é envolvida por uma esfera de cunho profundamente religioso. A religião tem força tal que toca no conhecimento, é responsável pela construção da grande parte dele e também pela forma como é transmitido.

[...] uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem (DURKHEIM, 1989, p. 79).

É preciso ver o escrito de Durkheim e poder saborear não só suas palavras, mas constatá-las verdadeira no dia-a-dia. Ali sim, são concretos os valores divulgados pela religiosidade presente no campo de pesquisa. Em todos os templos/igrejas dos bairros, o povo, em cada uma da sua denominação religiosa, embebe-se, embriaga-se numa fé que não é cega, mas que é um “deixar-se nas mãos de Deus”. Ninguém, ali, preocupa-se com aquilo que foi dito e nem de onde veio, mas quer estar na comunidade, vivenciando ritos, mitos, aquilo que vem do místico, do sagrado. Agrega-se a este povo o educando, estudante da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira que apreendeu a prática da religiosidade presente na comunidade-campo.

O encontro ente alunos e religiões cria representações que permeiam a construção do pensamento coletivo deles. Isso significa dizer que o pensamento

coletivo também é construído coletivamente, não sendo, entretanto, a soma de pensamentos individuais, mas sim a representação de um novo pensamento.

Para ilustrar esse aspecto, foi sugerido ao educando da 1ª e 4ª séries, que, por meio de um desenho, representasse a sua religião, 96% dos educandos desenharam o templo/igreja, independente da sua religião. A questão foi colocada sem nenhum indicativo, portanto o templo/igreja permeia a construção do pensamento coletivo daquela educando e contribui para o desenvolvimento da sua inteligência, e também as inteligências de certos povos, veja a análise no próximo capítulo. “Elas nascem na religião e da religião; são um produto do pensamento religioso” (DURKHEIM, 1989, p 22). Durkheim acredita que “a estrutura da inteligência” tem sua origem na religião; entretanto, as representações religiosas, no caso do templo religioso da comunidade-campo, também são frutos de uma representação coletiva elaborada pela inteligência do educando.

Os extratos religiosos deste pensamento são vistos na cura do quebranto, mau-olhado, no poder de cura por meio da oração de um pastor, portanto, da implantação e conservação do sagrado perante as representações de um novo pensamento. A dinâmica de conceitos acerca da morte, da vida, do bem, do mal acontece, pois é freqüente a participação das rezadeiras, do povo e dos educandos nos ritos religiosos, ficando, assim, sob a influência da religiosidade presente na comunidade - campo, referindo-se aqui ao critério de que há várias denominações religiosas em que os educandos e a população participam fielmente.

Especificamente retornando à oração de dona Genesí Bonifácio, notar-se-á, por meio de um paralelismo, como ela consegue reproduzir os elementos que remetem ao sagrado contido na religiosidade propriamente dita da comunidade - campo.

*Manoel, vem pelo caminho encontrou Jesus, Maria e José. E perguntou:
- O que eu corto?
- Cobreiro Bravo.
- Este mesmo eu corto.
(Depois reza-se uma Ave-Maria e um Pai-Nosso)*

Para levantar espinhela Caída reza: “Meu Senhor Jesus Cristo quando no mundo andou arca e espinhela caída levantou” (repete-se três vezes, ao final reza - se três Ave-Maria, um Pai Nosso ao Santo de devoção de quem está doente).

Com relação à religiosidade presente, um fato é curioso, é notório, tendo como referência as orações de Dona Genesí Bonifácio, não que os católicos e os evangélicos vivam em “perfeita harmonia”⁶⁰ na comunidade-campo, mas que em suas orações há absorção dos discursos de todas as manifestações religiosas presentes nos dois bairros. A impressão, no discurso de dona Genesi Bonifácio, volta-se para o respeito da multiplicidade de orações de poder, praticada nos templos e sem exceção, todas elas são fiéis aos princípios cristãos como são os casos de dona Joanhina Teles (católica), pastor Leer Amadeus Teles (evangélico da Assembléia de Deus), pastor Jean Cruz (evangélico da Deus é Amor) que servem como alicerce para a afirmação. O que se vê em dona Genesi Bonifácio é a presente noção de que os componentes de outras religiões também têm uma “oração de poder”, é claro, não deixando denominar alguns elementos simbólicos, o que é próprio da sua religião católica, denotando, assim, que, a expressão religiosa é pura e essencialmente expressão da dignidade humana e deve ser respeitada por tal razão. A Igreja Católica, por meio do Concílio Vaticano II, na Declaração *Dignitatis Humanae*, argumenta:

É postulado da própria dignidade que os homens todos - por serem pessoas, isto é, dotadas de razão e de livre arbítrio e por isso enaltecidos com responsabilidade pessoal - se sintam por natureza impelidos e moralmente obrigados a procurar a verdade, sobretudo o que concerte à religião (VAT II, 1969, p. 601).

Diga-se de passagem, este discurso oficial católico não explicita e nem apóia a religiosidade da comunidade-campo no sentido de considerar as outras religiões. Entretanto, a Arquidiocese de Goiânia, numa ação educativa, reviveu esta dimensão do Concílio Vaticano II com um total apoio às manifestações da religiosidade, em detrimento à educação, entendida aqui não como a escolar, a

⁶⁰ Há questões históricas e bíblicas que não colaboram para eles se aproximarem e viverem o ecumenismo: as imagens, o fundamentalismo bíblico, a concepção de salvação.

convencional, mas uma educação voltada para a busca dos direitos humanos que possam levar aos excluídos a sua inclusão social.

Está em questão nossa vida de discípulos de Jesus Cristo [...] A opção pelos excluídos é fruto da ação do Espírito Santo e, por isso, é evangélica [...] O Santo Padre João Paulo II continuamente nos adverte para importância dos ensinamentos sociais da Igreja e sua implicação moral na vida Cristã (Boletim Arquidiocesano, agosto de 1998, p. 1).

E ainda, “Abordaremos Educação no Sentido mais amplo: a formação integral, tendo como metas a promoção da pessoa, apoio à vida comunitária e a transformação da sociedade” (*Boletim Informativo*/maio de 1998, p. 1).

Alguns elementos coincidem entre os discursos acima com alguns valores da religiosidade de todas as denominações cristãs da comunidade-campo: a fé em Nosso Senhor, a transformação do estado de vida precário para um saudável e, acima de tudo, a figura do educando, do alunado que frequenta os templos/igrejas. Essa percepção acentua a força que o discurso católico exerce na vida das pessoas. É óbvio que a religiosidade católica tem a sua característica própria, em princípio defende valores que outra denominação não-católica não defende, porém, conduzida por pessoas envolvidas pelos sacerdotes, pelo Arcebispo Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, está aberta a uma proposta de caráter ecumênico e por assim dizer de valorizar as expressões religiosas, por meio do respeito em seus ritos e símbolos, dando margem para, em seu próprio âmbito católico, o surgimento de várias versões de catolicismo ou cristianismo.

Mesmo o catolicismo erudito não é unívoco⁶¹, há vários deles e, portanto, na ossada do catolicismo há vários catolicismos, por mais que haja comunhão com Roma, a Arquidiocese de Goiânia e outras dioceses, paróquias e comunidades dão a entender que esta comunhão é que gera as várias faces do catolicismo. Existe a variação dos catolicismos (também há variedade de cristãos não-católicos), uns, como se sabe, de uma linha tradicionalista e outros libertários, é o caso do chamado catolicismo oficial da Arquidiocese de Goiânia, berço, ao longo dos anos, da

⁶¹ Ver BRANDÃO, C. Desafios da Religião do Povo; Catolicismo Popular. In: *Religião, Classe e Etnia*. Petrópolis, Ed. Popular, 1992, p. 84-7.

Teologia da Libertação, expoente máximo dessa prática é a Comunidade Eclesial de Base (CEBs). Não obstante, é de praxe a acentuação dos vários catolicismos, fato esse refletido no catolicismo encontrado nas camadas mais afastadas do centro, como na comunidade-campo. A dona Genesi Bonifácio, dona Irene Camilo são participantes desta “Unidade na Diversidade”⁶². É freqüente encontrá-las em rito extraordinário, oficial, assim como naqueles que abraçam a religiosidade popular como em: roda de benzimento, festas da padroeira, procissões, novenas, folias de reis e reuniões para reza do terço. O que fica claro é que, por força da existência de vários catolicismos, em um catolicismo, não obstante também há várias denominações cristãs presentes, que mais adiante serão trabalhadas, e por suas práticas surge uma espécie de instauração da inculturação, prática esta que vem cada vez mais fortificar a religiosidade popular, pois segundo o conceito de Leonardo Boff, dá-se a entender que a comunidade-campo, em sua simplicidade o vive: “O processo mediante o qual a cultura assimila o evangelho a partir de suas próprias matizes culturais; só assim se dá uma verdadeira evangelização, como o encontro entre uma determinada cultura e a proposta evangélica (BOFF, 1990, p. 24).

Por meio do conceito acima, encontrar-se-á, no campo de pesquisa elementos inculturados, especificamente na esfera da religiosidade católica, por assim dizer, valores bíblicos defendidos, inculturados nas ações da religiosidade popular e oficial.

Não se pretende, aqui, afirmar que a cúpula oficial da igreja católica apóia e incentiva a sua religiosidade popular, ou o entrosamento com as outras religiões não-católicas, mas que com a prática da inculturação, esta sim, apoiada e incentivada pelo magistério católico, dá margem para que a religiosidade, no campo de pesquisa, obtenha um longo e vasto caminho e tenha fôlego para crescer, tornando, sem sombras de dúvidas, ponto de observação para que se desenvolva, na escola que atende aos bairros, um projeto pedagógico à altura das necessidades dos alunos (questão está tratada na terceira parte deste trabalho), porquanto: “A

⁶² Esta questão é comum entre praticantes da fé cristã: o Cristo é único, porém há diversidades de carismas, dado este cientificado sob ponto de vista de todas as denominações religiosas dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I com base no templo/igreja.

educação é a assimilação da cultura. A educação cristã é a assimilação da cultura cristã. E a inculturação de evangelho na própria cultura” (SANTO DOMINGO, 1992, p. 128).

A citação de Santo Domingo serve como base para reforçar os argumentos de que as benzedeiras (os ensinamentos em outros templos religiosos) educam nos parâmetros religiosos e são, em parte, responsáveis por manter a fé e pela continuidade dos atos religiosos no campo de pesquisa.

A prática da religiosidade traz resquícios de um ecumenismo sem declará-lo. Todo tempo usado para a prática do bem, da consolidação da força religiosa, seja pelas orações dos padres e pastores, benzedeiras ou qualquer ato que busque a presença de Deus, define o templo como a grande representação religiosa para o educando da escola, considerado sagrado. O templo/igreja em que o homem divaga e, às vezes, até se perde, é um tempo profano. Envolver-se em ações propiciadas pelo templo/igreja, é envolver-se em ações que expurgam o profano da vida (veja na segunda parte da dissertação), por tal razão, é no templo que o educando tem a sensação de encontrar a paz, a felicidade, a harmonia, tudo que lhe propicia auto-segurança. A religiosidade do campo de pesquisa é este tempo, que conduz o homem, pode salvar e o direciona para vida cada vez também sagrada. É preciso notar que a oração, a fé, a religiosidade, têm um efeito sutil sobre as pessoas, fazendo-as ter cada vez mais a necessidade, a vontade e o prazer naquilo que praticam. Isso significa que quanto mais se ora, mais se quer orar, quanto mais se benze mais se quer benzer, o que, conseqüentemente, deixa pouco tempo na vida da pessoa para o profano, que aos poucos vai desaparecendo quando há uma busca incessante do sagrado no templo/igreja. A vida dessas pessoas, como dona Genesi Bonifácio, pastor Leer Amadeus Teles, pastor Jean Cruz e do educando da Escola Pedro Alves Ferreira é cada vez mais santa e suas orações cada vez mais fortes.

É importante ver que o educando absorve a energia que emana desses atos religiosos, sente-os, regozija-se com eles, participa e repete, entre si, aquilo que vê os adultos fazerem e praticarem. É nisso que reside a certeza de que no templo/igreja haverá o espaço para o sagrado permanecer.

1.2.5 OS BAIROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I: A RELAÇÃO HISTÓRICA (ÉTNICA, DE GÊNERO)

É imprescindível, em primeiro lugar, dizer que o Bairro Las Vegas surgiu próximo ao Bairro Santa Cruz e que este originou-se do Muquém. A razão para considerar este campo de pesquisa é que as crianças que estudam na Escola Municipal Pedro Alves Ferreira residem, em sua maioria, nestes bairros. No entanto, o Muquém é o nome de origem do Bairro Santa Cruz. Esse nome tem uma conotação significativa, tem uma acentuação secular e por isso há raízes fortíssimas de cultura afra. Antes de tornar-se cidade de Bela Vista de Goiás, as elites da futura cidade, distrito de Bonfim, hoje Silvânia, buscavam, no Muquém, os negros para serviços domésticos, trabalhar nas lojas de louça, limpar as salas de aulas do Colégio Catarina de Sena (BRETAS, 1991, p. 529), trabalhar na fábrica do melhor fumo⁶³ de exportação do Brasil e de manteiga de leite, a Fábrica Marly⁶⁴. O Muquém era a referência de pessoas fortes fisicamente, de espírito altivo e determinadas aos serviços que lhe eram confiados, a palavra Muquém também quer dizer “do lado de lá”.

Mesmo com o nome Bairro Santa Cruz, dando sustentação para a criação do Bairro Las Vegas I, o nome Muquém é empregado ainda hoje, em várias circunstâncias quando pretende-se mostrar um fato, uma casa, a escola presente no Bairro Santa Cruz. É perceptível que ora vem carregado de preconceitos, ora de satisfação. Não obstante, justifica a reação pela qual é o dado da submissão com relação à elite do centro, é uma constante nas consciências coletivas do campo de pesquisa, dado este conseqüência das atividades dos membros no passar dos anos em favor da mentalidade européia impregnada na cidade de Bela vista de Goiás. E este dado tem uma causa convincente, pois em quase cem anos a gente de etnia

⁶³ “A indústria do tabaco foi a principal fonte de riqueza do município; os agricultores cultivavam o fumo com muito capricho. A qualidade das plantações tornou Bela Vista de Goiás o maior município exportador de fumo nas décadas de 1940 e 1950, com cerca de 10 a 12 mil arrobas de fardo que variavam de 60 a 180 quilos, com destino a *São Paulo e Minas Gerais*. Com o tempo, o cultivo do fumo foi substituído pela produção de grãos” (DM, 2002, p. 2).

⁶⁴ O proprietário desta fábrica se chamava Sebastião Lobo, um dos destaques empresariais e políticos de Bela Vista de Goiás no passado.

afra, especificamente, mas também indígena e mulheres brancas, servia às famílias do quilate dos Caiados, Mendonça Teles, Camilo de Oliveiras, Alves de Castros, Fleury, Curado, Alencastro, Morais, Amorim, Carneiro, Faleiro, Lobo, Felix de Souza⁶⁵, famílias estas economicamente equilibradas num padrão de vida elevado. É corriqueiro, ainda hoje, quem mora nos bairros raramente lutar para se projetar como capaz de buscar a superação de crises relacionadas, por exemplo, com a saúde, a política e o saneamento básico, mesmo servindo e participando da vida social da cidade como um todo. Há um pacto coletivo de que o *status quo* deve permanecer sem sentir-se inferior, nem superior; há indícios de que a população vive passiva em tempo, ou seja, não percebe o que lhe atinge e, portanto, não reage.

Entretanto, nesse contexto, essas mesmas pessoas, com forte tendência ao conformismo, são capazes de produzirem ritos, símbolos, mitos, lendas de alto teor formativo e educativo. Quando se quer imaginar os bairros Santa Cruz e Las Vegas I, a primeira noção que se tem é está: são bairros com características próprias, com raízes arraigadas na tradição afro, tendo destaque a arte, a culinária e a bebida, conservando, assim, o nome africano de Muquém, e por mais não se furta aos aspectos religiosos dando “vazão” além do catolicismo presente, (aos evangélicos), para o candomblé, a feitiçaria (aqui sob o ponto de vista da cultura afro) e o espiritismo⁶⁶.

Diante desse quadro, qual é a importância desses bairros? Observa-se que em meio à tradição, às manifestações religiosas das diversas denominações encontradas na vida do povo, o que fica, é, justamente, a produção de uma consciência coletiva, multiplicadora de símbolos, ritos e mitos, dando margem para a produção de elementos de sobrevivência cultural como os cultos na dependência da escola, nos templos/igreja evangélicos, além disso, visita ao Centro Espírita da Cidade de Bela Vista de Goiás, ora para buscar ajuda espiritual, ora para buscar alimentos no “sopão” aos sábados; as missas, os cultos evangélicos aos domingos no diversos templos/igreja dos bairros, as novenas na segunda, terça, quarta e

⁶⁵ O *Diário da Manhã*, 5 de junho de 2002, edição especial, traz outras personalidades como: o senador Antonio Amaro da Silva Canedo, fundador da Cidade de Senador Canedo; Francisco Taveira, primeiro médico do município e Altair Ribeiro da Silva, poeta e músico, compositor do hino da cidade de Bela Vista de Goiás.

⁶⁶ Doutrina fundada por Allan Kardec no século XIX, na França.

quintas-feiras, a festa da padroeira do Bairro Santa Cruz, que envolve a população católica do Bairro Las Vegas I e, acima de tudo, o surgimento de uma cultura religiosa na consciência do educando em estudo. Resta, portanto, o sincretismo religioso positivo⁶⁷, pois esse ajuda a tradição, a memória dos habitantes já não mais presente, a sobrevivência ao longo dos anos, sobressai com força total a presença dos símbolos nas casas, por meio de fotos, registrando as festas religiosas (considerando as casas dos evangélicos e protestantes), retrato de pessoas falecidas, o prédio da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, o templo católico (a capela), evangélicos, a cruz centenária fincada na rua entre a Escola e a Capela, a presença sólida, em matéria de educação, da Associação São José, em prestar um exímio serviço, há décadas, às crianças no apoio ao reforço escolar e às Associações dos Aposentados e das fiandeiras, estas últimas praticam um ato centenário que é o de fiar, tecer panos. Esses elementos constituem um grupo-símbolo para a construção da consciência coletiva dos habitantes dos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I:

Durkheim realmente entende que a base material da sociedade, isto é sua morfologia, é determinada sobre os fenômenos na 'consciência coletiva'. Na verdade, a divisão de trabalho, que é suporte estrutural dos diferentes tipos de solidariedade (mecânica e orgânica), repousa sobre elementos que antecedem (DURKHEIM, 1989, p. 8).

Cada momento social da comunidade-campo repousa na “consciência coletiva” dos bairros como um fenômeno, pois ele consegue envolver os seus participantes, como se eles fossem únicos, definindo papéis, na sua própria comunidade. Mais interessante são os extratos sociais expressivos nas rezas e nos cultos, em que há divisões de papéis, conforme a participação na vida sociocultural, no templo/igreja de sua denominação e no bairro. Há aqueles praticantes que participam das ações como se fossem voluntários, não querem saber a que fim se destina tal ação, querem mesmo é estar envolvidos; porém, existem aqueles que estão nessas ações com um forte objetivo, que poderia ser resumido em uma busca do sagrado. Tanto nas primeiras ações como nas segundas, o homem utiliza-se de

⁶⁷ Entende-se aqui por sincretismo positivo todos os elementos que compõem os ritos de uma religião apreendida ao longo dos anos, por meio das manifestações de várias outras religiões ou equivalente.

sua força física, porém, uma é para o bel-prazer e a outra o exercício de uma espiritualidade apoiada na tradição espiritual católica ou evangélica.

Isso implica dizer que os homens praticam as ações no templo/igreja não respeitando a hierarquia, um trabalha na solidariedade mecânica e outro na orgânica⁶⁸. No primeiro momento, nota-se que não há nenhum respeito hierárquico e aqui entra o não-respeito a todos os líderes comunitários, os líderes religiosos, o diretor da unidade escolar; por conseguinte, participam das novenas (os católicos), dos momentos de louvor (os evangélicos) e cultos, tirando proveito disso, como ser que busca a comunidade.

No segundo momento, no que tange à solidariedade orgânica, nota-se a forte observância e respeito aos valores hierárquicos dos templos/igrejas, da direção da escola, das líderes de oração. Geralmente, são as mulheres responsáveis pela alimentação das práticas da piedade nesses grupos, não se esquecendo de nenhum detalhe, desde a piedade costumeira aos cristãos, segundo as suas denominações, aos enfeites do altar, ao exercício de pedagogias na escola, ao zelo pelo cumprimento dos rituais quando por ocasião de uma missa ou culto no pátio da unidade escolar. Aos homens, geralmente em pouco número, há pouca reverência à hierarquia, mas quando são impelidos, usam da força física e racional para decidirem os problemas relacionados ao sagrado, aos ritos, estão a postos.

Há uma acentuação fortíssima a fixar a questão de gênero⁶⁹ nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, mesmo antes, quando o nome de origem Muquém deixou de sê-lo oficialmente em 1986, pelo decreto municipal nº 86/86. As mulheres sempre foram conduzidas a cuidarem dos filhos, serem professoras, ajudarem na

⁶⁸ “Para muitos, Durkheim tornou-se um ‘profeta de uma nova e recém-nascida religião’[...] Esta última estabiliza a solidariedade orgânica, exigindo que suas leis sejam cumpridas. Esta é a exigência de uma religião de indivíduos cuja meta seja manter os indivíduos associados, porque se sua união fragmentada se desintegrar o mesmo acontecerá com a sociedade [...] A solidariedade mecânica, por outro lado, é a das ‘massas homogêneas’, ‘a horda’. Durkheim considerava as massas ‘destituídas de uma forma definida’ [...]” (ERICKSON, 1996, p. 67).

⁶⁹ “Durkheim verificou que a vida sexualizada, uma vez diferenciada, torna-se uma contínua realidade. Os homens realizam este procedimento através de ritos religiosos que lembram o ciclo reprodutivo do mundo profano e animal de que saíram recentemente (e tiveram que rejeitar) e, ao fazê-lo, aceitam o significado dessa função reprodutiva [...]. A meta dos rituais que tornaram a experiência reprodutiva das mulheres e a transferem para os homens, em vez de empregar a experiência reprodutiva destes últimos, talvez não seja favorável às mulheres” (ERICKSON, 1996, p. 80).

preparação do altar, trazerem flores para experienciar os ritos sagrados. Aos homens coube a tarefa de discutir sobre a agropecuária, opinar qual melhor proposta para os bairros, colocar alimentos dentro de casa, participarem da preparação do ranchão para a realização dos leilões, da implantação do mastro, instalando lâmpadas, participando da vida sacramental da comunidade onde reside, de forma muito tímida (os católicos). Com relação aos evangélicos, cuidar do templo/igreja em termos de limpeza e alimentação, é tarefa cabível às mulheres, aos homens resta os serviços de compra e distribuição dos alimentos quando por ocasião das festividades no templo/igreja.

Toda essa forma de solidariedade, constituída na comunidade do Bairro Santa Cruz e Las Vegas I, possui uma razão de ser. Do ponto de partida, entra em cena a presença do sagrado, em que se percebe por muitas categorias bíblicas que ele é susceptível aos homens Abraão, Moisés, Jesus Cristo, a idéia de Deus é trabalhada na consciência coletiva com símbolos masculinos, possuidores de poderes para “comunicar-se com Deus”. Representa a força, sustentáculo da própria religiosidade dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I; os símbolos bíblicos permeiam a vida da população introduzindo a coragem e a força. Sob o ponto de vista Durkheimiano, discutindo sobre o totem, e aqui entendida, a imagem material e não material, que a religiosidade cria em seus templos cristãos, de Abraão, Moisés e Jesus Cristo, é preciso salientar que:

Eis no que consiste realmente um totem: é simplesmente a forma material sob a qual se representa para as imaginações, através de toda a espécie de seres heterogêneos, essa substância imaterial, essa energia difusa, único objeto de culto [...]. E assim o universo, tal como o totemismo o concebe, é atravessado, animado por certo número de força que a imaginação representa sob a forma de figuras tomadas de empréstimo, com poucas exceções ao reino animal, e ao reino vegetal: elas são tantos quantos são os clãs da tribo e cada uma delas circula através das quais constituem a essência e o princípio vital (DURKHEIM, 1989, p. 240).

O que se encerra nos personagens Bíblicos, assim como no totem dito por Durkheim, é a idéia de um Deus presente, manifestado na forma material, no papel da imaginação coletiva, representa a imaterialidade entre os símbolos heterogêneos.

A prática da busca da cura, comum em todas denominações dos dois bairros, na “consciência coletiva”, está associada à força da natureza, do

templo/igreja, tão presente na representação expressa nos desenhos (em anexo), por excelência à cura física. É comum tomar banho de erva para curar de um mal, buscar na água límpida a purificação do corpo, na terra a energia do Deus verdadeiro. Por outro lado, há o que sustenta o caráter moral e se restringe à Justiça Divina, do êxtase, da misericórdia, ou seja, nas palavras do sociólogo Otto (1985), do mistério que provoca tremor e temor, perceptível entre os evangélicos especificamente.

Não obstante, as memórias e imagens de personagens sagradas são capazes de definir padrões éticos, morais. E aqui reside o aspecto da cultuação e preservação do sagrado em todas as religiões dos dois bairros, pois a prática dos princípios morais, acompanhados da terapia física, criam nomos, constroem ações para que possam apresentar defesas acerca das agressões do mundo. As armas utilizadas são justamente a presença 'imaginária' dos personagens bíblicos, muitos deles utilizavam a força física e moral para se defenderem das intempéries físicas e espirituais de sua história, assim como atestam os livros do Genesis, Números e Marcos.

Quando chegaram ao lugar que Deus lhe indicara Abraão construiu o altar, colocou a lenha depois amarrou seu filho sobre o altar, em cima da lenha. Abraão estendeu e pegou e falou para imolar seu filho (Gn 22, 9-10).

Javé falou a Moisés: Diga aos filhos de Israel: Se alguém supõe que sua mulher se desviou e se tornou infiel, e que outro homem teve relações com ela, tornando impura em segredo, pois não havia testemunhas nem foi surpreendida em flagrante, se o marido suspeitar e tiver ciúmes, esteja a mulher contaminada ou não, ele deverá levar sua mulher ao sacerdote (Nm 5,11-13).

Eles chegaram a um lugar chamado Getsêmani. Então Jesus disse aos discípulos: 'Sentem-se aqui, enquanto eu vou rezar'. Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a ficar com medo e angústia. Então disse a eles: 'Minha alma está numa tristeza de morte. Fiquem aqui e vigiem. Jesus foi um pouco mais adiante, prostrou-se por terra e pedia que, se fosse possível, àquela hora se afastasse dele'. Ele rezava 'Abba! Pai! Tudo é possível para Ti! Afasta de mim este cálice!' Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.

Depois Jesus voltou, encontrou os três discípulos dormindo, e disse a Pedro: 'Simão, você está dormindo? Você pôde vigiar nem sequer uma hora? Vigiem e rezem, para não cair em tentação! Porque o espírito está pronto para resistir, mas a carne é fraca'.

Jesus se afastou de novo e rezou, repetindo as mesmas palavras. Voltou novamente, e encontrou os discípulos dormindo, porque seus olhos estavam pesados de sono. E eles não sabiam o que dizer a Jesus. Então Jesus voltou pela terceira vez, e disse: 'Agora vocês podem dormir e descansar. Basta! Chegou a hora! Eis que o Filho do Homem vai ser entregue ao poder dos pecadores. Levantem-se! Aquele que vai me trair' (Mc 14, 32-42).

Longe de fazer uma análise exegética e hermenêutica destes três textos bíblicos, mas dar uma conotação de que há semelhança neles, e isso implica dizer da presença masculina do ser humano conjugado diante do sagrado, que tem força de libertá-lo do estado físico e psicológico terrificante, apelando assim para a saída espiritual⁷⁰, psíquica proposta por Abraão, Moisés e Jesus (e este sob proteção e protegendo a presença masculina), perante o estado físico de decadência das pessoas, ou seja, as pessoas em situação de pecado e de decadência. Há uma busca incessante dos mediadores do sagrado nas religiões dos dois bairros, ora apela para padres, pastores, líderes comunitários e até espíritas, ora para personagens bíblicos, não deixando de vir à tona a presença masculina mediadora do bem.

O que fica claro é que, por questões da tradição do cristianismo, apoiado até na Bíblia, a presença do ser humano masculino sempre se sobrepõe à presença do ser humano feminino quando o assunto é o sagrado.

No entender das crianças o templo/igreja é algo sagrado.

Não existe algo mais importante em minha vida do que o templo/igreja de minha religião. Sou católico, mas todos os templos/igrejas que meus amiguinhos freqüentam traduzem o mesmo sentimento para elas que eu sinto quando freqüento o da minha religião: o respeito a vida e a dignidade do ser humano. Além disto, o templo/igreja para mim é tão especial que todas as reuniões e missas procuro sempre estar presente (Eduardo, aluno da 3ª série vespertino).

Conquanto, todos os templos/igrejas freqüentados pelos educandos quem os coordenam são homens. Este dado verificável no campo de pesquisa é constatado, também, por meio de Durkheim, quando menciona a questão do sagrado, elemento este na religiosidade das pessoas dos bairros em pesquisa, ficando claro que é comum ocupar-se do sagrado o gênero masculino, embora este dado não tem procedido, hoje, entre as religiões, de um modo geral, no Brasil, porém, acentuando o pensamento de Durkheim, o sagrado nos bairros em questão é manipulado pelo homem, uma vez que o ele diz:

⁷⁰ A questão de cura espiritual é ponto de referência na maioria dos templos/igrejas em que os educandos freqüentam.

Às vezes a dignidade religiosa – que por este motivo é inerente a cada membro do clã – não é igual para todos. Os homens a possuem num grau mais elevado do que as mulheres; com relação a eles, as mulheres são como profanas. Assim, todas às vezes, que há uma assembléia, seja dos grupos totêmicos ou da tribo, eles têm um campo separado, distinto do das mulheres, e em estas últimas não podem entrar: elas são segregadas (DURKHEIM,1965,p.61-2).

Quando se infere sobre a questão do sagrado, implica estar ocupando-se de todo o elemento que venha quebrar o cotidiano da vida comunitária, nos quais estão os templos/igrejas desenhados pelos educandos e junto a eles estão os símbolos encontrados em seu interior, acompanhados de frases que traduzem o que os educandos desejam para a vida comunitária dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

O Capítulo II fará uma apologia aos templos, porém é importante ressaltar que os elementos chave que motivarão a construção deste capítulo serão as pesquisas entre os educandos e a importância que estes dão ao templo/igreja de sua religião, cientificada logo a seguir.

CAPÍTULO II

2.1 A PESQUISA

Fora pedido aos educandos da 3ª e 4ª séries da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, num total de 36 alunos, que fizessem em forma de desenho⁷¹ o que a sua religião e da sua família representava para si. Em todos os desenhos, em anexo, o templo/igreja, associado a um outro símbolo como a bíblia, anjos, cruz, obteve relevante representação. Todos que se determinaram a desenhar sua maior representação religiosa e procuraram descrever sobre ela foram unânimes em mostrar a idéia da religião como coisa⁷² positiva, como fonte de fé e segurança, lugar de busca de paz, levada a sério como amparo aos desvalidos. Percebe-se, portanto, que para as crianças o templo/igreja é o lugar da promoção humana e o seu exterior é de degradação, seguem no anexo os desenhos representativos. O importante é notar que entre as crianças não há acepção de credo ao desenhar o

⁷¹ Ver também o anexo.

⁷² "É coisa todo o objeto do conhecimento que a inteligência não penetra de maneira natural, tudo aquilo de que não podemos formular uma noção adequada por simples processo de análise mental, tudo o que o espírito não pode chegar a compreender senão sob condição de sair de si mesmo, por meio da observação e da experimentação, passando progressivamente dos caracteres mais exteriores e mais imediatamente acessíveis para os menos visíveis e mais profundos. Tratar fatos de uma certa ordem como coisa não é, pois, classificá-los nesta ou naquela categoria do real; é observar, com relação a eles, certa atitude mental. Seu estado deve ser abordado a partir do princípio de que se ignora completamente o que são, e de que suas propriedades características, assim como as causas desconhecidas de que estas dependem, não podem ser descobertas nem mesmo pelas mais atenta das investigações" (DURKHEIM, 1987, p. 21).

templo; conseqüentemente, seus desenhos, independente do templo/igreja que freqüentam, são semelhantes.

2.1.1 O DESENHO

No momento em que foram sugeridos a representação da religião e seu significado para o educando, ficou bem externado o seu sentimento de valorização do templo/igreja.

O templo/igreja apareceu em todos os desenhos, independentemente do credo religioso do educando. No desenho, fica reforçada a idéia de sagrado, de profano, de atração. É notório como o educando tem o templo/igreja um refúgio, como lugar onde a violência não entra, mostrando que ali estão separados o sagrado e o profano. A criança pura retrata o que ela pensa sobre a religião, nota-se que o templo é o centro de seus parâmetros.

Os desenhos são agora retomados em análise para se descobrir os símbolos materiais e imateriais presentes no imaginário religioso da criança, confirmando a tradição religiosa católica do Bairro Santa Cruz (um dos primeiros a surgir em Bela Vista de Goiás). Das 36 crianças, 33 delas tiveram sua iniciação religiosa no catolicismo, portanto, 91,66% do educando traz uma cultura religiosa católica, por isso faz jus a análise desses desenhos.

As crianças católicas desenharam o templo, em anexo, e foram unânimes em acentuar a cruz⁷³ como uma forte representação que acompanha o cristianismo, seguem-se outros símbolos materiais como a Bíblia, o sino, a árvore, o encontro entre pessoas e os fiéis assentados nas cadeiras, casas ao redor do templo. Como representação simbólica imaterial o céu, o Deus, os anjos, a paz e a aves. O que surpreende é o fato de os desenhos trazerem o templo/igreja com formatos diversos. Mesmo contando com um único templo/igreja, para os dois bairros, na vida da criança, há algo diversificado: como tons fortes, altura das torres e janelas e a

⁷³ “A cruz está plantada em toda parte. Encontramo-la nas igrejas, nas casas, nas praças, em repartição públicas, à beira das estradas e nos cimos das montanhas. Com ela deparamos desde o nascer até ao pôr do sol; do nascimento até a morte. Caminha conosco em horas de alegria e de tristeza” (BECHAUSER, 1996, p.30).

postura nos momentos religiosos. Os desenhos apresentados pelos alunos dos templos/igrejas evangélicos, em anexo, têm uma peculiaridade: são sem torres, com uma tendência maior a caracterizar o seu interior. Os bens simbólicos materiais correspondem à Bíblia, em uso, na mão de todos e transformando-se em objeto de culto e adoração. Sem exceção, o ser humano quando retratado está numa postura de acolhimento, percebe-se os braços abertos.

Os pontos comuns observados nos católicos e evangélicos, por meio dos desenhos em anexo, são: o sentimento de que no Bairro Santa Cruz e Las Vegas I há necessidade da vivência da paz, da harmonia, da felicidade e, portanto, medo da violência e das drogas, lido em suas entrelinhas. Outro ponto comum é que o padre e o pastor estão em postura mais elevada com relação aos fiéis, que, na maioria dos desenhos, ficam sentados, enquanto a figura do padre ou pastor é imponente.

Há uma certa incoerência em alguns desenhos, em anexo: alguns evangélicos desenharam a cruz agregada ao templo/igreja, alguns católicos desenharam a matriz da cidade de Bela Vista de Goiás como o templo/igreja em que eles freqüentam, uma vez que costumam freqüentar o templo/igreja do bairro.

Os templos/igrejas do Bairro Santa Cruz e Las Vegas I representam a necessidade do ser humano estar em contato com o sagrado, o que lhe dá alívio, coragem para enfrentar as adversidades. São espécies de consultórios, de auxílio psicológico, conseguem fazer a catarse que o profissional faria, ou seja, mudar o interior de cada um, enchendo-o de esperança, confiança, certeza de que as coisas vão melhorar. É com este imaginário, deste educando pesquisado, mostrado em concretude em seus desenhos, que se proporá à Escola Municipal Pedro Alves Ferreira uma ação pedagógica no terceiro capítulo desta dissertação.

2.1.2 OS SENTIMENTOS DESCRITOS NOS DESENHOS

Após o período de realizações dos desenhos, é proposta ao educando outra atividade, esta feita, é solicitado que o educando mostre como se sente no templo. O resultado, por meio das palavras escritas, foi o seguinte:

- das 36 crianças pesquisadas, correspondentes ao educando da 3ª e 4ª séries, faixa etária entre 7 e 14 anos, moradoras em endereços diferentes nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, algumas fazem declarações que sublimam o templo/igreja.

Quando eu vou ao templo/igreja me vejo como um pássaro, voando sobre as nuvens, em sintonia com o universo; a vontade que eu tenho é que todos os meus colegas estivesse lá [...] a palavra de Deus me impulsiona a estar em sintonia com o que é bom e o que é bom é estar nas alturas (Andressa Arantes aluna da 3ª série matutino).

Durkheim fala da necessidade do ser humano de integrar-se na sociedade por meio de uma formação sólida, capaz de levá-lo a desenvolver papéis sociais; acredita-se que a necessidade da aluna Andressa Arantes é de estar em um lugar onde lhe proporcione prazer, bem-estar e ela o encontrou. Este dado já é um avanço e se considera, por parte da metodologia desta pesquisa, uma coerção capaz de formar a aluna por meio de uma proposta pedagógica, vista no terceiro capítulo, que valorize este sentimento.

O templo/igreja é um espaço

onde lembra-se com intensidade de Deus, adquire a sensação de liberdade, sentem que respiram um ar melhor e que o templo é o lugar de alegria e de ser feliz, onde aflora a vontade de rezar, de falar com Deus, a sensação de estar no céu e de que a paz é uma realidade concreta (Fernando de Carvalho, aluno da 4ª série matutino).

Nota-se na fala de Fernando de Carvalho, a importância do templo/igreja em sua comunidade. O mesmo mora no Las Vegas I, afastado do centro de Bela Vista de Goiás, onde impera o descaso dos poderes público com relação à segurança e ao saneamento básico. O mesmo diz-se desprotegido socialmente, pois vê os seus

companheiros testemunhando consumo de drogas nas ruas por não procurarem o templo/igreja como refúgio, onde poderiam livrá-los destes momentos tétricos e destruidores.

No templo/igreja Jéssica Cândido, Juliana, Amadeus, alunos da 4ª série matutino, sentem-se unidos com todos e pensam que se todos buscassem o templo/igreja para orar, o mundo seria melhor, a violência não existiria; sentem-se abençoados; consideram o templo/igreja um lugar de busca do alimento espiritual, para eles, este espaço sagrado é o lugar onde encontram as coisas boas e expulsam as ruins; sentem a presença de Deus; são amados, alegres, amorosos iguais a um pássaro; são amados na presença de Deus e dos irmãos, vêem o templo/igreja como alicerce para a paz com os irmãos e com Deus.

Lendo nas entrelinhas destes sentimentos do educando pesquisado, denota-se que o templo/igreja é algo que faz a diferença em suas vidas, pois convivem com a violência social encontrada nos dois bairros como: brigas entre familiares, assassinatos, drogas, desemprego, tendo, portanto, um papel social fundamental na vida dos bairros, não só no templo/igreja, mas nos líderes religiosos, portadores da mensagem do evangelho. Quando Durkheim fala da solidariedade mecânica, ele diz que os homens, no início, não se preocupavam com a convivência hierárquica, e vem à tona a idéia de que as crianças sentem a necessidade de criar laços afetivos político-familiar fora do convívio dos seus pais e o templo/igreja proporciona-lhes estes laços. Para ilustrar o que Durkheim fala sobre solidariedade mecânica, Erickson em seu livro *Onde o silêncio fala*, monta um esquema que melhor analisa este pensamento durkheimiano, considerando que a passagem da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica cria uma nova ordem moral como estrutura norteadora de um sociedade forte, fazendo-se importante para uma reflexão nas comunidades dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, que precisam desenvolver valores arraigados na sociedade mecânica e que prevaleça a afetividade como meio promotor da vida humana. Erickson esquematiza que os adultos, de ambos os sexos, têm igualdade, não há superioridade dos chefes, os chefes administram, o parentesco não é organizado com as gerações, a “origem comum” é politicamente

importante para a comunidade; já a criança está ligada a outros membros da comunidade adulta, a natalidade é organizada, a adesão unânime a crenças, particularmente, que fazem o indivíduo ser absorvido pelo grupo (ERICHSON, 1998, p.66).

O aluno Thiago Santiago, ao falar do seu sentimento com relação ao templo/igreja, argumenta: “A igreja começa com um ato de amor, de paz e amizade. Ela está neste mundo para trazer a paz [...] (4ª série vespertino). A aluna Alessandra Paiva, expondo seu sentimento sobre o templo/igreja, diz: “A minha Igreja significa paz. Eu acho que todas as pessoas deve acreditar em Deus” (3ª série vespertino). Tanto na fala do primeiro aluno quanto da segunda aluna vem dar procedimento à argumentação de Durkheim (1995) quando salienta sobre a necessidade das pessoas formarem o consenso para impedir que a norma social estabeleça a crença em um só pensamento para a construção de uma sociedade forte e o templo/igreja possa dar esta contribuição que se resume em acreditar em Deus.

Luciano Souza Bastos, 4ª série matutino, expõe o seu sentimento de desejo de que a paz, em sua comunidade, seja edificada e o coloca de forma precisa: “A minha igreja não tem briga porque lá é de reza, é muito bonita e boa. Eu não deixo de ir [...] lá fora eu fico muito pensativa o porque essas pessoas que vivem brigando elas não vão à igreja [...]”.

Tem-se, na fala do Luciano, os aspectos que promovem a paz, encontrados nas falas de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, na Missão da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, nas orações de dona Genesi Bonifácio relatada no capítulo I. O pensamento durkheimiano é considerado como base de sustentação teórica nesta fala de Luciano, quando essa fala é carregada de um sentimento conservado no templo/igreja e destruído socialmente, esse sentimento refere-se à própria conservação da paz no espaço de oração. Apoiando-se em Durkheim, o templo/igreja para o educando é sagrado, vê-se como a participação dessas crianças justifica o surgimento das religiões, a exemplo da participação dos adultos,

ou seja, as religiões surgem por uma necessidade da busca do sagrado pelo ser humano.

Quando certo número de coisas sagradas mantém entre si relação de coordenação e de subordinação de maneira a formar sistema com certa unidade, que, entretanto, não entra em nenhum outro sistema do mesmo gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui religião (DURKHEIM, 1989, p. 72).

Há também sentimentos que vem preservar o templo/igreja como lugar privilegiado para a oração: “Eu vou à igreja para rezar e minha mãe vai e reza e meu pai também” (Prescila Rigo, 3ª série vespertino). Temos aí a valorização do templo/igreja como um lugar capaz de quebrar o cotidiano na vida familiar do educando da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, levando-o a fixar cada vez mais, em sua crença de que o templo/igreja é a referência comunitária, a afirmação que encontra respaldo na seguinte passagem de Durkheim (1989, p. 75):

As crenças propriamente religiosas são sempre determinadas coletivamente que faz profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. Elas não são apenas admitidas a título individual, por todos os membros dessa coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade. Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé em comum.

O que segue-se é uma apologia aos templos, razão esta porque o templo/igreja, para as comunidades Santa Cruz e Las Vegas I, é um símbolo valorizado na vida do educando em formação. Conseqüentemente, a seguinte discussão será trabalhada em forma de conteúdos didáticos no terceiro capítulo, na dimensão da intedisicplinaridade pedagógica por meio das disciplinas: língua portuguesa, ciências, história geografia, artes, matemática, folclore e ensino religioso, sem perder o seu caráter didático.

2.1.3 OS TRABALHOS DESENVOLVIDOS DENTRO E FORA DO TEMPLO/IGREJA

Dos 36 educandos entrevistados, 71,3% são católicos, as demais são das denominações evangélicas e equívalem a: 6,1% Brasil para Cristo; 3,6% Jesus é

Caminho; 3,6% Deus é Amor; 1,8% Brasil para Cristo e 14,4% Assembléia de Deus; todas exercem trabalhos de caráter religioso em um dos dois bairros.

Os católicos realizam dentro do templo: rezas para os doentes e falecidos, participam dos encontros dos casais e catequese, lêem a Bíblia para as pessoas tristes e angustiadas, ajudam as crianças órfãs, os velhinhos abandonados, falam de Deus, fazem novenas em preparação à Nossa Senhora Aparecida, rezas do terço, danças, cantos, brincam de pique-esconde e corre-mão, pedem a benção à Deus.

Fora do templo, os católicos fazem círculos bíblicos, participam da reunião mensal em Goiânia e do Planejamento Anual Paroquial, visitam os doentes, dançam, cantam, brincam, rezam nas casas, lêem a Bíblia e fazem a oração semanalmente nas casas onde há terços, falam de Deus para quem necessita da sua presença e não pode ir ao templo/igreja por motivos diversos, ao mesmo tempo se preocupam em saber se necessitam de alguma coisa, visitam os colegas e outras pessoas hospitalizadas e os vizinhos, mesmo estando com saúde, visitam o asilo, dão comida a quem tem fome, reúnem-se para rezar nas próprias casas e na dos vizinhos.

Os Evangélicos da Assembléia de Deus, dentro do Templo Igreja, tanto no Santa Cruz como no Las Vegas I, pregam o Evangelho, lêem à Bíblia e fazem orações. Entre as crianças pesquisadas, há crianças cujo pai é pastor e todos da casa trabalham em prol do crescimento do Reino de Deus. Fora do templo/igreja, fazem cestas básicas, visitas de oração, conversa sobre a Bíblia e fazem visitas e cultos nos lares.

Os Evangélicos da Congregação Deus é Amor, oram a Deus pelos doentes, uma das crianças possui irmãos mais velhos, cuja tarefa é tocar órgão no templo/igreja. Fora do templo/igreja visitam os doentes e levam a mensagem apreendida nos cultos sobre Deus e dão conselho acerca da importância da fé em Deus para melhor restabelecer a saúde.

No templo/igreja Jesus é o Caminho, as crianças cantam, oram com a Bíblia e fora, trabalham na ajuda dos adultos e das crianças carentes.

Os fiéis do Brasil para Cristo, como não têm templo/igreja nos dois bairros, evangelizam em sistema de células, praticam seus ritos religiosos nas casas dos 'irmãos' e meditam a palavra nestes encontros, juntamente com os pais praticam ações de valor caritativo e evangelizador, dão assistência a gestantes carentes, auxiliando na confecção do enxoval, preparando-nas para receberem o novo ser.

Os praticantes adultos como avós, pais, tios, filhos caracterizam-se por serem pessoas de variados graus de instrução, de diferentes tipos de vivência, várias etnias, mas juntos transportam para a escola suas representações⁷⁴ religioso-simbólicas materiais e imateriais, construindo o imaginário coletivo⁷⁵ dos Bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

2.2 A DISCUSSÃO – O TEMPLO COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

“Destruí este templo e em três dias hei de reconstruí-lo” (Jo 2. 19).

No capítulo anterior, procurou-se mostrar a ação das religiões na vida dos habitantes do campo de pesquisa, tendo por maior ênfase o educando como receptor dos elementos religiosos, oriundos das falas de D. Antônio Ribeiro de Oliveira e dos fiéis católicos, dos pastores e dos fiéis evangélicos e, conseqüentemente, da influência do Plano de Desenvolvimento da Escola(PDE), portador de valores defendidos pelos agentes que atuam nas denominações religiosas da comunidade-campo. Considerou Durkheim como base teórica para sustentar que o educando é coergido desde quando nasce, ora freqüentando o templo/igreja por meio da família, ora ouvindo e notificando os líderes religiosos que manipulam o sagrado e elaboram discursos sobre a defesa da vida.

⁷⁴ Por representação, entende-se a imagem simbólica que se constrói com base numa determinada experiência histórica, trata-se de um processo de construção coletiva e não individual.

⁷⁵ “O imaginário coletivo que se define como o conjunto das representações simbólicas, através das quais determinado grupo ou cultura expressa sua visão de mundo, da vida, da morte, da religião, dá sentido a fatos, coisas, acontecimentos, cria ou reprime comportamentos, etc” (SCHIAVO, 2001, p. 22).

Até aqui, mostrou-se a pesquisa realizada com os educandos, vê-se, portanto, o templo/igreja como a grande representação religiosa dos educandos. No intuito de conhecer o espaço em que os ritos, os símbolos, as representações religiosas são apresentados e formadas, para o educando de 1ª e 4ª séries da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, ocupar-se-á de uma reflexão sobre o templo no desejo de mostrar a sua presença ao longo dos tempos, com a sua influência religiosa e mística, entendendo que o templo possui um significado mensurável para as pessoas, tendo como motivação a pesquisa, anteriormente exposta, realizada com os educandos. Faz-se, portanto, necessário definir mecanismos que agregam-se ao processo pedagógico escolar, trabalho este desenvolvido no terceiro capítulo, como uma proposta pedagógica que leve em consideração as religiões e sua dimensão simbólica na vida do educando. Antes disso, discutir sobre o templo, torna-se fundamental neste capítulo, pois o templo/igreja mostrou-se como maior referencial do educando numa ótica cristã.

Segue-se, portanto, um discurso sobre o templo, pois constitui-se na maior representação religiosa dos educandos da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira. É interessante lembrar que, conforme Durkheim, a criança necessita de ser coergida, e neste trabalho entende-se que o templo é considerado um elemento que coerge a criança, e o faz por meio dos seus ritos e símbolos, que a faz resistir à violência e às drogas, por exemplo, antes mesmo de freqüentar a escola, certeza esta testificada por meio da pesquisa descrita a pouco.

2.3 O TEMPLO NA HISTÓRIA

Desde os primórdios, o homem sempre reservou um espaço para proteger-se ou proteger o que lhe parecia mais sublime. Desde a “grande quantidade de rochedos, de pedras furadas” (ELIADE, 1970, p. 435), aos retiros espirituais, leitura bíblica; na atualidade, a relação homem e templo é sempre fecunda.

Entra, nesta discussão, o estado natural das coisas, mas precisamente a natureza. Ela, a natureza, orienta o homem a si sintonizar com o cosmo, que passa a servir ao homem como instrumento de inúmeras interpretações acerca de sua formação da vida de comunidade. Eliade (1970, p. 435) diz que:

Entre os indígenas, nunca o lugar sagrado se apresenta isoladamente ao espírito. Ele faz sempre parte de um complexo em que entram as espécies vegetais ou animais, que aí abundam em certas estações, os heróis míticos que aí viveram, vaguearam, que aí se celebram periodicamente e, enfim as emoções suscitadas por este conjunto.

Em primeira mão, o homem elege o cosmo como um templo⁷⁶. É nele que se encontram as cratofanias⁷⁷ e hierofanias⁷⁸ que lhes são peculiares. No entanto, sente-se na insegurança de estar na amplitude do cosmo, busca lugares que passam a ter para si representações, isto é, um espaço que lhe proteja das pestes, do inimigo, do frio, do calor, da chuva, do medo, da solidão, da incerteza, do caos, buscando, enfim, a fortaleza, o conforto interior, as respostas para questões do dia-a-dia, a harmonia com o sobrenatural⁷⁹, a proteção da colheita, a saúde e a fertilidade da terra e de si próprio.

O templo é o 'centro do mundo', é um espaço sagrado, em dado momento, o templo é lugar onde os reis dominavam pelo seu poder absoluto e silencioso e em outros lugares de agitação política-econômica-religiosa de onde se projeta a salvação e condenação da humanidade. Em qualquer das situações, o templo sempre emanou uma mística sedutora a todos os homens.

⁷⁶ Esta questão é mencionada de um ponto de vista que o primeiro *habitat* do homem foi o cosmo, o universo, por exemplo, o mito de Adão e Eva, ver nota de rodapé n. 91.

⁷⁷ "Encontramos freqüentemente a noção de força ou de eficiência junto à hierofania; denominamo-la cratofania, precisamente porque nos falta demonstrar o sagrado" (ELIADE, 1970, p. 48).

⁷⁸ "Algumas hierofanias tem um destino local; há outras que têm, ou adquirem, valências universais. Os indianos, por exemplo, veneram uma árvore chamada Açattba; simplesmente, para eles a manifestações do sagrado nesta espécie de vegetal é transparente, pois só para eles a Açattba é uma hierofania e não uma árvore" (ELIADE, 1970, p. 25).

⁷⁹ "[...] a idéia de sobrenatural, tal como entendemos, é recente: ela supõe, com efeito, a idéia de que é negado e que não tem nada de primitivo. Para que se pudesse dizer, de determinados fatos, que são sobrenaturais era preciso ter já o sentimento de que existe uma ordem natural das coisas [...] Uma vez que se chegando a esse princípio, tudo aquilo que transgride essas leis deveria aparecer, necessariamente, como não fazendo parte da natureza e, por conseguinte, da razão" (DURKHEIM, 1989, p. 57).

Esse aspecto denota a idéia de que o homem se refere ao templo como sua morada, lugar que possa garantir-lhe o encontro com algo sagrado, oferecendo-lhe condições para a sua mística. Mesmo em condições de poder político, o templo exerce fascínio e redobrados cuidados, levando até às últimas conseqüências para ser preservado, é o caso, por exemplo, da Basílica de São Pedro em Roma, das Pirâmides do Egito na Grécia e dos Lugares Santos em Jerusalém.

O muro ou círculo de pedras que encerram o espaço sagrado contam-se entre as mais antigas estruturas aquitectônicas conhecidas no domínio dos santuários. Aparecem já nas civilizações proto-indianas e egeias. O muro ou vedação não implica e não significa apenas a presença continua de uma cratofania ou de uma hierofania no interior do recanto; ele tem, além disso, por objetivo preservar o profano do perigo a que se exporia se ali penetrasse com os devidos cuidados. O sagrado é sempre perigoso para quem entra em contato com ele sem estar preparado, sem ter passado pelos 'movimentos de aproximação' que qualquer ato de religião requer. 'Não te aproxima daqui - diz o Senhor a Moisés - tira os seus sapatos, porque o lugar onde estás é terra santa'. Daí, os inúmeros ritos e prescrições (como é o caso dos pés nus) relativos à entrada no templo, atestados freqüentemente entre os Semitas como entre os povos mediterrâneos (ELIADE, 1970, p. 439).

O homem, ao longo dos séculos⁸⁰, descobriu os elementos da natureza e sentiu que ela era merecedora de proteção, daí surgem os ambientes mais fechados onde estes elementos eram representados em forma de desenhos, totem e imagem e neles a hierofania acontecia, o sagrado sempre o seduziu, sendo protegido do profano, capaz de, na fala de Eliade, impedir que o sagrado fosse manifesto, por isso a razão do templo.

Ao mesmo tempo em que o acesso ao espaço sagrado, ao templo, pareça fácil pelo uso da gama de ritos, símbolos e mitos que são construídos e o habitam, estes elementos possuem características peculiares a cada unidade de tempo em sua diversidade, isso implica dizer que cada cultura religiosa⁸¹ constrói e preserva seus elementos ritualistas, simbólicos e mitológicos ao longo dos séculos.

⁸⁰ Refere-se ao início da história da humanidade em que o homem manteve uma relação de profundo respeito aos elementos da natureza: "Não existe aspecto da natureza que não seja capaz de despertar em nós aquela sensação aterradora de infinito que nos envolve e nos domina. Nessa sensação teriam derivado as religiões" (DURKHEIM, 1989, p. 110).

⁸¹ A reflexão de cultura quando se fala de cultura religiosa é apoiada na seguinte afirmação: "Assim para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura [...] a criança esta apta ao nasce a ser socializada em qualquer cultura existente" (LARAIA, 1988, p. 63).

Seguem-se a representação do templo em algumas religiões ditas por universais e da comunidade-campo com o intuito de localizar a sua força libertária e opressora, ritual, simbólica e mitológica, portadora da força de resistência e defensora de seus valores e crenças religiosas, valendo-se do que lhe é peculiar, a religiosidade.

2.4 O TEMPLO EM ALGUMAS RELIGIÕES UNIVERSAIS

O hinduísmo⁸² se coloca perante o mundo num apego aos lugares como algo que lhe sirva de templo. Isso é perceptível na variedade de deuses cultuados por essa religião, chegando a milhares de deuses⁸³ O hinduísmo não possui um lugar fixo para se praticar e comemorar os seus ritos e festas domésticas, estas festas são, de certa forma, realizadas conforme com as regiões e divindades celebradas no templo, propriamente dito, são reservadas festas à Shiva⁸⁴, por exemplo, durante a qual os fiéis passam a noite no templo; assim como acontecem esta e outras inúmeras festas, acontecem peregrinações externas ao templo, como subida e descida de rios, escalada de montanhas, ou simplesmente ida lugares sagrados. O templo, chamado de Mandir, tem uma função importante, lá se encerram as meditações e cerimônias, em um ambiente de fortes emoções, onde as imagens são muito grandes e coloridas, forte cheiro de aromas, tendo como oferta às divindades flores e frutos embalados por cantos e danças, enquanto que o Rio Ganges, um dos mais importantes para os hindus, aconchega os lugares mais sagrados em número elevado. O templo serve como uma espécie de refúgio, para

⁸² “Considerada a mais antiga das religiões (cinco mil anos). É resultado do encontro de muitíssimas tradições [...] é o conjunto de princípios filosóficos e religiosos que orientam o comportamento das pessoas (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1997, p. 40).

⁸³ Os principais Deus são Bhama, o criador; Vishnu, o protetor e Shiva, o destruidor (SAMUEL, 1997, p. 236-296).

⁸⁴ “Shiva – No panteão indiano, representa o arquétipo do asceta, o deus da libertação. Yogui dos yuguis, o destruidor da ilusão ou da ignorância. É a terceira pessoa da Trimurti, ou trindade: Brahma, Vischma, Shiva [...] (BHAGAVAD GITA, [1979?], p. 182).

buscar força, para mergulhar nas águas do Rio Ganges, até morrer para que a alma seja purificada⁸⁵ de todo o pecado e que possa alcançar a sua libertação definitiva.

Pelo número elevado de deuses, oferece margem para um elevado número de ritos, que são uma prática de caráter público e privado. O conteúdo das orações são os trechos dos Vedas⁸⁶, servindo para alimentar os ritos, ao logo da vida do hindu, passando pela concepção, escolha do nome para o recém-nascido, o primeiro corte de cabelo, o casamento, a morte até o enterro. O templo, portanto, é o espaço que dá margens para que os ritos, para que as festas sejam alimentadas, é o espaço onde o hindu se refaz. Há uma variedade de templos hindus, até por que há uma variedade de deuses. O hinduísmo⁸⁷, nascido há mais de mil anos, possui doutrinas, tradições e práticas religiosas pertencentes a povos diferentes que se instalaram na Índia, no vale do Rio Ganges, durante o segundo milênio antes de Cristo. Seus seguidores o chamam de Religião Eterna, porque dele não se conhece nenhum fundador humano. Suas tradições passaram a ser registradas a partir de 1.500 a.C, nos quatro livros dos vedas.

O judaísmo⁸⁸, conhecido como a primeira religião revelada, mantém uma relação singular como o templo. Figuras como a de Abraão, 1800-1300 a.C.; Saul, Davi, Salomão 1040-931 a.C.; história da Palestina enfocando o império romano 63 a.C marcam essencialmente a história do judaísmo bíblico, por meio dos textos sagrados, tendo como símbolo o templo, ora sob a ótica de Eliade (1970), considerando que o grande templo é a montanha, as pedras, a natureza, ora sob a ótica bíblica, considerando o templo propriamente dito, onde residem os mensageiros do Javé, Eloim, enfim, o próprio Deus Judaico. Por exemplo, a Abraão, Javé dá a incumbência de sair “de tua terra, e da terra de teus parentes da casa de

⁸⁵ O hindu crê na reencarnação, ou seja, na crença de que a alma de uma pessoa renasce em outro corpo depois da morte.

⁸⁶ Vedas “As quatro escrituras védicas (Rg, Yajur, Sama e Atharva-Vedas) e seus suplementos: os Puranas, Mahabharata, Vedanta-sutra etc. Visão, conhecimento. É a Bíblia do oriente” (BHAGAVAD GITA, [1979 ?], p.182).

⁸⁷ “Conjunto de princípios, doutrinas e práticas religiosas que surge na Índia a partir de 200 a.C, conhecido dos seguidores pelo nome de sânscrito *Sanatana Dharma*, que significa “a ordem permanente” (RADESPIEL, 2001, p. 24).

⁸⁸ “Primeira religião monoteísta da humanidade. Cronologicamente é a primeira das três religiões oriundas de Abraão (as outras são: o cristianismo e o Islamismo). Tem origem no pacto que teria sido firmado entre Deus e os hebreus, fazendo destes o povo escolhido. Possui forte característica étnica,

teu pai, para a terra que eu te mostrarei”. E oferece a graça a ele: “Para ti farei uma grande nação, e te abençoarei e engrandecerei o teu nome” (Gn 12, 1-2).

Por meio deste imperativo divino, toda a história de uma raça é pautada na busca da qualidade de vida, crendo em Javé, pois o crente terá grandes possibilidades de aumentar o seu patrimônio humano, o engrandecimento do próprio nome. A idéia de sair de “sua terra” e ir para “uma que eu te mostrarei” vai ao encontro da noção de que é preciso habitar em um templo novo, não de pedras, mas um espaço sagrado, para o engrandecimento de Javé; esta é uma proposta semelhante a que diz que o cosmo é o templo, é o centro do mundo, nele o homem deve se abrigar, aumentar os seus bens naturais e multiplica as suas gerações. Abraão, homem de fé, conduz o seu povo tendo o sentimento de que o cosmo, “criado por Javé” (ELIADE, 1970, p. 446) é o grande templo onde deve habitar e prosperar.

O templo, agora de estrutura de pedra, volta a ser lugar onde o reis, os chefes religiosos/políticos habitam. Estas características inclinam-se para as figuras como Saul, Davi, Salomão, estes reis ostentavam poder e riqueza, luxo e fartas oferta, privilégios com relação às mulheres, que estavam à disposição do rei Salomão em número de mil (como sustenta o texto bíblico). Ao se relacionar à religião, o templo representava um importante dado religioso por ostentar riqueza, fruto das altas taxas de impostos cobrados do povo. O templo significava a institucionalização da religião no judaísmo, ao seu redor, uma casta de sacerdotes o protegia e dava sustentação de mistério e fortaleza. Em 953 a.C, por sua luxúria e pomposidade, o templo tornou Jerusalém a capital do país, sendo estabelecido uma visita a ele, três vezes ao ano para comemorar a Festa da Páscoa. Segundo a *Bíblia de Jerusalém* (1991) em 587 a.C ou 582 a.C., depois da queda de Jerusalém, foi destruído o templo e a cidade. Em Ez 40 se tem a visão do templo futuro, em 537 a.C., conhece-se a construção do segundo templo. Em 70 d.C o templo é incendiado no dia dez do 5º mês, dia em que Nabuzardiã incendiou o primeiro templo (Sr 52,12). Portanto:

na qual, a não e religião se mesclam. Cronologia: Criação, Deus, em seis dias, cria o mundo a partir do nada; por último cria o homem e a mulher ” (RADESPIEL, 2001, p. 49).

O Templo é sem dúvida o centro de Israel. É nele que todos os judeus, também da Dispersão, devem se reunir para prestar culto a Deus. No templo habita o Deus único, santo, puro, separado, perfeito. Por natureza, os seres humanos e as coisas são profanos, impuros, banais, imperfeitos. A única forma de se purificar é aproximar-se de Deus. O homem se torna mais puro quanto mais perto estiver de Deus; quanto mais distante mais impuro. Percebe-se, então, o poder dos sacerdotes na sociedade judaica: são eles que estão mais perto de Deus e, conseqüentemente, caba a eles decidir sobre o que é puro ou impuro e também o que fazer para se purificar. Essa autoridade dos sacerdotes sobre o povo acaba legitimando e reforçando o Templo, que se torna não só centro religioso, mas também o centro econômico e político. É por isso que no tempo de Jesus o Templo possui imensas riquezas (O Tesouro) e toda a cúpula governamental age a partir daí (o Sinédrio). Desse modo, a cada oração e ofertas a Deus se torna um imenso banco e lugar de poder político. Em outras palavras, a religião se torna instrumento de exploração e opressão do povo (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 1237).

Por meio do cristianismo católico, pretende-se mostrar que o templo é voltado para expor, falar, meditar, rezar em busca do sagrado, por intermédio da crença no transubstanciação do pão e do vinho em corpo e sangue de Jesus Cristo e que este templo é denominado, pelos praticantes, de Igreja, Santuário ou Catedral.

O cristianismo católico possui o templo/igreja ou santuário/catedral em quase todas os países e em torno dele praticam - se semelhantes rituais, cultuam - se símbolos e pratica-se a crença na Santíssima Trindade: Deus-Pai; Deus Filho e Deus Espírito Santo, e este Deus é onipotente, onisciente e onipresente. É comum nestes templos haver grandes peregrinações de povos de todo o mundo, como, por exemplo, à Basílica de São Pedro em Roma, Itália; Basílica de Nossa Senhora Aparecida, São Paulo, Brasil; Santuário do Divino Pai Eterno, Goiás, Brasil; Santuário de Bom Jesus da Lapa, Bahia, Brasil; Catedral de Santiago de Compostela, Santiago, na Espanha e Santuário Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. Partindo para as chamadas paróquias, propriamente ditas, tem-se as chamadas igrejas e mais no interior delas, as capelas. Porém, a mais pomposa e famosa e o mais humilde e simples espaço cristão-católico exerce o papel de templo tão bem definido por Eliade (1970, p. 446):

Efectivamente, pelo fato de se situarem no centro do cosmos, o templo ou a cidade sagrada são sempre o ponto de encontro de três regiões cósmicas. Dur-an-ki, 'ligação entre o Céu e a Terra', era nome dos santuários de Nippur, de Larsa e certamente também de Sippar. Babilónia tinha uma multidão de nomes, entre os quais 'Casa do Céu e da Terra', 'Ligação entre o Céu e a Terra'. Mas era sempre em Babilónia que se fazia a ligação entre

a Terra e as regiões inferiores, porque a cidade tinha sido construída sobre 'porta de Apsu' e apsu' designava as águas do caos anterior à criação de Jerusalém penetrava profundamente nas águas subterrâneas (tehôm). Esta na Mishna que o Templo se encontra justamente por cima de tehôm (eqüivale hebraico de apsu). E, tal como em Babilónia havia a 'porta de apsu', também o rochedo de Jerusalém encerrava a 'boca de tehôm'. Encontram-se concepções idênticas no mundo romano. 'Quando o mundus está aberto, é, por assim dizer, a porta das tristes divindades infernais que está aberta', diz Varrão. Também o templo itálico era a zona de intersecção dos mundos superior (divino) terrestre e subterrâneo).

Em sentido geral, o crente-cristão-católico ou evangélico busca o templo dito por templo/igreja, fazendo cumprir a citação do sociólogo Eliade e vale mas dizer que o templo/igreja é fundamental em sua vida, este crente vai ao templo, numa incessante busca da salvação da alma e do corpo, por intermédio da exposição de sua fé no Deus de Jesus Cristo; multiplicando os símbolos⁸⁹ que o templo/igreja lhe ofertam, colaborando, dessa forma, na cultuação do próprio Deus, pelas missas e cerimônias ditas por ritos como do nascimento, casamento e morte. No aspecto do discurso, o templo/igreja é o lugar onde 'Deus habita', é a 'casa de Deus', 'lugar Santo', onde o bem deve ser transmitido por meio dos ensinamentos de Jesus Cristo, e do Deus, de Javé; também lugar de meditação onde os fiéis buscam-na em coletividade por ocasiões públicas e particulares, quando medita a sua fé no Cristo eucarístico e na memória dos santos. Há momentos fortes fora e dentro do templo/igreja vividos pelo crente, projetando-o para a prática da famosa peregrinação ao redor do próprio tempo, esta busca, em forma de peregrinar pelo templo igreja-santuário-catedral diante do seu habitat, é uma forma do crente fortalecer a sua própria fé, buscar bênção e sentir-se inserido na comunidade de fiéis, não deixando de lado a prática popular de promessas para serem cumpridas.

Os templos, em todas as religiões não-católicas cristãs⁹⁰, possuem características singulares. Ao contrário dos templos católicos, não ostentam imagem, não estimulam peregrinações, a maioria não chega a ser santuário, no entanto, cumprem o papel de acolher a palavra de Deus, servem como lugar de reflexão, de reuniões. Os fiéis mantêm rigorosamente a freqüência aos cultos, tendo como ponto emotivo a música e a pregação dos pastores com argumentos de que Jesus Salva o

⁸⁹ É comum as pessoas usarem os símbolos encontrados no templo/igreja em suas casas e vestes: como a cruz, a vela, a idéia de anjo, de céu e de Deus.

⁹⁰ Religiões que professam o Cristo como salvador.

Refere-se aos evangélicos da dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

Homem do Pecado, constituindo-se uma peculiaridade também dos espaços católicos, porém, exigindo severa obediência à doação do dízimo e participação em suas campanhas de salvação e cura. Deus salva o homem do pecado que atinge o espiritual e o físico, portanto, tendo com base de sustentação a noção de que o homem está decaído desde Adão e Eva⁹¹ e que o Cristo veio para regenerá-lo, ademais a Bíblia para os não-católicos cristãos torna-se o símbolo mais forte, referência principal para os cultos e ensinamentos da palavra do templo/igreja.

No islamismo⁹², o templo segue um mesmo padrão de uma Mesquita, sua Gênese é em Medina, em 622 d.C, e este projeto clássico ficou estabelecido já nos primeiros tempos do islamismo. A mesquita, templo para o homem islâmico que professa a crença em Maomé, é cercado de um muro de proteção no interior e dividido em uma torre, muito alta, com plataforma, para chamar os fiéis às orações. Há uma forte torre, no centro do pátio, para as abluções, consta ainda de uma grande sala de orações, que está dividida em diferentes naves. Faz-se necessário acrescentar, que além de todas estas divisões, a mesquita/templo tem um nicho indicando a todos a direção à Meca. Outro fato notório, é a pompa com que a mesquita é ornamentada desde o piso até a cúpula. A força da revelação contida no Alcorão, que Alá iniciou a Maomé, com preceitos religiosos, políticos e morais, sendo

⁹¹ “No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, a nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse [...]. O Senhor fez brotar da terra toda sorte da árvore, de aspectos agradável, e de frutos bons para comer; e a árvore da vida no meio do jardim, e árvore da ciência do bem e do mal [...]. O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Édem para o cultivar e guardar. Deu-lhe este preceito: “Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente”. O Senhor disse: “Não é bom que o homem esteja só [...]. O homem pôs o nome a todos os animais[...]. Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem fez uma mulher, e levou-a para junto do homem [...]. O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam. A serpente era mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor tinha formado. Ela disse à mulher: É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim? A mulher respondeu-lhe: Podemos comer do fruto da árvore do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim. Deus disse: Vós não comemoreis dele, nem o tocais, para que não o morrais [...]. A mulher vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente [...]. O Senhor disse à mulher: Por que fizeste isso? – A serpente enganou-me, - respondeu ela – e eu comi (BÍBLIA AVE MARIA, 1992, Gn 2,1-13).

⁹² “Em 571 a.C nasce o profeta Maomé; 610 Gabriel aparece para o profeta na caverna de Hira, e anuncia que Deus quer que espalhe sua palavra; 710 os muçulmanos conquistam a Espanha; Napoleão conquista o Egito. Mudanças tecnológicas e políticas se iniciam no Egito; 1804 o reformista Shehu Usman Dan Fodio difundindo o islamismo na África Ocidental; 1980 alguns jovens muçulmanos

este lido e refletido nas mesquitas, constitui base doutrinal que o islamismo pratica no templo .

2.5 O TEMPLO E A CASA

No hinduísmo e nas religiões reveladas⁹³, judaísmo, cristianismo e islamismo, o templo exerce a função de casa. A casa é o lugar onde se projeta para a multiplicação da fertilidade ora espiritual, ora material, ora física. Nela circunda-se a proteção desta fertilidade onde “o profano não pode tocar” (DURKHEIM, 1989), se tocá-la, não sairá com impunidade, ou ele muda ou será expulso. A casa é edificada e preservada como espaço que organiza o homem para a vida, nela se acha o arcabouço para a superação das intempéries do cotidiano, é um espaço sagrado, oferece condições para buscá-lo sempre. Ela tem para o homem o papel de mantê-lo seguro, dar-lhe condições de desenvolver a sua potencialidade, é na casa que o homem recebe as primeiras e essenciais lições de vida, é nela que o homem encontra condições para expressar-se com mais liberdade e de ser ele mesmo, sem máscaras, com virtudes e defeitos. A casa é também responsável pelas primeiras correções a que o homem se submete, é lugar de suas primeiras reflexões acerca de si mesmo e do mundo. A casa⁹⁴ funciona como um lugar onde, às vezes, nasce as perguntas que são respondidas lá fora e, outras vezes, perguntas do mundo externo, expressa a relação que o homem tem com as coisas mais profundas; o cuidado na construção e na conservação da casa, dão, ao homem, a reposição de energia necessária para enfrentar os conflitos na vida e é por isso que a casa adquire para o homem valor de templo ou santuário.

Construir uma cidade, uma nova casa, é imitar mais uma vez e, em certo sentido, repetir a criação do mundo. Com efeito, cada cidade, cada casa, encontra-se no 'centro do universo' e, nestas circunstâncias, a sua

que vivem em países não muçulmanos decidem praticar o islamismo de forma mais rigorosa. O islamismo é a religião que mais cresce no Ocidente” (RADESPIEL, 2001, p. 45).

⁹³ Religião revelada entende-se toda aquela que revela o Deus por meio de um profeta, ou seja: Judaísmo, Islamismo e Cristianismo.

⁹⁴ “Temos com a casa e com a paisagem que a rodeiam a comunicação silenciosa que marcam nossas relações mais profundas” (BOSI, 1994, p. 442).

construção só é possível graças à abolição do espaço e do tempo sagrados. A casa é um microcosmo, do mesmo modo que a cidade é sempre uma imago mundi. O umbral separa os dois espaços, o lar é assimilado ao centro do mundo (ELIADE, 1970, p. 448).

O lar, a casa, é o templo de cada homem e é na intimidade deste habitat que o homem tem seu encontro mais profundo, será exemplo, se for protegida da ação da estrutura do espaço profano, ao contrário será estabelecido um constante duelo com o mesmo homem. “Trata-se, com se deixa perceber, de um espaço transcendente, de uma estrutura diferente do espaço profano, compatível com uma multiplicidade e mesmo com uma infinidade de ‘centros’” (ELIADE, 1970, p. 449).

O homem busca o templo, com a certeza de que encontrará a mesma receptividade de sua casa. Ao mesmo tempo, o homem faz da sua casa um lugar sagrado assim como o templo é para os hindus, judeus, cristãos e islamitas, este caráter não foge à regra. No hinduísmo, o templo é referência para o Eu verdadeiro, para a verdade total. Nesta religião, o homem tem possibilidades de agir e tornar - se profano e por medo de errar tem a possibilidade de “não agir e assim também não crescer”. O Bhagavad Gita vem trazer a oportunidade de o homem conhecer o “reto agir”, seria a oportunidade de agir sem culpa, fugindo do “Karma”⁹⁵ e de todos os seus débitos. A água seria o elemento base no hinduísmo, por isso a força do Rio Ganges que funciona como casa e templo (ROHDEN, 1986). No judaísmo, o templo é o lugar de falar com Javé, Eloim, é o lugar mais alto, lugar de oferendas ao criador, é a montanha. No cristianismo, o templo é a Igreja, onde se celebra a palavra, a partilha do pão e se ensina a fraternidade. No islamismo, é o lugar que aponta para “Meca”(SAMUEL, 1997), com suntuosidade, impulsiona o homem à busca do encontro com o sagrado por meio da meditação e oblações.

Assim como há templos muito suntuosos e templos simples, em sentido conotativo da casa, também encontrar-se-á suntuosa e simples, revestida com o

⁹⁵ Karma – da raiz Kr: fazer, obra, ação, rito, execução. É a lei da ação e divide-se em três momentos ou etapas, a saber: Sanchita Karma (Sanchita: acumulado, amontoado): é o resultado de todas as nossas ações passadas, mas que ainda não começaram germinar, amadurecer e transformar-se na colheita de uma vida: Praraba Karma (da raiz Prak: antecipado; e arabda: começando): é o carma colhido e acumulado no passado, mas que já começou produzir frutos na forma de acontecimentos presentes. É a parte da Sanchita que vai ser vivida no momento atual. Agani-Karma (Agami: vindouro): é o destino que ainda não temos assumido, aquele que, sendo efetuado (semeado) agora, será incluído em Sanchito. Sintetizando, Karma é a lei de ação e reação, de causa e efeito. (BHAGAVAD GITA, 1979, p. 176).

mesmo caráter sagrado do que o profano obrigatoriamente tenderá a afastar-se. O homem protege a sua casa da forma que lhe é possível, e ensina a seus descendentes essa importância. Ainda sim, nem o templo, nem a casa estão a salvo do profano, o cuidado, e uma constante na proteção daquilo que é sagrado, é que garante a permanência do sagrado. Entretanto, uma casa ou um templo podem, em certas circunstâncias, perder sua característica sagrada, transformando-se em lugar profano, será exceção se o homem não constrói ritos, símbolos e mitos no chamado templo ou na chamada casa.

2.6 O TEMPLO E O SAGRADO

A necessidade de preservar o sagrado, independentemente de qualquer religião, faz com que o homem construa os templos. O sagrado antecede ao templo, razão esta é que o profano, estando à mercê de qualquer controle, acha-se no direito de profanar os espaços individuais do homem, sem considerar que este possui suas “virtudes”⁹⁶ a serem preservadas. Embora o sagrado esteja protegido pelo homem, ele não é uma escolha do homem, ele mostra-se de alguma forma e o homem edifica o espaço para cultivá-lo, preservá-lo e perpetuá-lo às outras gerações. O templo e o sagrado se misturam, ‘ai nesta área’, há disparidade de valores, o templo se constitui de elementos simbólicos, mas materiais, o sagrado também é simbólico, porém, de estrutura altamente imaterial, isso significa dizer que o sagrado define o espaço e o tempo em que o templo deva ser construído, com outorga de criar seus símbolos, para que possa visualizá-los, ou vivenciá-los. O sagrado dá condições ao templo de criar, fazendo, portanto, o resgate de valores criando não por um só homem, mas engendrando pela comunidade, ou seja, nascido do meio dela.

⁹⁶ “O homem perfeito não é aquele que se dedica a tornar-se tal, e sim aquele que busca a Deus e que para isto segue o caminho a Deus e que é também o único em que ele encontrará a sua realização pessoal; esta atitude fundamental se exprime pela fórmula: ‘Caminhar com Deus’ (Gn 5,22.24; 6,9) (VOCABÚLO DE TEOLOGIA, 1984, p. 1092).

Mesmo considerando que o sagrado define o templo, ambos mantêm uma relação simiótica⁹⁷. O homem conhece a necessidade de proteger o sagrado, ele não escolhe o sagrado, apenas o descobre, mas a partir daí sente-se responsável pela proteção e segurança do sagrado. É interessante perceber que o homem tem consciência de que o sagrado existiu antes dele e continuará persistindo no templo, independentemente, após sua morte, mas não se desanima de durante toda a vida cultural, alimentar e proteger o sagrado. O templo, não se furtando ao seu papel de protetor, oferece condições para que o homem esteja preparado para entrar em contato com o sagrado, porque ele é vital para a espécie e revitalizar a vida individual e coletiva do ser humano, por intermédio dos ritos prescritos que perpassa toda a vida, estabelecendo que todo contato com o sagrado exige uma preparação.

2.7 O TEMPLO E O CORPO HUMANO

O templo, discutido anteriormente como lugar que abriga o sagrado, necessita do corpo humano para impregnar os seus valores. O gesto se constitui a mais alta expressão que celebra a dependência entre ambos. Aqui entra o critério de repelir o corpo em relação ao templo quando este corpo não busca o sagrado, atuando em um espaço profano. No entanto, a reverência do corpo humano ao templo é em primeira mão gestual. O desejo humano faz com que o corpo humano seja elevado até ao templo, e nesta condição tem postura de meditar, sentado como no hinduísmo; no judaísmo, ao subir à montanha e produzir divisões conforme a idade e gênero, onde mulheres, crianças e homens possuem lugares diferenciados na hierarquia de contemplar o Santo dos Santos no templo de Jerusalém (*Bíblia Edição Pastoral*, 1989, 1236). No islamismo, orientado pela mesquita a se postar cinco vezes ao dia em oração à Alá⁹⁸; no cristianismo, com o próprio Cristo sacrificado em corpo na cruz, em prol da Salvação do Mundo, conseqüentemente, a

⁹⁷ Ver Silva: “Ciência do sentido [...] tudo aquilo que é visto como manifestação de um sentido, seja ele de natureza for [...]” (*FRAGMENTOS DE CULTURA*, 2000, p. 1225).

⁹⁸ O rezar cinco vezes ao dia faz parte dos cinco pilares do Islã que se soma acreditar em Deus, fazer peregrinação à Meca, jejuar durante o Ramada e fazer caridade (*RADESPIEL*, 2001, p.45).

realização da memória deste ato nas missas na “partilha do pão”, diga-se de passagem “do corpo”, ademais, no cristianismo, os crentes agregam ao seu corpo símbolos como a cruz, o tau, as vestimentas (para os evangélicos), a prática do jejum, da vigília, uso de objetos caros como os anéis, báculo de ouro, (reis da idade Média), e apego à simplicidade nos missionários católicos e evangélicos da atualidade. O corpo humano, é sem dúvidas, elemento que caracteriza a intensidade com que o crente busca o sagrado no templo.

Em sentido restrito ao cristianismo católico, a forma com que Cristo morreu com o corpo em cruz, linhas vertical e horizontal, dá ao cristão a certeza de que o seu corpo deve ser usado para o crescimento em horizontal e vertical, ou seja, em relação à comunidade e à comunhão direta com Deus, o resultado de sua vida depende do uso do seu corpo. Buscar o templo é buscar a prática do crescimento horizontal, no encontro com irmãos de credo, na comensuração, ou seja, ceiar com os famintos e excluídos e na partilha dos bens materiais. Entretanto, o crescimento vertical se inicia com o encontro do sagrado, experienciando as hierofanias e as cratofania como argumenta Eliade (1970, p. 453): “Toda a cratofania e toda a hierofania, sem distinção alguma, transfiguram o lugar que lhe serviu de teatro: de espaço profano que lhe era até então, tal lugar ascende á categoria de espaço sagrado”.

Nessa busca incessante, o ser humano, com o seu corpo, elege espaços, se considerado profano, transforma-o em sagrado, porque acredita que nele terá um encontro com o transcendente ou o que lhe transcende.

2.8 O TEMPLO EM SI

No trecho anterior, em relação ao templo e ao corpo, o elemento que agrega os dois é o sagrado, no entanto, o templo, depois de cultuado com referência

mística, possui características singulares, até para manter o ritmo da preservação do sagrado⁹⁹.

À primeira vista, o templo mantém automática e visivelmente uma força contra o profano. Ele existe para não deixar que o profano cresça entre os fiéis. Na relação sagrado e profano, um não pode ocupar o lugar do outro, ou seja, os dois não convivem no mesmo espaço, há fronteiras onde o profano deve ir ou manter o seu limite, isso abre uma janela para uma comunidade, a força dele estabelece limites permeadores de exigências, é capaz de estabelecer um ritmo da vida social de um povo acostumado ao seu cotidiano. O templo estabelece fortes momentos na comunidade responsáveis pela quebra das práticas profanas; este aspecto é notório em sua estrutura interior, o altar exerce a função de centro para as religiões, aspecto este acentuado às religiões cristãs, segundo o Frei Alberto Beckhauser, o altar é:

É um elemento bastante comum na expressão cultural dos povos. É antes de tudo o lugar do sacrifício. Pode significar ainda o centro do mundo, o lugar de encontro com a divindade. Aparece ainda como símbolo da totalidade, da pureza virginal. Por isso, era geralmente de pedra natural. Pode expressar ainda o centro de unidade (BECKHAUSER, 1996, p. 67).

E Eliade (1970, p. 441) argui:

A construção do altar sacrificial védico é ainda mais instrutiva a este respeito. A consagração do espaço desenrola-se segundo um duplo simbolismo. Por um lado, a construção do alta é concebida como uma criação do mundo. A água na qual se amassa a argila é assimilada à água primordial, a argila dos fundamentos do altar à outro lado, essa construção eqüivale a uma integração simbólica do tempo, à sua 'materialização no próprio corpo do altar' 'O altar do fogo é o ano [...]. As noites são as pedras de vedação e destas há 360 porque há 360 noites no ano; os dias são de tijolos yajusmatí pois que estes são 360; ora, há 360 dias no ano'. O altar torna-se assim um microcosmos que existe num espaço e do tempo místicos qualitativamente diferentes do espaço e do tempo profanos. Quem diz construção do altar diz, ao mesmo tempo, repetição da cosmogonia. O sentido profundo de tal repetição em breve nos aparecerá.

Em sentido geral, no templo das religiões hindus, judaicas, cristãs e islâmicas há semelhanças de símbolos¹⁰⁰ para as suas cerimônias. É claro que os

⁹⁹ "A coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve, não pode tocar impunemente tocar" (DURKHEIM, 1989, p. 72).

¹⁰⁰ Os símbolos encontrados no interior dos templos/igrejas: Católicos – altar, imagens de santos e a Bíblia –, Congregação Cristã do Brasil, da Assembléia de Deus, da Deus é Amor, da Brasil para Cristo mantém como símbolo único a Bíblia.

símbolos exercem conotações múltiplas, ao entrar no templo de sua religião, o homem se posta de maneira não habitual, porque no templo todos os símbolos possuem a força de levá-lo ao estado de espírito em que tem o encontro com a divindade, entidade ou guru superior. Elementos do tipo luz e trevas, água, vela, óleo, cruz, vinho, cânticos, vestes, fogo, sinos, livros e textos sagrados, estátuas, imagem, gravuras, incensos, silêncio, peças de ouro contribuem para que o templo, em todas as religiões, possua características que lhe são próprias, tendo por si função importantíssima de preservar o sagrado ou o que lhe pareça de suma importância para o que o freqüenta. Também é comum, em todas as religiões, no templo, haver mediadores entre o ser superior a ser cultuado ou os elementos que propiciam a paz de espírito ou de alma aos freqüentadores. Estes mediadores apresentam e mantêm, no templo, todos os símbolos descritos acima para que o objetivo de que quem vá ao templo seja alcançado. É imprescindível dizer que o templo conserva um discurso e este é avisar aos chegantes de que o sagrado, o equilíbrio, a paz de alma e espírito são encontrados em seus ensinamentos, ritos e símbolos, dentro do seu espaço, exercendo assim uma mística sobre o homem.

Destarte, para proteger o templo uma das ações humanas mais comuns é a peregrinação. Conseqüência disso são os ritos de grandes caminhadas em direção ao templo de sua religião; as enormes torres e abóbadas voltadas para o transcendente, não se furtando ao aspecto de mostrar que ali o transcendente¹⁰¹ está presente e por isso é válida a sua busca.

Os templos de pequeno porte, especificamente os cristãos, mantêm o rigor de preservação por meio de rigorosos horários dos cultos e, no caso dos católicos, procissões ao redor do templo ou quarteirão, por ocasião de celebração, buscando reforço para a proteção do templo e de si mesmo.

O mesmo se passa com as muralhas da cidade: antes de serem defesa militar, são defesas mágica, visto que reservam, no meio de um espaço 'católico', povoado de demônios e de larvas, um espaço organizado, 'cosmicizado', quer dizer, promovido de um 'centro'. Assim se explica que, em período crítico - cerco, epidemia - toda a população se reúne em procissão em volta dos muros da cidade, reforçando deste modo a sua qualidade de limites e de protecção mágico-religiosa. Esse envolvimento processional da cidade com todo o seu aparelho de relíquias, de círios, etc., reveste-se às vezes, de uma forma mágico-simbólica: oferec-se ao santo

¹⁰¹ Santo Tomás – *Transcendente é causa não causada* (SHIAVO, 2001, p. 6).

patrono da cidade um círculo cujo comprimento é igual ao perímetro do recinto. Estas práticas de defesa estavam muito espalhadas na Idade Média. Mas encontram-se também em outras de epidemia, faz-se em volta da aldeia um círculo destinado a impedir que goze de tanto favor em muitos rituais mágico-religiosos, tem por principal finalidade estabelecer uma compartimentação entre dois espaços heterogêneos (ELIADE, 1970, p. 440).

2.9 O SENTIDO DO TEMPLO HOJE

Desde os primórdios, até os tempos atuais, o homem teve o templo como um espaço de manifestação do sagrado. Essa tendência de buscar o sagrado é uma necessidade natural do homem, com exceção de alguns que não pretendem ter o espaço - templo como busca do sagrado, mais sim para fins de comercialização de bens materiais àqueles freqüentadores, entretanto, o sentido do templo, hoje, para o homem, em primeira instância, é o sentido de casa, como já foi discutido anteriormente, é lá que comunga os seus sentimentos, tais como a esperança, a paz, a harmonia, a fertilidade, a alegria, a música, a fé e por assim dizer a partilha; entre todos estes sentimentos este último é que recebe uma acentuação maior por parte do homem. Quando o homem primitivo ia ao templo, ia em busca de chuva, sol, fartura, força para a guerra, equilíbrio interior, respostas a questionamentos, enfim, atender suas necessidades preeminentes.

Os tempos mudaram, mas o homem continua tendo necessidades e o templo continua tendo para ele grande significado. É em seu espaço que são definidos certos papéis sociais, estes sob o argumento de Berger (1996, p. 91), na condição de que a sociedade impõe papéis ao homem e ao mesmo tempo define formas de conduzir-se perante a sociedade e ao templo ou conduzi-se, portanto, “o papel dá a forma e constrói tanto a ação quanto o ator. É difícil fingir neste mundo. Normalmente, uma pessoa incorpora o papel que desempenha”.

O templo torna-se necessário ao homem, cada vez mais, nos dias atuais, pois o projeta socialmente conforme o homem visita o templo, conforme é a sua necessidade social; o mesmo se diz à forma de se postar define a sua posição social. Uns o procuram para manter a sua condição de fiel piedoso somente para

meditar os mistérios de sua fé, alimentar uma tradição religiosa ou para buscar o apoio necessário para se projetar politicamente na comunidade em que vive.

A razão para tal é que o templo, por si mesmo, mantém um público fiel, de fiéis piedosos e políticos, que dão sustentação política a quem sabe tirar proveito deste espaço. O templo oferece uma gama de elementos, como base para sustentar-se como templo, chamados símbolos, ora material ora não-material.

Os símbolos têm uma conotação importante no templo, “el ser humano construye símbolo continuamente. Tudo lo que produce es símbolo de alguma forma” (CROATO, 1994, p.63). As imagens, o altar, as gravuras ou simplesmente uma luz constituem símbolos materiais produzidos pelo homem. A leitura, o discurso, a idéia de ser superior, o sagrado equilíbrio interior, a paz, a felicidade, constituem símbolos não-materiais, produzidos no templo. Para tanto, Geertz (1989, p. 120) diz que:

Os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para a sua capacidade de compreender o mundo, também para que, compreendendo-o, dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permite suportá-lo [...].

No templo, os freqüentadores não vão, em princípio, com uma intenção e continuam com ela, mesmo que seja política partidária na convivência, com o envolvimento com os símbolos muda constantemente de postura em relação ao sagrado propriamente dito, no entanto, o sagrado permanece nele o no templo. O homem, pela freqüência a um determinado templo, vai aos poucos assumindo uma força social e política no grupo. Isso acontece pela oratória, pelas opiniões diferentes, pela atuação nos ritos, pela reverência aos símbolos e pela sua sensibilidade aos “irmãos de credo”. O templo é a sua casa, onde ele se projeta religiosa e politicamente em seu grupo social. Ou seja, o templo na vida do homem exerce uma espécie de coesão social, ele começa assumir papéis que outrora não lhe é eram conhecidos. Este reflexo tem ascendência em sua vida familiar, onde reside, em sua casa.

Por fim, o grupo humano no qual transcorre a chamada vida privada das pessoas, ou seja, o círculo da família e dos amigos pessoais, também constitui um sistema de controle. Seria erro grave supor que este seja necessariamente o mais débil de todos, apenas por não possuir os meios formais de coerção de alguns dos outros sistemas de

controle. É nesse círculo que se encontram normalmente os laços sociais mais importantes de um indivíduo. A desaprovação, a perda de prestígio, o ridículo ou desprezo nesse grupo mais íntimo tem efeito psicológico muito mais que em outra parte. O fato de o chefe concluir que é imprestável pode ter conseqüências econômicas, mas o efeito psicológico de tal opinião é incomparavelmente mais devastador para um homem se ele descobrir que sua mulher chegou à mesma conclusão (BERGER, 1994, p. 89).

Berger dá o indicativo de que a casa como templo e o templo dão sustentação ao lado emocional e psicológico do homem. O homem, enquanto conta com o suporte desses dois elementos sociais, tende a crescer, a descobrir-se, a portar-se em um reto agir. Caso, por um motivo ou outro, perca este apoio, terá conseqüências danosas, poderá chegar, segundo Durkheim¹⁰², até mesmo ao suicídio, pois ver-se-á excluído de qualquer grupo, portanto, impotente e plenamente dispensável.

2.10 O TEMPLO NOS BAIROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I

Os Bairros Santa Cruz e Las Vegas I apresentam-se religiosamente com uma característica ímpar; não há culto, missa, reza realizados fora do templo/igreja, estendendo ao templo/casa das famílias, por assim dizer. Não há tendência do culto à natureza, portanto não possui o caráter de naturismo¹⁰³, a cratofania não adquire nenhum espaço nas religiões, pois todas adquiriram da tradição religiosa - cristã a idéia de que a igreja é o Templo do Senhor, Templo de Deus; adquiriram a prática de cultuar os seus valores cristãos sob a ótica de um cristianismo praticado no templo.

A hierofania¹⁰⁴, manifestação do sagrado, ganha força neste espaço, conjugando-se em palavra de que é no templo que Deus se revela e não em

¹⁰² “Cada sociedade tem portanto, em cada momento de sua história, uma aptidão definida para o suicídio. Mede-se a intensidade relativa desta aptidão tomando a relação entre o número global de mortos voluntários e a população global (todas as idades e ambos os sexos)” (DURKHEIM, 1977, p. 16).

¹⁰³ Expondo sobre o naturismo, Durkheim, citando Max Müller, diz que a religião para ocupar o lugar que lhe convém como elemento legítimo da nossa consciência, deve, como todos os nossos outros conhecimentos, começar por uma experiência sensível (DURKHEIM, 1987, p. 108).

¹⁰⁴ Hierofanias são as manifestações do sagrado que caracterizam a experiência religiosa, são os momentos da revelação recebida. Elas acontecem em duas instâncias: individual e coletiva.

qualquer espaço, a Palavra do Senhor é a base desta revelação, os padres e pastores tornam-se portadores de abençoar os fiéis de credo, em nome de Cristo, o templo é o lugar de profunda referência, sob o ponto de vista de cada fiel, com relação à sua religião. O cristianismo, portanto, não dá espaço para as outras religiões não-cristãs e, conseqüentemente, colabora para a criação de uma cultura religiosa cristã, que oferta ao educando valores defendidos pelas crianças pesquisadas.

A necessidade dos templos para o crente faz-se primordial, pois são constantes os atos que profanam a vida, tanto no Bairro Santa Cruz quanto no Las Vegas I. No cotidiano, vem à tona cenas de tráfico e uso de drogas, consumo elevado de bebidas alcoólicas à luz do dia por homens e mulheres, violência física e sexual a menores, assassinatos, torturas às mães das famílias por parte de seus maridos¹⁰⁵, mães solteiras a mendigar, pais desempregados, prostituição, desemprego, analfabetismo, insegurança pública. Todos estes fatos tendem a profanar a vida humana, acontecidos próximos aos templos, até porque estes templos são construídos no seio dos dois bairros, buscando atender a mais diversas clientela com propósitos de salvação, exigindo dela uma conversão de corpo e da alma ao Senhor Jesus Cristo, e as crianças começam a serem orientadas a buscar o reconhecimento de atos profanos na vida em troca de atos sagrados que consagram a vida.

Nem todos estão cômnicos destes atos, tanto os adultos, em grande parte, quanto no caso das crianças, visto que 33% não participam das reuniões no templo, porém recebem no convívio valores cristãos das que participam. Se o profano é caracterizado como algo que expurga a vida, lido nas estrelinhas de que a felicidade,

Fazem parte das manifestações hierofânicas os símbolos, os ritos e mitos. Por meio destes os indivíduos fazem a experiência do sagrado. Otto, em *O Sagrado*, denomina esta experiência de numinoso, ou seja, o sagrado que desperta sentimentos, especificamente, de temor e tremor.

O numinoso é uma entidade cheia de força composta por diversos elementos e se identifica como uma entidade do bem e do mal, portanto, capaz de causar medo e maravilhas.

Estes dois sentimentos somando-se podem desenvolver no crente uma ética, uma moral, atingindo uma função social de extrema importância que a torna a vida dinâmica. Para tanto, a 'hierofania' tenda a dar sustentação ao numinoso, pois, este, segundo Otto é um mistério em que se manifesta uma absoluta energia, vitalidade e paixão; o fiel sente-se "invadido" por uma energia transbordante que pode levá-lo ao êxtase individual ou ao êxtase da efervescência coletiva; não é um mistério terrível, mas fascinante.

a paz, a harmonia¹⁰⁶ estão na representação do templo, considerando que este é o espaço sagrado para quem o frequenta. Há, portanto, nas ações das denominações religiosas, motivações para que o profano não se sobreponha ao sagrado. Os templos religiosos adotam posturas ante as comunidades em que estão edificadas com a intenção de quebrar o cotidiano, não deixando que o profano avance sobre as vidas humanas e por isso os horários dos templos/igrejas têm por finalidade envolver as crianças e os adultos. Isso acontece nas denominações Católica, Congregação Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Deus é Amor, Igreja de Cristo, Brasil para Cristo.

Seria importante notar que a fuga do profano (aqui incluindo a violência e os perigos dos bairros) impele os pais a enviarem os filhos ao templo, depois da escola e a participarem de projetos sociais; normalmente são as mesmas crianças que participam do templo, frequentam a escola e dão sustento aos projetos educativos e sociais (Viver e Associação São José). A maioria destes pais leva uma vida difícil e não quer as mesmas dificuldades (desemprego, pobreza, analfabetismo) para os filhos, por isso, movidos por um sentimento de amor e até mesmo de proteção, sem ter conhecimento da dimensão do seu ato, estruturam um futuro, mais ameno para os seus filhos.

O capítulo seguinte trabalhará uma proposta pedagógica trazendo, em seu bojo, a inclusão social da criança por meio da escola. Conquanto, não pretende furtar-se das metodologias didáticas convencionais, mas, sim, trabalhar conteúdos que resgatem a convivência sociocultural do educando, considerando as contribuições teóricas durkheimianas, obedecendo os indicativos de um programa de disciplinas pré-estabelecido pela escola.

¹⁰⁵ Segundo a Delegada Adriane Acorsi, há em Bela Vista de Goiás 200 crianças já com a infância comprometida nas drogas. (Fala feita em uma reunião no projeto Sentinela com os representantes das instituições em que pretendia-se formar uma associação de ajuda ao menor infrator).

¹⁰⁶ Pesquisa feita entre os educandos da 3ª a 4ª séries.

CAPÍTULO III

3.1 A PEDAGOGIA DURKHEIMIANA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA

[...] em cada um de nós, existem dois seres que, para serem inseparáveis que não por abstração, não deixam de ser distintos. Um é constituído por todos os estados mentais que apenas referem a nós próprios e aos acontecimentos relacionados com nossa própria vida pessoal: é aquilo a que poderíamos chamar o ser individual. O outro, é um sistema de idéias, de sentimentos e de hábitos que expressam em nós, não a nossa personalidade, mas sim o grupo, ou diferentes grupos de que fazemos parte; é o caso das crenças religiosas, credo e praticas morais, tradições nacionais ou profissionais, opiniões coletivas de qualquer espécie (DURKHEIM, 1984, p. 17).

Na visão educativa durkheimiana, o homem-indivíduo é um ser dual, ou seja, individual e social. Este segundo é altamente distinto do primeiro, é capaz de reunir em torno de si não a sua expressão própria, mas a dos grupos aos quais faz parte, como a religião, os costumes, a tradição, as ideologias do seu tempo. Já por sua parte individual, comporta-se como egoísta, associal, voltado para atitudes da não colaboração dos trabalhos em grupo, é a própria reação da natureza da criança, imprescindível à coerção.

Esponaneamente, o homem não se submete á autoridade política; não respeitaria a disciplina moral, não se sacrificaria. Nada há em nossa natureza cognitiva que nos predisponha a tornar-se, necessariamente, servidores de divindades, ou de emblemas simbólicos [...]. Foi a própria sociedade, na medida da nossa formação e consolidação que tirou do seu próprio seio essas grandes forças morais (DURKHEIM, 1984, p.18).

Durkheim dá o indicativo de que a educação projeta o homem a socializar-se, a construir o ser social para que possa oferecer continuidade aos valores das gerações passadas e futuras. “Os resultados da experiência humana mantêm-se integralmente, e até ao pormenores, graças aos livros, aos monumentos figurados, aos utensílios, aos instrumentos de toda a espécie que se transmitem de geração a geração” (DURKHEIM,1984, p. 23).

O templo, discutido no capítulo anterior, tornou-se um elemento socializador da criança; cabe à educação levá-la a criar e perpetuar valores contidos na religião do templo/igreja, eleito como espaço sagrado, pois, por meio do desenho das criança¹⁰⁷, a idéia de templo expressa a coletividade, assim como a linguagem, as religiões, as ciências, a moral são obras coletivas, construídas por meio da educação. No entanto, é a própria socialização da criança que a faz buscar o templo, fora dele ela conhece a insegurança das suas vidas, portanto, o processo educativo deve engrandecê-lo e torná-lo verdadeiramente humano. Faz-se necessário, a construção de uma proposta pedagogia por meio de Durkheim, até porque para ele educação

[...] é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas não estão ainda amadurecidas para vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio a que a criança particularmente se destine (DURKHEIM, 1984, p. 17).

O ser social, necessariamente, precisa passar pela educação, algumas razões levam a esta necessidade; o ser humano por ser dualista, no seu aspecto individual, por ser egoísta e associal, exige uma ação coercitiva, no sentido de tornar-se social. Seria, portanto, utopia, que a educação pudesse acontecer apenas num processo lúdico e prazeroso, a coerção é fundamental. Ainda no pensamento Dukheimiano, até mesmo o constrangimento e um certo grau de violência são necessários e benéficos, desde que isso seja aceito pelo educando, que confie no educador e que o educador mostre a que fim se destina suas atitudes; é a importância do papel da autoridade no processo pedagógico, no sentido de seduzir e

¹⁰⁷ Ver anexo.

atrair o educando, levando-o a entender a necessidade do seu tempo. Nesse processo, o educador não pode demonstrar insegurança, o educando necessita acreditar e confiar no que lhe está sendo transmitido. Durkheim diz que a autoridade manifesta - se:

Primeiramente, ele tem de possuir vontade, já que a autoridade implica confiança, e a criança não pode confiar em alguém que ela vê hesitar, tergiversar, voltar atrás sobre suas decisões. Mas esta condição inicial não é mais essencial. O que importa, acima de tudo, é que a autoridade cuja sensação ele deve transmitir, seja realmente pelo mestre (DURKHEIM, 1984, p. 33).

É verdade que o indivíduo nasce cheio de “querer”, “poder”, “sentir” e manifesta desde muito cedo o “meu” o “eu””, o “quero”. No entanto, para viver em sociedade, tal como a vida lhe é destinada, passa por esse processo de socialização. Não é que com isso o homem se perca como indivíduo , mas terá condições de assimilar as necessidades e normas às quais será submetido ao participar do processo social.

O indivíduo recebe, então, uma gama de mensagens, em família, depois em grupos maiores como a escola, a igreja e, de acordo com sua inteligência e percepção, vai participar de forma diferenciada, em cada uma de suas situações-vida, situações-problema e dar a tudo soluções embasadas em seu próprio alicerce educacional, aqui não compreendidas como escolaridade, mas no sentido de aprendizado e vivência. O homem tenta garantir seus papéis, fugir da marginalização e procura ter sempre meios para responder ao que a sociedade lhe solicita. Quanto mais sólidos forem seus princípios, mais rápidas e eficientes serão suas respostas sociais. Uma vez que o processo de socialização inicia-se no lar, nos braços da família, no berço, não chega a tornar o homem um ser revoltado ou negligente em relação à sociedade¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Para confirmar esta socialização por meio da família, veja o que diz Rousseau (2000, p. 24):“A família é a mais antiga das sociedades, e também a única natural; os mesmos filhos só ao pai se sujeitam enquanto necessitam dele para se conservar, e, finda a precisão, desprende-se o laço natural; isentos os filhos da obediência devida ao pai, isento este dos cuidados que requer a infância, todos ficam independentes. Se continuam a viver unidos, não é natural, mas sim voluntariamente, e só por convenção a própria família se mantém”. O que se nota é que depois da socialização familiar o homem está apto a viver em sociedade.

O tempo faz do indivíduo um ser que encontra formas de autovalorizar-se na sociedade e no seu meio.

O homem é um ser político, produz com o tempo suas próprias estratégias de defesa, contra aquilo que contesta, sem precisar para isso revolucionar a outras estratégias no sentido de valer suas próprias idéias quando em grupo, seja grupo familiar, religioso, profissional ou político.

A religião e a escola são amparos que o homem possui para organizar-se individual e coletivamente¹⁰⁹.

No fundo, o homem sabe que é livre, mas respeita os limites do grupo e não sente dissabor nisso¹¹⁰.

Até o momento, analisando a História, o homem dentro dela, é perceptível ver que forças poderosas como a educação e religião sustentaram o indivíduo e a sociedade¹¹¹. O indivíduo, quando fragilizado, busca seus grupos e os grupos por sua vez têm sua força nos indivíduos¹¹². A educação e a religião são discursos para ambos os momentos, o individualista e o coletivo.

A religião com sua simbologia, sua força da ação, de coerção, encontra respaldo na educação que de certa forma a alimenta, uma vez que quem chega à escola traz sua bagagem familiar, individual, que só faz crescer o grupo, não há necessidade de negar valores para fazer parte de um grupo. Necessário sim, faz-se que se agreguem ao que se tem, o que o grupo dispõe e busca.

¹⁰⁹ Esta relação é bem acentuada nos bairros pesquisados. A religião funciona como uma espécie de ocupação social. O que garante ao homem ser uma pessoa “do bem”. A escola é a garantia de que estar seguro socialmente, de levar ao homem o nome de ser letrado.

¹¹⁰ “Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento” (BERGER, 1985, p.15).

¹¹¹ A sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano, e nada mais que um produto humano, que, no entanto retroage continuamente sobre o seu produtor (BERGER, 1985, p.15).

¹¹² Ver MARTELLI, Stefano. Religião na sociedade Pós-Moderna. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulina, p. 271-321.

A solidão e a individualidade são momentos necessários ao homem, para sua ascensão social e quando ele volta ao grupo, após tais momentos, com certeza, tem contribuições a dar¹¹³.

Cada grupo, do qual o homem participa, exige dele determinada postura e, nesse jogo, ganha mais quem é mais aberto ao novo e às exigências de cada tempo e de cada grupo social.

Não se deve colocar na balança o que pesa mais, se a educação, a religião ou a família; corre-se aí o risco de ter que usar um fiel na balança. É certo que a sociedade é base para o homem e só existe em função dele. A religião é uma força indiscutível e não nasce no indivíduo sem a atuação da família¹¹⁴.

Destarte, Durkheim (1989, p. 38) salienta que a educação possui fundamental importância no processo de socialização do homem, “ela é fenômeno eminentemente social”, isso quer dizer que o homem não nasce com ela, mas sim apreende em sociedade aos poucos e durante toda a vida. No capítulo anterior, fica óbvio que o templo/igreja educa o homem, educa mais especificamente a criança. Esta, por mais que esteja à disposição de uma pedagogia estabelecida pela escola, que a considera pronta para educá-la, traz em sua expressão o seu aprendizado familiar. Lembrando Durkheim, mesmo antes dos bancos escolares, esta criança já foi coergida pela autoridade religiosa, sem sombra de dúvidas, encontrada em algum templo/igreja da comunidade, por meio de preceitos bíblicos, ou não, com valor máximo¹¹⁵. Assim, faz-se urgente pensar uma proposta pedagógica que considere todo este arcabouço religioso em torno da criança.

Não obstante, o que se tem em todas as correntes pedagógicas é uma aversão, uma negligência e indiferença ao cosmo religioso que a criança traz, não considerá-lo é uma violência. A razão, portanto, é até certo ponto compreensível, a

¹¹³ Os Evangelhos de Jesus Cristo (*BÍBLIA EDIÇÃO PASTORAL*, 1990) fazem com que a experiência religiosa Cristã leve a esta certeza: todo o recolhimento, todo deserto, toda crise em primeira instância aniquila ao ser humano, mas, com o passar do tempo, restabelece-se com mais vigor.

¹¹⁴ Ver nota n. 01

¹¹⁵ “Costumeiramente, o termo ‘dogma’ refere-se a uma declaração dogmática, a uma proposição que exprime uma parte do conteúdo da revelação divina, proposta com tal pela igreja e a que se deve prestar assentimento de fé” (*DICIONÁRIO*, 1994, p. ?).

escola possui salas cheias, abrigando crianças de vários credos religiosos e temerosas de não atenderem eficientemente a cada grupo ou a cada criança, acaba por silenciar-se diante daquilo que é tão importante para o educando, o seu próprio mundo simbólico religioso, onde está o templo/igreja e nele os símbolos materiais e imateriais que, com certeza, norteiam sua vida de forma muito mais forte que as lições do livro e da lousa. Uma escola, que não deixe entrar a vivência do aluno e não contribui para que, ao sair dela, ele esteja mais preparado para a vida, ficará apenas em vaga teoria e com o tempo se perderá, o risco é que nem sempre a “vida lá fora” será complacente ou mesma justa com este aluno, ele tornará caminhos aos quais a escola não terá acesso, não tomará conhecimento e este mesmo aluno, que é um ser individual e social, será apenas mais um número no “arquivo passivo”. No entanto, ele continuará a existir em família, nos bairros, em sua profissão, porém, a rédea de sua vida pode cair em mãos erradas, levando-o ao caminho da violência, das drogas, do furto e o problema social observável nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

Considerar o templo/igreja e seus elementos simbólicos agregados, não é a única saída para a solução destes problemas, mas apresenta-se como uma porta viável, tendo como base o discurso realizado no segundo capítulo, que se fez e se faz imprescindível a todos os povos para o seu equilíbrio psíquico-social. Isso equivale dizer que na ausência de outros recursos faz-se primordial uma ação pedagógica voltada para a criança em seu meio, com sua bagagem, respaldado assim nas idéias Durkheimianas. Faz-se necessário, por meio de Durkheim, diferenciar entre educação e pedagogia, a fim de justificar uma ação pedagógica exeqüível e próxima à realidade dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

3.1.1 EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA EM DURKHEIM

Tem sido freqüentemente confundidas as duas palavras, educação e pedagogia, que todavia requerem uma cuidadosa distinção (DURKHEIM, 1984. p. 37).

Para Durkheim, a definição de educação parte do princípio de que “é a ação exercida nas crianças por pais e professores” (DURKHEIM, 1984, p. 37). Compreendem gestos, palavras, atitudes que acrescentam ao universo simbólico da criança formas de comportamento na vida coletiva e social. É uma relação permanente entre os mais velhos e os mais jovens. O educar transcende o espaço e o tempo, pois é algo que acontece continuamente com ou sem a presença do educador; se os mais velhos cometem um ato delituoso ou virtuoso, os mais novos recebem estes elementos como base de sua socialização, não significando que vão repeti-lo fielmente, será uma questão de escolha, embora Durkheim diga que “pelo nosso exemplo, pelas palavras que pronunciamos, pelos atos que praticamente, nos moldamos de uma forma continua a alma de nossos filhos” (DURKHEIM, 1984, p. 37).

O que fica de substancial no educando é o aprendizado que poderá ser manifestado a qualquer momento com ou sem a presença do educador. Os atos que os mais velhos sugerirem aos mais novos, de estenderem os lençóis à cama, aguar uma planta, ir ao templo/igreja, fazer orações antes de deitar-se e levantar-se, assistir ao um jogo de futebol, escovar os dentes, enfim, atos cotidianos, marcarão e acompanharão durante toda sua existência na sociedade, impulsionando-os a formarem grupos sociais. Somando-se ao conceito dos ‘mais velhos’ como os pais, a criança recebe a educação de certos personagens sociais que exercem poderes nas diversas instâncias da sociedade como padres, pastores, membros do templo/igreja. Estes grupos de pessoas inculcam valores considerados bons na vida dos mais novos, do educando, com propósito de dar-lhe a consciência, de saber com liberdade e autoridade e difundir estes conceitos (DURKHEIM, 1984, p.35).

Com esse processo, a educação vai cristalizando-se no imaginário do educando, deixando uma característica peculiar: a de formar seres humanos, conhecida como “educação inconsciente”, pois ele se processa por gestos, palavras, sons, cores e atitudes . Durkheim (1984, p. 407) argumenta que:

[...] a educação, em uso numa sociedade determinada e considerada num dado momento de sua educação, é um conjunto de práticas, de maneiras de proceder, de costumes que constituem factos perfeitamente definidos e que possuem a mesma realidade que as restantes dos fatos sociais.

Destarte, a educação das crianças atenderá aos gostos dos pais, porque ela se processa por meio da opinião que traz consigo a força moral, conjugando-se com algumas regras defendidas, coincidentemente, pela família e até com o Plano de Desenvolvimento Escolar (PDE).

[...] encontramos mergulhados num ambiente de idéias e de sentimentos coletivos que não podemos modificar à vontade; e é em idéias e sentimentos de gênero que se baseia as práticas educativas. Elas são pois coisas distintas de nós, uma vez que nos resistem; são realidades que possuem, por si mesmas, uma natureza definida, adquirida, que se nos impõe (DURKHEIM, 1984, p. 84).

O que norteia a formação das crianças são os componentes geração, sociedade e família. É óbvio que a família oferece a sua constituição ao conviver com a criança, porém a força maior, a sua contribuição maior, procede da sociedade, abrangendo valores de uma geração sobre a outra.

As práticas educativas não são fatos isolados um dos outros; no entanto, para uma mesma sociedade tais práticas encontra-se unidas num mesmo sistema, no qual todas as partes concorrem para uma mesma finalidade: é o sistema educativo próprio deste país e dessa época (DURKHEIM, 1984, p. 41).

O sistema educativo de um povo forma-se nas mesmas proporções do sistema religioso e econômico. Portanto, cada sociedade constrói a sua educação e educa seus filhos segundo seus valores assimilados pela vivência histórica. As gerações passadas, com seus valores, contribuem para que as gerações presentes se definam educativamente, esta construção se dá coletivamente, não por um simples querer de um indivíduo, pois, além do aspecto coletivo, qualquer padrão educacional está arraigado nas estruturas da sociedade. Para tanto, a educação, sob a ótica Durkheimiana abraça dois momentos: um que implica a reação pais e professores (educação inconsciente) e o outro fruto da contribuição das gerações que tem o corpo altamente social, ou seja, está na estrutura da sociedade. “[...] A educação não se limita, como inicialmente, inculcar práticas nas crianças e a prepará-la para determinadas formas de atuar” (DURKHEIM, 1984, p. 42).

Sob esse aspecto, o que fica claro é que a educação varia de sociedade para sociedade, de grupos para grupos, de pessoas que cultuam uma religião, uma filosofia, uma cosmologia.

Noutros países, como nas sociedades gregas e latinas, a educação mantém-se repartidas, segundo determinada proporção (variável), entre o Estado e a família. Nada de castas sacerdotais. É o Estado que se sobrepõe à vida religiosa. Por conseguinte, dado não ter carências especulativas, dado encontrar - se, antes do mais, orientado para a ação e para a prática, é fora dele, logo também, fora da religião, que a ciência desponta sempre que a necessidade se faz sentir. Os filósofos, os sábios da Grécia, são entidades particulares e laicas. A própria ciência depressa ali adquiriu uma tendência anti - religiosa. Daí resulta, segundo o ponto de vista que nos interessa, que também a instrução, logo que surge, possui um carácter laico e privado. O 'grammateus' de Atenas e um simples oficiais e sem carácter religioso (DURKHEIM, 1984, p.43).

A educação se processa em cada sociedade segundo as suas forças tradicionais e torna-se sólida por meio da aceitação das gerações mais novas, responsáveis de oferecerem suporte para o desenvolvimento de valores morais, religiosos, alimentando, assim, o processo educativo de um contingente.

Para Durkheim, a educação torna-se ciência a partir de dois caracteres puramente científicos, que, segundo ele, “não podem ser contestados”: o da gênese e das coisas presentes (DURKHEIM, 1984, p. 44). O primeiro consta da origem da educação de cada grupo, o segundo compreende os efeitos desta gênese.

O papel da pedagogia não é fazer o mesmo feito da ciência da educação, mas sim determinar aquilo que deve ser. A base de toda pedagogia em seu desenvolvimento são os projetos, os planos, as conjecturas, traçados num intuito de aplicação futura. Os pedagogos partem de pressupostos e neles trabalham teorias que consideram adequadas a determinado grupo estudantil ou a certa parcela da sociedade. Isso significa que a pedagogia leva a planos que podem ou não dar certo, resolver ou não determinada situação-problema. Numa tentativa de diferenciar educação de pedagogia, Durkheim diz:

Os próprios teóricos da educação referem-se geralmente às práticas tradicionais do presente e do passado, com um desdém quase sistemático, eles apontam-lhe sobretudo as imperfeições. Quase todos os grandes pedagogos, como Rabelais, Montaigne, Rousseau, Pestalozzi, são espíritos revolucionários, insurgidos contra os usos dos seus contemporâneos. Eles apenas mencionam os sistemas antigos ou existentes para os condenar,

para os declarar naturalmente infundidos. Transformam-nos ou mais ou menos completamente uma tábua rasa, e resolvem construir em seu lugar algo de inteiramente novo (DURKHEIM, 1984, p. 45).

Este “inteiramente novo”, descrito por Durkheim, é o que vem a ser pedagogia; ela distancia-se da educação, porque não a estuda cientificamente, mas se coloca a oferecer pressupostos à educação, na intenção de orientar os educadores. A pedagogia não se estrutura com base na ciência da educação, ‘estão aí’ elementos dela para dar-lhe um fim prático, porém a grande base da pedagogia esta na psicologia e na sociologia, de onde se extraem os meios para elaboração dos seus pressupostos teóricos e os fins a serem atingidos. Portanto, a criança já está inclusa no sistema de educação, como já foi descrito, e terá a função de não limitar-se aos momentos de crise da sociedade, que, por conseqüência, atingem a criança e em que se evidencia a necessidade de um processo de harmonização, mas será o suporte para a educação.

Mas a pedagogia não terá apenas utilidades nesses períodos críticos em que se torna urgentemente harmonizar de novo; hoje em dia, pelo menos a pedagogia transformou-se num auxiliar constantemente indispensável da educação (DURKHEIM, 1984, p.50).

A pedagogia, que antes tinha um aspecto intermitente, aparecendo apenas nos momentos de grandes transformações sociais, sobretudo a partir do século XVI, com a Renascença, como um instrumento de reflexão, adquire constância em sistemas educativos.

Já vimos que a pedagogia não é a educação e não poderia fazer-lhe as vezes. Mas sim em orientá-la, em esclarecê-la, se necessário, a suprir as lacunas que nela se venha a produzir em remediar as insuficiências que nela se verifiquem (DURKHEIM, 1984, p.52).

Para Durkheim, a pedagogia precisa contar com o pedagogo para adequar-se às questões do seu tempo. A função do pedagogo é discernir e colocar em julgamento as questões pedagógicas que não estão dando resultados positivos em sua sociedade (em seu tempo), cabe a ele ainda discutir com as outras ciências, como a psicologia, em especial a área de psicologia infantil, a sociologia, a escola em suas ações propiciadoras do desenvolvimento como sistema educativo que agrega valores educativos do passado e do presente; no entanto, o pedagogo precisa estar projetando a sua ação pedagógica para um ideal voltado no futuro,

livrando-se assim de uma cultura pedagógica utópica, ou seja “a cultura pedagógica precisa construir uma base amplamente histórica” (DURKHEIM, 1984, p. 55).

Parece que Durkheim, ao falar das ações pedagógicas e do sistema educacional, entra em contradição novamente ao dizer que a “educação é diferente da pedagogia” e que a primeira ocupa-se do passado e presente e a segunda do futuro, porém necessita de uma base amplamente histórica, ou seja, das experiências do passado e do presente para não errar no futuro.

O que fica claro em Durkheim, com relação ao passado e ao presente, é que a pedagogia de uma determinada sociedade não deve imperar em outra época e sociedade. O pedagogo terá o trabalho de conhecê-la, para que em sua situação social possa projetar uma ação pedagógica, não utópica e sedimentada, mas nova, sem os erros que o antecederam no que tange à educação, ela se ocupa do passado e do presente não com a pretensão de aceitar ou errar, mas sim de preservar os valores já existentes e que são transmitidos de geração a geração.

Com efeito, o ideal pedagógico de uma época exprime, antes do mais, o estado da sociedade na época em questão. Mas, para que este ideal se transforme numa realidade, torna-se necessário que o mesmo seja adaptado a consciência da criança. Ora, a consciência possui as suas leis próprias que é necessário conhecer para que as possamos modificar, se pelo menos, pretendemos evitar, tanto quanto possível, as tentativas empíricas que a pedagogia tem precisamente por objetivo reduzir ao mínimo (DURKHEIM, 1984, p. 56).

Sobre a educação, Durkheim (1984, p. 60-9) diz:

Com efeito, considero como própria postulado de toda a especulação pedagógica, que a educação é um assunto eminentemente social, tanto pelas suas origens, quanto pelas suas funções e que, que conseguinte a pedagogia depende mas estreitamente da sociologia do que de qualquer outra ciência.

[...] muito longe da educação de ter por objeto único ou, principal o indivíduo é seus interesses, a educação é, antes do mais o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições da sua própria existência .

A discussão travada por Durkheim sobre a educação e pedagogia na França tinha uma razão sublime, a de construir “homens novos”, capazes de colaborarem para formar uma sociedade forte em meio às intempéries de sua época.

Não se pretendendo adotar as ações que Durkheim apontou para resolver as questões sociais francesas, mas, sim, fazer uso da coerência de seus pensamentos deixados como referencial teórico, propõe-se agora uma ação pedagógica, tendo com base Durkheim, considerando o templo como a maior representação religiosa do educando e a situação sócio-político-econômico-religiosa da comunidade-campo, compreendida pelos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, na cidade de Bela Vista de Goiás.

Assim, como Durkheim levantou seus estudos numa época em que a sociedade francesa (CARNEZIM, 2000, p. 623) sentia-se vulnerável, o campo pesquisado, no momento, mostra ter também seu grupo social mexido e amedrontado diante das mudanças, da violência, das drogas e da insegurança pessoal e social, por isso o educando da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira será amparado por uma ação pedagógica, com base em Durkheim (1984, 1989), tendo em vista a sua realidade sociocultural e a prática religiosa no templo/igreja.

3.2 A AÇÃO PEDAGÓGICA

Nome do projeto: O templo/igreja na geração de conteúdos pedagógicos

1ª à 4ª séries

Tempo de Duração: oito meses, com revisões bimestrais

Conteúdo programático de Português

1ª e 2ª séries

(Considerar o significado do templo/igreja na vida do educando)

- Preparar o ambiente físico (sala de aula, escola) para receber o educando.
- Mostrar como as palavras fazem parte da vida desde que nascemos. Considerar o templo/igreja como espaço da primeira experiência social religiosa grupal.
- Começar sempre com a palavra no texto, nunca isolada, buscando nos textos lidos nos templos/igrejas uma referência.
- Só isolar a palavra do texto com a ajuda da criança (assim o professor percebe suas experiências e sua ligação com o templo/igreja).
- Ler sempre para as crianças (todos os dias), se possível no início da aula, alguma notícia de jornal, revista, poesia ou versículos bíblicos. Com o intuito apenas de linguagem. Não aprofundar neste texto, é o ler por prazer de ler.
- Montar em sala um banco de palavras, com dobras para no mínimo oito palavras para cada letra do alfabeto.
- As primeiras palavras a irem para o banco devem ser os nomes das crianças. Deixar que elas próprias encontrem o lugar certo de seu nome, que a própria professora distribuiu em fichas.
- Nos primeiros dias de aula (uma semana ou quinze dias) cada criança deverá portar um crachá. (Evita que haja troca de nomes, facilita o reconhecimento da professora e colegas etc.)
- Usar texto em papel pardo, especialmente a receita e levar para casa.
- Cartão-postal (levar vários para a sala, expô-los, explicar como são usados e por que).
- Oferecer à criança papel para que ela confeccione o próprio cartão-postal – oficina.
- Encontros vocálicos e consonantais.

- Ortografia aplicada – consoante + l. Ex: claro;
- consoante + r. Ex: cravo;
- diversidade do som do C;
- uso de: z,ç.rr.ss.;
- aplicação de ch, lh, nh;
- sons do s.

- História em quadrinho – oficina.
- Ampliação de frases, pontuação.
- Fábulas (utilizar as de Monteiro Lobato, Esopo, Andersen etc).
- Narrativa com base em registros e desenhos.
- Narrativa com base em palavras-chave.
- Observação de figura e interpretação escrita de cena.
- O nome das coisas-substantivos (trabalhar em texto).
- O artigo-adjetivo (trabalhar em texto).
- Singular e plural (em frases e textos).
- Aumentativo e diminutivo (em frases e textos).
- Produção e leitura de textos.

- Bilhete.

Conteúdo programático de Português

3ª e 4ª séries

(Considerar o significado do templo/igreja na vida do educando)

- A palavra (apreendidas no templo/igreja).
- A frase.
- O valor da comunicação (utilizar dinâmica de grupo, propagandas, notícias, histórias etc).
- Promover a oportunidade da criança perceber os diferentes tipos de comunicação.
- Mostrar o uso concreto do bilhete, da carta, do telefone, orientar para a diversidade de opções em relação às rádios, às emissoras de TV.
- Promover debate entre os alunos para ver o que gostam de assistir, o que gostariam que a televisão trouxesse.
- Valorizar o uso do Jornal *O Escolar*, já existente na escola.
- Criar com os alunos um tipo de telejornal, em que, vestidos a caráter, façam leituras como as dos repórteres.
- Reparar a diferença da linguagem científica, médica, policial, esportiva (utilizar pequenos trechos de noticiários, documentários, programa esportivo – trechos curtos em uma só fita para que possam apreciar).
- Procurar entre os próprios alunos os problemas mais urgentes no bairro em que vivem. A partir daí fazer um relatório e do próprio relatório destacar aquilo que eles como alunos, a escola, como entidade, podem promover.

- Confeccionar e afixar nas proximidades da escola mensagens positivas: Pratique esportes. Estude! Freqüente uma escola! Busque a ajuda de Deus. Violência gera violência. O vício não compensa, mata! E outras que os próprios meninos e a professora acharem conveniente.

- As dez classes gramaticais:

- Substantivo;

- Artigo;

- Adjetivo;

- Numeral;

- Verbo;

- Advérbio;

- Pronome;

- Conjunção;

- Interjeição;

- Proposição;

- Sujeito /Predicado.

- Tipos de sujeito (simples, oculto, inexistente, composto, indeterminado).

- Tipos de predicado (verbal, nominal, verbo-nominal).

- Verbo:

- Vozes do verbo;

- Conjugação do verbo;

-Tempos do verbo;

-Modos do verbo.

Obs: expor o conteúdo em pouco tempo e usar mais tempo para trabalhá-lo em textos, recortes, leituras, cartazes etc.

- Comunicação – emissor – código – mensagem – receptor.

- Narração – fato, personagens, lugar, tempo, conflito.

- Dissertação:

 - Afirmação ou negação inicial;

 - Argumentos;

 - Conclusão.

Aqui valem as idéias próprias e o suporte histórico e vivencial.

Objetivos de Aprendizagem

Língua Portuguesa

- Usar músicas que as crianças trazem de casa e que são cantadas por elas no templo/igreja de sua religião.

- Usar os nomes dos símbolos como palavras-chave para formação de frases e explorar a criatividade na montagem de textos.

- Usar as frases feitas pelas crianças e junto a elas montar um texto que vá ser colocado na parede e colocá-las como autores, citar a série. Junto com eles encontrar um título (votado pela própria sala).

- Trabalhar frase (pedir a cada aluno que escreva em casa uma frase da sua igreja e troque como presente com um colega, assim cada um receberá uma nova mensagem). Leitura da mensagem recebida. Explorar neste momento a afetividade.
- A professora escreve uma mensagem para cada aluno (não precisa ser nominal) para que ele a encontre presa na sua carteira no início da aula.
- Usar as palavras das mensagens de paz, para levar para a família.
- Ao invés da professora distribuir o lanche, um aluno serve o outro para trabalhar a aceitação do diferente, superando os preconceitos étnicos, econômicos e religiosos.
- Utilizar cantigas de rodas que falem de paz, união, solidariedade (buscar entre as cantigas simples que crianças e professoras conheçam a melodia, a letra).
- Utilizar músicas que falem da preservação dos recursos naturais (presente na vida do educando) com a intenção de que a música seja memorizada. Fazer cópias de letras, das canções e nesta cópia ir trabalhando a organização do texto, a sua legibilidade e uma forma mais caprichada de executar o trabalho.
- O aluno dita para a professora ou para um colega letras de canções, parlendas, trava-línguas.
- Promover na sala de aula momentos em que a fala esteja livre para a criança contar suas coisas, suas novidades.
- Solicitar que a criança traga para a sala de aula uma história que a avó ou a mãe lhe conta e, com base nessa história, pedir que a criança invente um outro final ou mude personagem a seu critério.
- O professor deve selecionar uma coletânea de histórias em que o bem fortaleça, vença o mal (estas histórias devem ser usadas sempre que o professor sentir que a sala de aula ou o bairro enfrente uma situação de medo e insegurança).

- Professor com professor trocar mensagem de otimismo, amor, paz e l e, cada um, para a sua sala de aula.
- Realizar um intercâmbio de cartas entre os alunos.
- Os alunos em grupo montam uma notícia de paz e a lêem para a sala em forma de leitura jornalística.
- Valorizar o trabalho individual, expondo os trabalhos das crianças nas salas, nos corredores, em datas comemorativas, tipo dia da criança.
- Cada criança cria uma história para se transformar em um pequeno livro e que a criança sinte-se livre para criá-la, mas dentro do contexto a história deve dizer não   violência.
- Montar ao logo dos oito meses um banco de palavras e dar destaque aos nomes de sistemas religiosos, personagens religiosos e palavras mais significativas como paz, partilha, pão, solidariedade, amizade.
- Colocar o banco de palavras e os trabalhos das crianças sempre numa altura em que as crianças possam consultar o banco de palavras e apreciar o trabalho dos colegas.
- Enfatizar sempre que possível o templo/igreja em suas características internas e externas.

Conteúdo programático de Ciências 1  e 2  séries

(Destacar a rela o educando e templo/igreja)

- Observa o do próprio corpo. Valorizando as suas partes e suas fun es.
- O corpo por fora.

- O corpo por dentro.
- Os sentidos.
- A propriocepção (sentir a si mesmo).
- Perceber as diferenças entre as pessoas, altura, peso, característica dos olhos, dos cabelos etc.
- Os movimentos que o corpo é capaz de fazer, ver também como há diferença na forma de executar o movimento.
- A criança e o meio ambiente: (plantas, domésticas, selvagens, úteis) fonte de sais minerais.
- A terra (arenosa, selvagens e argilosa).
- A terra (lugar habitável e não habitável).
- A água (composição, utilidade, potável, escassez, fluvial e pluvial).
- O fogo (transformador de elementos, fonte de calor, sustento para a vida etc.)
- O ar (puro, impuro e poluído).

Objetivos de Aprendizagem de Ciências 1ª e 2ª séries

O professor deverá conversar com os alunos, numa perspectiva durkheimiana da coesão social, estando eles em forma de círculo, pedir que observem a si mesmos, olhando seus pezinhos descalços, olhar a mão, tatear em si mesmo e no colega do lado, fechar os olhos, tapar o nariz, tapar os ouvidos, e outras experiências mais com o próprio corpo, avaliando assim a necessidade e a função de cada parte do corpo testada. Pedir que se olhem entre si e percebam as diferenças físicas, naturais do corpo. A partir daí deve o professor proceder o diálogo com os alunos, solicitando-lhes que apontem o que melhor viram nos colegas,

alertam que estas diferenças são necessárias e mostram a riqueza de Deus, no seu processo de criação, quando deu a cada um característica únicas, aproveitar a ocasião para dizer também da necessidade do respeito para com tais diferenças.

Pedir a cada criança que escolha entre os colegas um que ela queira desenhar, a criança fará sem mencionar o nome. Os desenhos prontos serão colocados na parede e as crianças tentarão reconhecer quem retratou quem.

Em grupos de dois em dois, sobre um pedaço de papel pardo, uma criança se deitará e a outra traçará o seu perfil. Pronto o perfil, as duas crianças irão ao monte revistas para dar ao perfil olhos, nariz, boca, roupa etc. recortados da revista. Uma vez feitos os painéis, todas irão para a parede no intuito de serem apreciados. Neste momento, a presença da professora será muito importante. Ela buscará junto aos alunos comprovar as experiências já feitas (olhos fechados, nariz tapado etc) que um corpo não vive sem o seu lado externo e que nele está a grandeza das diferenças.

O corpo por dentro deverá ser trabalhado utilizando fita de vídeo, cartaz com cada um dos aparelhos e coleta de informações junto aos alunos sobre o que sentem quando comem bastante, quais as reações do organismo quando apanham chuva ou sol em excesso, quando vem o resfriado, a tosse, a febre.

Salientar que dor e febre são os sinais que permitem detectar as doenças, procurar alertar para quando é que se deve ir ao médico.

Aproveitar todas as chances para fazer relatórios, sejam eles apenas com desenhos, com algumas palavras, com um texto. Dar às crianças a oportunidade de perceber o quanto é importante o seu corpo e os cuidados que devem ter com ele.

Puxar aí um gancho e traçar o conteúdo sobre higiene, utilizando situações práticas como o ato de lavar as mãos antes das refeições, após usar o vaso, observar a mastigação durante o lanche e passar as noções de porque comer devagar, de porque ter alimentação variada.

Mostrar como os alimentos transformam-se dentro do organismo em outras substâncias, necessárias ao funcionamento do corpo.

Aproveitar o momento da escovação para reforçar os cuidados com a higiene bucal. Acrescentar aí a idéia de conjunto, o corpo não funciona por partes.

Dizer que o corpo é templo e morada de Deus em nós, assim como o templo que freqüenta.

A idéia de que o corpo precisa de cuidados no lado físico e espiritual. Falar sobre o sentido de grupo uma vez que corpo sala, corpo escola não funciona se todas as partes não colaboram.

Transportar a criança, envolvendo-a com história, música, imagem para que ela sinta a enormidade do mundo do qual faz parte e quanto há de bondade na atitude de Deus em deixar toda a natureza na mão do homem.

Diferenciar também os animais e plantas, verificando partes do corpo dos animais, diferentes partes da planta.

Na aula de abertura sobre os animais, fazer um desfile das crianças carregando animais de estimação (cão, gato, peixe, galinha, etc, todos vivos), pedir a cada dono de animal que diga como cuidar dele.

Falar sobre os elementos básicos, água, terra, fogo, ar, explorando cada um como atividades como: água – mostrá-la em estado sólido, líquido, mostrar como ela toma a forma do vasilhame em que está, que ela se evapora, transforma-se em chuva etc.

Utilizar relatórios, desenhos, pesquisas, experiência, vivenciar situações da terra – proceder da mesma forma, deixando que as crianças tratem a terra, levá-las até a horta, até os jardins públicos para que vejam o que nasce da terra.

Levantar a idéia de que a palavra de Deus é semente e nosso coração deve ser terra boa.

O fogo - mostrar que o fogo apesar de perigoso é bastante útil, é ele o responsável pela temperatura mais agradável e transformação do alimento no ato de cozinhar.

Levar ingredientes para a sala, junto às crianças fazer uma massa de bolo, levar à cozinha para que seja assado. Servir a todos. Contar histórias, como, por exemplo, a da Galinha Ruiva, Os Três Porquinhos e outras, intercalando-as nas aulas, seguindo o conteúdo e despertando para o senso de partilha e do trabalho coletivo.

O ar – utilizar balões, experiências com pneus e outro objetos cheios de ar. Alertar que o ar não possui odor, que os cheiros que percebemos são cheiros de substâncias espalhadas pelo ar etc.

As aulas de ciências devem ser preparadas de forma tal que permitam o concreto, a visualização, o olfato.

O mais importante é que ao final do projeto o educando tenha noção de seu próprio valor, da dependência dele e de todos os homens em relação à natureza e, sobretudo, sinta-se obra perfeita de Deus, um templo onde ele possa morar. Não deixar passar as oportunidades de ouvir o aluno, de estar com ele, de tocá-lo para que essa proximidade ajude no processo disciplinar e na conduta geral do educando, que deverá estar pronto para outra fase de sua vida e de novos conhecimentos.

Deixar ganchos, espaços, para que as professoras de 3ª e 4ª séries, possam levar alicerce para aquilo que irão transmitir.

Conteúdo programático de Ciências 3ª e 4ª séries

(Destacar a relação educando e templo/igreja)

- O corpo: os aparelhos digestivo respiratório, circulatório.

- Os sentimentos: dor, aptidão, amor e saudade.
- Saúde do corpo: alimentação, higiene, esporte.
- Saúde do espírito: leitura, religião, lazer, vida comunitária e trabalho.
- Diferenças: físicas, comportamentais, jeito de ser, etnia, questão econômica.
- A criança e o meio ambiente.
- O caminho que percorre até a escola.
- O lar como templo.
- O templo como sustento para a saúde espiritual.
- A natureza e os símbolos (as pedras, as rochas, a água...).
- A comunhão gestual, a forma de o corpo respeitar o ambiente (casa, templo/igreja, escola).
- Local de instalação do templo/igreja.

Objetivos de aprendizagem de Ciências da 3ª e 4ª séries

Puxando ganhos nos conteúdos de 1ª a 2ª séries, os professores da 3ª e 4ª séries deverão dar prosseguimento ao programa com o mesmo tipo de aulas, dinâmicas, atrativas, cheias de experiências, tendo como base a seguinte afirmação de Durkheim:

Primeiramente, ele tem de possuir vontade, já que a autoridade implica confiança, e a criança não pode confiar em alguém que ela vê hesitar, tergiversar, voltar atrás sobre suas decisões. Mas esta condição inicial não é mais essencial. O que importa, acima de tudo, é que a autoridade cuja sensação ele deve transmitir, seja realmente pelo mestre (DURKHEIM, 1984, p. 33).

Partirão também das noções sobre o corpo e sua importância, dando mais ênfase aos nomes das partes internas do corpo e o funcionamento dos aparelhos. Mostrar a genética como responsável pelas diferenças.

Pedir que a criança procure, em família, quem parece com quem, por fora, quem parece com quem no comportamento, com quem é mais fácil falar, brincar, com quem é mais difícil o diálogo.

Trabalhar expressões faciais em revistas, livros, montar cartazes.

Ajudar a criança a perceber que ela mesma passa por momentos diferentes, alguns de grande alegria, outros que a vida parece vazia ou triste.

Mostrar que o corpo físico precisa de alimentos, mas que o corpo espiritual precisa ser alimentado.

Alimentamos o corpo físico com vegetais, carne, leite etc.

Alimentamos o corpo espiritual com ações, atos de bondade, gestos de gentileza, postura de acolhida, amor e também o alimentamos com a palavra de Deus, que pode ser transformada em vida.

Enquanto o corpo físico, material, precisa de cuidados higiênicos, alimentação, sono etc., o corpo espiritual precisa de consciência limpa, paz de espírito, amizade, consolo, fé.

Mencionar a necessidade da fé ativa, que busca soluções para os problemas pessoais, familiares e da comunidade.

Tal como vêm o corpo como um templo, ele deve ser cuidado e respeitado.

Permitir ocasiões em que a criança tenha espaço, aliás, permitir o tempo todo que ela possa citar suas experiências, trazer para a sala a vivência.

Fazer o relato da vida em família e em seu templo/igreja.

Estimular para que busquem um templo sempre, aquelas que ainda não o buscaram que façam logo isso.

Ver, pelos relatos, o que a criança pensa de si mesma, o que pensa do colega, o que pensa da professora, da escola, da família, da comunidade, do seu templo/igreja, promovendo diálogos com grupão, em grupinhos, dois a dois. Dividir os grupos sempre de forma diferente: um dia a professora escolhe quem fica com quem, no outro obedece a ordem do diário, em outro a ordem de fila, em outro menino e menina e em muitas situações permite que se agregam tal qual a sua vontade.

Nessas oportunidades, o professor lançará mão de sua perspicácia para ir fazendo relatórios próprios, individuais de cada aluno, para que possa ter controle absoluto da sua sala e das necessidades de cada um. Só assim poderá ajudá-los, de forma verdadeiramente profissional e cristã. Muito necessário se faz nessa fase que o educando saia ao final de tudo com a certeza de ser alguém que vale a pena, que Deus é seu Senhor, que os outros, apesar das diferenças, são como ele e que corpo, casa e templo são todos morada de Deus vivo, criador de todas as belezas e que o mal que existe no mundo não é obra e nem desejo de Deus, é obra e desempenho do próprio homem quando se distancia e distorce da vontade do criador.

O nosso propósito é levantar a auto-estima do aluno que deverá ter nas aulas recebidas na escola o suporte para enfrentar o deus mundo lá de fora e contribuir para mudá-lo.

Durkheim (1989, p. 52) vê o indivíduo e a sociedade interligados, nós também o vemos assim, portanto, devemos, queremos preparar o educando da Escola Pedro Alves Ferreira com a certeza de que conhecerá, ainda que jovem, seus direitos e deveres.

Geografia 1ª e 2ª séries

(Considerar o espaço do templo/igreja, dos bairros em questão e sua localização).

Conteúdo programático

- Eu (o que quero: sonhos, perspectivas, vontades, escolhas; o que preciso, o que gosto, como eu sou. Trabalhar os sentimentos despertados no educando quando freqüentam o templo/igreja - capítulo II).
- A família (quem faz parte da família, a profissão das pessoas da família, o trabalho de cada um na casa, o trabalho de cada um no templo).
- A casa (a minha casa por dentro, a minha casa por fora, cuidados com a casa, cuidados com as pessoas da casa).
- O templo/igreja (o templo/igreja por dentro, o templo/igreja por fora, as pessoas que vão ao templo/igreja, quem cuida do templo/igreja).
- A comunidade (meus vizinhos, minha rua, o que tem na minha rua, meu endereço, situando casa e escola no Bairro).
- O bairro (como nasceu, histórias que os avós contam, que é mais importante no Bairro).
- A escola (a escola por dentro, a escola por fora, quem administra a escola, o que a escola tem de semelhante com a casa, o que a escola tem de diferente com a casa, quem são meus colegas, que é minha professora, qual a relação com o templo/igreja).

Geografia 3ª e 4ª séries

(Considerar o espaço do templo/igreja dos bairros em questão e sua localização)

Conteúdo programático

- O nosso mundo (o mundo criado por Deus, a natureza e seus valores).
- O sistema solar.
- A terra.
- Os continentes.
- O Brasil na América (as regiões do Brasil: norte, sul, sudeste, centro oeste, nordeste).
- Goiás (Goiás como parte integrante do Brasil, localização de Goiás no Brasil, relevo de Goiás, hidrografia, clima, vegetação, recursos naturais e atividades econômicas, transportes e comunicação no Estado de Goiás, Governo de Goiás, governo e seus serviços públicos, Goiânia - a capital).
- Bela Vista de Goiás (localização, hidrografia, recursos naturais e atividades econômicas, transportes, governo e serviços públicos, aspectos gerais da cidade)
- Bairro Santa Cruz e Las Vegas I (aspectos físicos do Bairro Santa Cruz, aspectos físicos do Las Vegas I, infra-estrutura – água, luz, telefone, asfalto –, trabalho, templos/igrejas e características.
- Escola (estrutura física da escola, localização, estrutura pedagógico-administrativa).

História 1ª e 2ª séries

(Considerar o histórico do templo/igreja)

Conteúdo programático

- Eu (onde nasci, quem são as pessoas que vivem comigo, meu perfil físico, meu perfil psicológico, minha família).
- Minha família (de onde é minha família, quem são os membros da minha família, como minha família se sustenta materialmente, como minha família se sustenta espiritualmente).
- O que aprendo na família.
- O que aprendo no templo/igreja.
- O que aprendo na escola (quem me ensina, o que eu ensino, que faço na escola, a história da minha escola).
- Meu bairro (como nasceu, como é agora, o que é fácil no bairro, o que difícil no bairro-distância, violência, desemprego, falta de infra-estrutura).
- A cidade (história da cidade, atualidade do município, vultos importantes da história da cidade – nomes daquelas que se destacaram nas artes, na política, na religião, as datas comemorativas).

História 3º e 4ª séries

(Considerar o histórico do templo/igreja)

Conteúdo programático

- A origem da terra.
- Os povos antigos.
- A descoberta do Brasil.
- Entradas e Bandeiras.
- A chegada dos bandeirantes e religiosos ao território, hoje chamado Goiás (aspectos gerais da história de Goiás; Goiás, antiga capital; Goiânia – pontos turísticos, as escolas, as universidades, os templos/igrejas, a arquidiocese de Goiânia, ministérios – sede dos templos/igrejas não católico e sua história).
- Bela Vista de Goiás (história de Bela Vista de Goiás e da Escola Pedro Alves Ferreira.).

Objetivos de aprendizado de geografia e história de 1ª e 4ª séries

Num processo educacional que tenha por meta integrar o educando à sociedade, tendo ele a consciência de seu papel individual e coletivo, necessário faz-se que ele conheça a si mesmo e o espaço que ocupa. O primeiro passo para que esse autoconhecimento é ele adquirir a percepção.

E assim, entre falas que a criança “desconhece”, abre-se o véu para que conheça sua cama, seu quarto, sua casa, os familiares um a um, comece a ter noções de papéis diferenciados: pai, mãe, irmãos, avós, tios, primos.

Começa a ter com eles os comportamentos e posturas adequadas.

Enquanto percebe o outro, percebe a si mesmo, em relação a um, é filho, em relação a outro, é irmão, e assim por diante. Começar então a nascer dentro de si mesmo as questões como: até onde posso ir? Até onde devo ir, qual é o meu papel?

Descobre primeiro a questão básica, ao atravessar o portão de casa, sente que o espaço é diferente, menos íntimo. Descobre que o mundo vai além do seu corpo e do seu espaço e que as coisas não giram como antes sentia “em sua função”.

Após tais descobertas, vêm a preocupação com as escolhas, as necessidades, as preferências, até que criança consegue identificar-se como pessoa.

A família é suporte para que esse processo ocorra sem tropeços, sem grandes atropelos e traumas.

Na escola, o eu deve ser trabalhado primeiro, só a partir do conhecimento individual dos alunos e de como elas convivem em grupo, o professor poderá alertar o aluno indivíduo e o aluno coletivo, na dualidade defendida por Durkheim (1984, p. 42). O eu, ao ser trabalhado, exige cautela do professor, pois nesse encontro o aluno tentará expor-se desde muito cedo, para o ser humano é difícil falar de si mesmo.

Na realidade-campo (Santa Cruz e Las Vegas I), torna-se ainda mais dificultoso, pois o relato do aluno, na maioria, é um relato de família problemática, de carência afetiva e emocional, de proximidade com a violência, a dor.

Aqui o professor deverá usar muitas histórias, algumas delas criadas por ele mesmo, para ir ao encontro do tema a ser atingido. O professor não deve abrir mão das histórias tradicionais, mas deve comentá-las deixando que cada aluno tire para si mesmo o que deve, usar canções de roda, brincadeiras em grupo, elas abrem o espírito da criança para receber novas idéias e liberar as suas.

A criança de 1ª à 4ª séries deve receber noções da importância da família, do papel de cada membro, da hierarquia familiar, reconhecer que tem direitos e deveres.

Puxar um gancho e falar sobre o trabalho, pesquisar entre os alunos a profissão dos pais. A partir daí, mostrar que cada um tem um papel importante na comunidade que vive e na sociedade da qual faz parte. Teatralizar situações que envolvam cenas do trabalho (escolher as profissões simples e outras em que as pessoas tenham mais regalias).

Alertar para o valor daquilo que cada um da família faz fora de casa. Atentar para deixar claro que o aluno, como criança que é, tem como perfil ser estudante.

Dizer da necessidade de cada um dos membros da família contribuir com as tarefas da casa.

Olhar atentamente para a discriminação de trabalhos feminino e masculino.

Apontar para o fato de que o templo/igreja é também nossa morada, onde recebemos o alimento espiritual, temos para com ele obrigações, como temos para com o nosso lar.

Diferenciar casa de lar.

A casa é só a construção, a estrutura física, o lar é composto pelas pessoas que buscam os mesmos objetivos numa casa.

Ver e trabalhar os diferentes tipos de casa, construções mais antigas, maiores, mais novas, menores, coloridas, discretas, de alvenaria, de placas.

Passar para o grupo de alunos que a felicidade, a harmonia da família não dependem da estrutura da casa.

Que o conforto muitas vezes vem mais da higiene e dos cuidados com a casa que do seu tamanho ou estrutura.

Associar também com a idéia de fé, que não é maior por ser o templo/igreja pomposo, grande, cheio de luxo.

Pedir que retratem a sua casa por dentro e procedam da mesma forma com a casa por fora.

Construir maquetes (pode ser até com papel mesmo) de diferentes casas, mercadinho, padaria, escola, templo etc, e montar juntos um bairro ou cidade.

Aproveitar para situar a casa, a escola, o templo/igreja.

A criança nessa fase deve saber nome completo, escola em que estuda, o templo/igreja que frequenta.

Deve conseguir referenciar o seu templo, a sua casa, a sua escola.

Deve saber dos pontos de referência que levem a encontrar sua casa, sua escola, seu templo.

Quanto à cidade, as noções devem ser sobre os principais pontos históricos, turísticos, comerciais, principais ruas, bairros.

Situar o bairro em que mora na cidade, a cidade no estado, o estado nos país, o país no mundo.

As crianças de 1ª à 4ª séries devem receber noções sobre o sistema escolar, o planeta terra, os movimentos da Terra, gerando dia e noite, estação do ano, dias da semana, meses do ano. Ao longo do processo de execução do projeto, o professor deverá acrescentar ao programa informações da atualidade, adiantar ou retardar certo conteúdo em consequência dos acontecimentos até mesmo da família de um dos alunos, ou de um fato novo na escola.

Artes 1^a e 2^a séries

(Relacionar o templo/igreja e a arte)

Conteúdo programático

- Apreciação da beleza visual.
- Apreciação da beleza no aspecto sonoro.
- Desenho.
- Uso de tinta guache.
- Uso de anilina e cola.
- Cola no vidro.
- Recortes e montagens.
- Massinha de modelagem.
- Palitos de fósforo.
- Papel de picolé.
- Papel crepom.
- Papel manteiga.
- História em quadrinhos.
- Livro de histórias.

- Álbum de figuras.
- Uso de lã.
- Uso de cordão grosso.
- Uso de carvão (grafite).
- Uso de sementes variadas.
- Uso de folhas variadas.
- Confeção de bonecos com sucata.
- Confeção de máscaras em saquinhos de papel para serem usadas no rosto ou na cabeça toda.
- Confeção de pequenos fantoches para serem usados nas mãos etc.

Objetivos de aprendizagem de Artes de 1ª À 4ª séries

O programa de arte, que na verdade inclui também o esporte na escola, não está, propositalmente, dividido por séries. Uma vez que a meta a ser atingida é melhorar os bairros, ou seja, a Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, mostrar o que faz e como faz, não há sentido para uma divisão na arte, no esporte, na religião.

A arte, nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, é o veículo que desponta como elo único de valor insubstituível na tarefa de integrar o educando, de conhecê-lo, de ajudá-lo a ajudar-se. Na arte, o ser humano é livre, nos preceitos de Durkheim (MICELI, 1987, p. 15-6), o indivíduo terá sua chance de manifestar-se sem o medo do julgamento social. Na arte, e por meio dela, as dificuldades internas do indivíduo são manifestadas, de forma que só ele mesmo ou um profissional de psicologia poderão decifrar. Ao pintar uma folha de papel toda em preto e escrever uma única palavra em branco ou usar um traço vermelho, o aluno leva a sua mensagem e cada um dará a ela a interpretação que conseguir, de acordo com o universo pessoal.

Além do mais, a arte na escola é o momento em que o aluno não é o “bancário”, obrigado a engolir os conteúdos que lhe passa o professor, como tanto condena o educador Paulo Freire (1980, p. 65-87).

As exposições de trabalhos artísticos devem ser constantes, na galeria da escola, por vezes em passeata silenciosa pelo bairro. Em trabalhos maiores, a execução não deve ficar restrita à sala de aula, mas os professores entre si devem montar um esquema para o uso do pátio ou mesmo áreas próximas à escola, o importante é que pais, vizinhos, a comunidade sintam a escola como meio atuante e transformador da sociedade.

A mensagem deve estar sempre em faixas, de papel mesmo, no muro da escola mesmo, no lado externo, mensagens positivas, chamamentos aos templos/igrejas, às reflexões, aos estudos. É mais interessante usar uma mensagem do tipo Esporte é Saúde do que Droga Mata!

A insegurança, o tráfico, a droga, o vício são realidades já constatadas, se quiser mudar alguma coisa deve ser aproveitado o que há de positivo, aquilo que ainda não foi contaminado. Com certeza, a sociedade é capaz de entender o recado.

Na arte, além dos inúmeros técnicas de trabalho já mencionadas e sugeridas, professores reunidos são ricos em idéias e é preciso partilharem, não guardarem para si uma idéia só porque o seu aluno é de 1ª série e a 4ª é que poderia executá-la, passado a idéia adiante a 4ª série executará e todos lucrarão.

A argila, a areia, o barro preto e o barro branco (ambos com uma certa liga) são materiais que facilmente se consegue nas margens dos córregos e regatos próximos aos bairros Santa Cruz e Las Vegas I. A indústria de cerâmica, que trabalha com tijolos e telhas, cede gratuitamente a massa já prensada, que sobra das bordas dos tijolos e telhas para qualquer escola. É preciso por a mão na massa e deixar surgirem as esculturas dos alunos.

O gosto pessoal pela música pode ser despertado desde cedo. A música clássica, como fundo para os recitais de poesias (de autores conhecidos e dos

próprios alunos). A formação de um pequeno coral que pode ampliar-se com a ajuda dos pais que tocam instrumentos nos templos/igrejas.

A música é aqui agente decisivo no projeto pedagógico que ora se apresenta, é elemento de união, de participação coletiva e pode transpor os muros da escola em apresentações em templos/igrejas diferentes e em pontos diferentes dos bairros. A música atrai e por trás dela poderão ir aos poucos sendo colocadas as mensagens direcionadas às mudanças que se pretende para a comunidade-campo. O uso da música na escola não tem fronteiras, pode ser usada como estudo gramatical, respondendo-se a diversidade de linguagem com que as letras são compostas. Para fixação de conceitos básicos, as letras são verdadeiras poesias.

Para apreciação da sonoridade, utiliza o próprio silêncio para detectar os sons do mundo. A construção de bandinha com sucata para os pequenos, eles mesmos ajudam a construir e formar a banda (terão assim mais respeito pelos objetos). O próprio Durkheim (1973, p. 42) alerta para a necessidade da disciplina na formação do indivíduo e na preservação da sociedade. Na recreação, a música é uma excelente aliada, pois estimula algo natural, os movimentos do corpo e o prazer de cantar.

As cantigas de roda têm um papel psicológico muito importante na vida da criança. Em certos momentos ela é o centro em outros não; o que de certa forma leva-a para seus vários posicionamentos na vida, tirando aos poucos o egocentrismo, que só servirá para limitá-la.

A arte inclui ainda a teatralização de situações, pode ser usada em qualquer das disciplinas. Com o papel, com recursos da própria escola (roupa da mãe, da professora, do pai) é possível montar pequenas peças que o grupo apresenta à escola toda. Parábolas, textos bíblicos são excelentes.

Essas peças podem ser reaproveitadas de situações já vivenciadas, podem servir de alerta, podem ser de obras já escritas ou escritas pelos próprios alunos com a ajuda (não interferência) do professor. Nesse caso, na aula de Português, a professora conversaria com os alunos, lançaria sua proposta e pediria que

pensassem, então, na produção de falas, no roteiro (analisar bem o conteúdo da peça, tendo em vista o público a que se destina).

A etapa seguinte seria avaliar o espaço disponível, como campos, o cenário, a escolha de personagens. Aqui a divisão de trabalho por grupo é essencial, ninguém fica sem participar, pois não sendo personagem de cena, exerce o papel de cenógrafo, coreógrafo.

Trabalho com a sonoplastia, a iluminação, a coleta de material para a peça, os convites, os cartazes etc.

Tudo deve ser reaproveitado tanto na pintura, na modelagem, nos trabalhos com sucata, na música, da dança, em todos os sentidos. O professor deverá estar atendo a cada etapa de cada tipo de trabalho.

Ao final de cada tarefa executada, sempre fazer o relatório que consiste na atividade da criança relatar os passos para se chegar a ter um quadro novo na parede, assim como deve relatar os passos seguidos para a composição de uma música, ou apresentação teatral.

O mais interessante desse projeto é que ninguém fica de fora, as habilidades peculiares de cada um vão surgindo, alguns recortam bem o papel, outros o colam, alguns são hábeis com tinta, outros sabem montar um palco, alguém entende de iluminação, outro entende de som e assim os trabalhos vão sendo realizados.

Há necessidade de um planejamento e que se siga com exatidão esse planejamento. Outro ponto fundamental é não começar um trabalho antes de concluir outro, caso contrário, perde-se todo o sentido. O certo é que o trabalho nasça de uma idéia dos alunos ou do professor, passe pelo crivo da discussão, das possibilidades de execução, da disponibilidade do material.

A arte é porta aberta, nela o uso de máscaras, de modelos ajudam a extravasar o mundo particular de cada um, por um momento sou rei ou rainha, patroa ou empregada, filha ou mãe. Na infância, psicologicamente falando, esta é a maior importância, a fantasia.

Não há limite para o uso da arte, da fantasia, na sala de aula e no ambiente escolar.

O projeto em questão quer estendê-la aos bares, à comunidade, aos templos/igrejas como forma inovadora de mudar uma realidade desamparada de recursos materiais, dura, em um lugar mais leve e bonito de se levar.

Matemática 1^a à 4^a séries

(Associar aspecto do templo/igreja à matemática)

A matemática é vista muitas vezes como uma disciplina isolada, contrária às outras. Por isso, deixada à parte, é um erro, pois nada mais prático que a matemática, nada mais concreto. Nas questões matemáticas a criança traz para a sala mais informação, então a proposta é integrar a matemática a todo o conteúdo programático escolar, fazendo dela uma aliada. É importante observar que o educando tem muita habilidade para lidar com conceitos matemáticos, eles são concretos e por meio disso o educando vai construindo suas próprias abstrações.

Matemática de 1^o e 2^o séries.

Conteúdo programático

- Trabalhar espessura, textura, densidade e outras características de cada material a ser usado pela criança.
- Trabalhar tamanho, volume, altura, peso.
- Endereço da criança (completo).
- Solicitar que forme sua agenda telefônica e de endereços.

- Observar que a criança saiba localizar-se na casa, na escola, no bairro.
- Ajudar no trabalho das cores (a criança, hoje, já chega à escola conhecendo as cores básicas), misturar as cores primárias e com elas construir as secundárias.
- Comparar pés, mãos, altura etc. (com dinâmica de grupo).
- Forma geométrica (usar toquinhos de madeiras, usar o pátio para traçar, ver a importância de traços limites).
- Trabalhar a margem do caderno, a largura, a altura da carteira, da porta.
- A história dos numerais (o homem e as ovelhas).
- Constatar a presença dos números na prática da vida: placas de carro, número da casa, jogos de loteria, número telefônico, relógio e outros.
- Trabalhar os traçados dos numerais.
- Conceitos de campeão, bicampeão, tricampeão etc.
- Bandeiras (linhas verticais, horizontais, círculo etc.).
- Numerais e medidas.
- Adição.
- Representação da adição: sinal mais (+).
- Situações com adição.
- Subtração (a idéia de subtração).
- Situação com subtração (-).
- Dezena e unidade.

- Dúzia e meio dúzia.
- Medidas de comprimento.
- Medidas de massa.
- Multiplicação.
- O dobro.
- O triplo
- Situação - problema envolvendo as atividades exercitadas em adição, subtração e multiplicação.
- Divisão.
- Metade.
- Situações-problema.

Matemática de 3^a e 4^a séries

Conteúdo programático

- Rever conceitos matemáticos mais profundos da 1^a a 2^a série.
- Sistema de numeração egípcio.
- Sistema de numeração maia.
- Sistema de numeração romano.
- Sistema de numeração decimal.
- Números.

- Unidade e dezenas.
- Unidades, dezenas, centena e unidades.
- Trabalhar com a unidade, dezena e centena em dinheiro.
- Composição, decomposição e leitura de números.
- Números e cheques.
- Os números e suas ordens.
- Outros números naturais.
- A ordem do milhão.
- Formas geométricas (figuras; sólidos; geométricos; elementos de um sólido geométrico e as três dimensões).
- Tempo e dinheiro (horas e minutos; estimativas com tempo; o dia; a semana; o mês e o ano; uso do calendário; o dinheiro: o troco).
- Formas geométricas planas, seus contornos e medidas de comprimentos (formas poligonais; formas poligonais no seu dia-a-dia; formas geométricas na arte; contornos, polígonos; copiando, ampliando e reduzindo figuras; a geometria dos palitos; perímetros; medidas de comprimento: o metro; centímetro e milímetro; o quilômetro).
- Adição e subtração (situações-problema).
- Simetria (eixo de simetria; dobramento e números de eixos de simetria).
- Multiplicação (adição de parcelas iguais; disposição retangular; combinando possibilidades; multiplicação por 10,100,1000; cálculo mental; dobro e triplo; arredondamento).

- Divisão (exata, não-exata, divisão por cálculo mental, divisão por estimativas, situações problemas).
- Estatística (coleta de dados, tabelas e gráficos; construindo e interpretando tabelas e gráficos).
- A idéia de fração: compondo figuras (fração de figuras, fração de um conjunto de elementos, fração e redução de figuras, comparando e operações com frações).
- Probabilidade (previsões e medidas decimais).
- Números decimais (números decimais e medidas; números decimais e dinheiro; adição e subtração com decimais).
- Outras medidas (o grama, o quilometro e a tonelada; o mililitro e o litro; a idéia de área; perímetro e área)
- Expressões numéricas.
- Revisão.

Objetivo da aprendizagem de Matemática de 1ª à 4ª séries

Na prática, as atividades de matemática são algumas das que agradam mais as crianças.

No campo-trabalho (Bairro Santa Cruz e Las Vegas I), a matemática é o que há de mais real na vida das crianças. Elas aprendem cedo a vender a “laranjinha”, o pequi, para contribuir com as necessidades em casa, para suprir outras necessidades. Têm consciência de que quando o pai e a mãe estão sem trabalho, a merenda escolar é ponto de apoio para um complemento alimentar.

Quando percebem a gravidez da mãe, sabem que aí vem despesa, que todos terão que abrir mão de alguma coisa para aquele que chega, muitas vezes o que a criança abre mão é do espaço numa cama, dividindo-a. Quando Paulo Freire

fala em educação (FREIRE, 1980, p. 44), parte sempre da realidade do aluno e do professor, não é simplesmente um sonhador, trabalha a mudança no concreto, nossa proposta encaixa-se aí.

A matemática está nos olhos da criança, no seu dia-a-dia, quando reparte ao meio o ovo frito com o irmão, quando vende cinqüenta “laranjinhas”, sabendo que aquele dinheiro equivale a um “saquinho” (litro) de leite e um pão dos pequenos. A questão matemática é vivida ali, na sua mais concreta forma, a roupa que ficou pequena para um, passa para o irmão menor. O bebê que nasce veste as roupinhas guardadas que foram dos irmãos, primos, vizinhos.

Vivem situações que mostram a questão do espaço. Uma família que é despejada passa a morar com o parente ou vizinho, mesmo de forma provisória, a criança percebe que algumas coisas são afastadas, ficam juntas para caber aqueles que chegaram e a casa se já era pequena, fica menor ainda, mas aí nasce uma coisa que talvez nos outros bairros (e no centro) nobres não aconteça, a solidariedade, a partilha silenciosa de tudo, bebê dormindo com bebê, meninos com meninos, meninas com meninas. Como abandonar toda essa vivência? Impossível. A escola que recebe esse aluno, deve respeitá-lo e respeitar sua vivência. Não há mais, hoje, a idéia da escola que pergunta: “Quantos dedinhos nesta mão? E outras baboseiras, o educando já chega com bastante informações, idéias”.

Durkheim (1984, p. 33) alerta para o fato de que o educador deve exercer sua autoridade sobre o grupo, mas quando fala isso não está mencionando agressões, maus tratos, mais, sim, segurança no que fala, o aluno deve perceber que o professor domina o conteúdo dado, ele sabe de onde tirou que $2 + 2 = 4$.

O trabalho com essas crianças em matemática deve partir de observações concretas: espessura, textura, tamanho, peso etc.

Cada folha de papel entregue ao aluno deve ser trabalhada: É leve? É pesada? É lisa? É grossa? É áspera? É resistente? Etc.

Cada material distribuído à criança deve ser estudado em seus detalhes. O professor não pode simplesmente passar o material e orientar a atividade. Se vai

usar giz-cera e lixa tem uma excelente oportunidade de caracterizar dois materiais completamente diferentes e depois comentar o resultado de uma sobre o outro.

Usa-se giz-cera e vela, outra oportunidade se abre, o papel queima, a cera derrete.

Intercala-se aí artes e matemática.

É necessário que os avisos, os ensinamentos estejam interligados para tornarem-se conhecimento. Não temos na cabeça “gavetinhas” para matemática, português, ciências etc, sem ter pressa, sem estar angustiado com o tempo que cada um leva para aprender, para observar as informações.

A conversa durante a execução das atividades, entre os alunos, entre alunos de um grupo e outro, entre grupo e professor; o professor deve postar sempre um caderno, onde faz as observações sobre as situações dentro e fora da sala.

É perfeitamente possível aplicar a matemática no pátio da escola, nas brincadeiras, nas parlendas, no que seu mestre mandou etc.

“Um, dois, feijão com arroz, três, quatro, feijão no prato”.

É possível usar, e até muito aconselhável, o vídeo em pequenos trechos de jogos de futebol, vôlei, basquete e quaisquer outros esportes. Aguça o raciocínio e prende a atenção, com base nisso fica muito mais fácil trabalhar situações-problema.

É importante que o educando apresente situações-problema e que possibilite que os alunos criem outras.

Não há desculpa de falta de material, porque tudo pode ser usado: palitos, fios de lã, corda. Observação no corpo humano e nos animais (asas, braços, pés, dedos etc).

Muito bom conciliar musiquinhas:

“A barata diz que tem sete saias de filó, mentira da barata, ela tem uma só. Rá, Rá, Rá, Ró, Ró, Ró (Coleção Criança Feliz).

Depois da brincadeira, trabalhar o conteúdo de acordo com a criatividade dos alunos e do professor.

O que não pode ser esquecido é o registro de cada situação.

Ciências Biológicas e Exatas podem e devem ser associadas, receitas, bulas de remédio, observação e pesquisa sobre os animais.

O professor deve evitar o uso isolado da matemática, associando-a sempre à realidade concreta, à casa, à escola, ao templo/igreja.

Aproveitar, de acordo com as observações dukheimianas, a violência e as notícias; os comentários dos alunos enriquecem o conhecimento.

Promover sempre brincadeiras e jogos, criando a partir daí uma forma lúdica de aprendizado.

Usar texto em matemática e nele buscar a base para o conteúdo (inclusive textos bíblicos).

Abrir sempre o conteúdo-matemática com algo novo.

Usar textos dos quais possam ser tiradas informações matemáticas, gráficos de jornais, palavras cruzadas.

Partir de situações concretas, vivenciadas pela criança para trabalhar qualquer noção matemática.

Fazer pesquisas em supermercados, nas ruas, colhendo dados matemáticos. Pesquisas no templo/igreja.

Discutir em sala o que pode ser mudado nos bairros diante de alguma situação constatada nas observações feitas.

Analisar as contas de água e de luz. Comparar com a dos colegas.

Calcular a partir dos dados os gastos de uma família.

Pedir que calcule os próprios gastos.

O professor de matemática, no nosso projeto, deve aliar a matemática com todas as disciplinas.

Nas horas de recreação, na prática de esportes no pátio, é plenamente possível conciliar formas geométricas, situações-problema.

Nos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, há muita coisa a ser trabalhada, o projeto em questão visa encontrar soluções para o que há de mais grave, a violência, a droga, a pobreza, a evasão escolar, o trabalho infantil, com ajuda do templo/igreja, da família.

Por intermédio desse presente projeto, a Escola Pedro Alves Ferreira passa a ter um foro aberto para as soluções objetivas.

Campanha, panfletagem, trabalho duro junto aos alunos e às famílias.

Os templos serão estudados na sua dimensão física e no seu valor espiritual.

A simbologia, os mitos, os ritos, as fábulas ajudam no entendimento da realidade de cada um e do grupo.

A coletividade, formada pelos dois bairros, merece ajuda e o empenho de todos. A escola deve ser a maior força de ajuda e de encontro de soluções.

É importante que um aluno, ao concluir a 4ª série, tenha domínio das operações, das expressões numéricas, consiga preencher formulários, cheques, fazer compras, verificar data de validade dos produtos, preço total, troco, usar o telefone público e particular, saber consultar listas, fazer pesquisas, executar pequenas tarefas do lar, tomar ônibus, conhecer o básico da sobrevivência, cuidar do corpo preparar tipos simples de alimentos etc.

Folclore 1ª à 4ª séries

O Folclore, no trabalho em questão, deve ser visto de forma muito especial. Nota-se elementos folclóricos já na parte I do trabalho, quando são apresentados os referenciais do campo-estudo, com objetivos de enfatizá-lo da forma devida, dando ao aluno da Pedro Alves Ferreira uma noção dos aspectos abordados e facilitar a pesquisa e professor, traçou-se então um programa do Folclore, respeitando-se as diferenças étnicas, até mesmo porque o processo democrático assim o exige dos diferentes grupos e culturas componentes da comunidade Bairro Santa Cruz e Las Vegas I, dada à sua Pluralidade Cultural.

De acordo com os PCNs e MEC, entre os outros objetivos gerais de pluralidade cultural para o ensino fundamental estão propostas as seguintes características:

Conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural, brasileiro, tendo atitude de respeito para com pessoas e grupos que a compõe, reconhecendo a diversidade cultural como um direito dos povos e dos indivíduos e elementos de fortalecimento das democracias.

Valorizar as diversas culturas presentes na Constituição do Brasil, reconhecendo a contribuição de cada uma na constituição da identidade brasileira.

Reconhecer as qualidades da própria cultura, valorizando-as criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania.

Desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação.

Repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raças/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais.

Exigir respeito para si, denunciando qualquer atitude de discriminação que sofra, ou qualquer violação dos direitos da criança e do cidadão.

Valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultural.

Compreender a desigualdade social como um problema de todos e como uma realidade passível de mudanças (PCNS, 1997, p. 59).

Antes de passar-se ao programa específico do projeto, fazem-se necessárias algumas observações.

A intenção do projeto é eliminar causas de sofrimentos tais como constrangimento, exclusão racial e social.

O projeto coloca a escola a favor da comunidade e traz a comunidade para trabalhar na escola. O projeto analisa o templo/igreja e faz dele seu aliado.

Acredita-se no aluno, que a partir do convívio começa a perceber as injustiças e manifestações de preconceito, e que ele parta em busca dos seus direitos e cumpra também seus deveres como cidadão.

Do professor, espera-se que suas atitudes sejam compatíveis com dignidade, justiça, igualdade e liberdade e com o universo sociorreligioso do educando. Enfim, que esteja em busca do fortalecimento da democracia.

Não é bom que execute as leis que as faz, nem que o corpo do povo desvie sua atenção dos objetivos gerais para a pôr em objetos particulares. A coisa mais perigosa que há é a influência dos interesses privados nos negócios públicos, e é menor mal o abuso das leis pelo governo do que a corrupção do legislador, resultado infalível de alvos particulares. Alterada então a substância do Estado toda a reforma vem a ser impossível. Um povo que nunca abusasse do governo também abusaria da independência; o povo que sempre governasse bem, não precisaria ser governado. Rigorosamente nunca existiu verdadeira democracia, e nunca existirá. É contra a ordem natural que o grande número governe e seja o pequeno governado (ROUSSEAU, 2000, p.70-1).

Folclore 1^a à 4^a séries

(Dar destaque à relação templo/igreja e folclore)

Conteúdo Programático

- Definir e conceituar folclore (pesquisar as manifestações no templo/igreja).
- Apreciar a importância do folclore.
- Características do folclore brasileiro.
- A música brasileira.

- Danças brasileiras.
- Folclore do Centro-Oeste.
- Folclore Goiano.
- Artesanato.
- Medicina popular.
- Vocabulário folclórico indígena do Centro Oeste.
- A arte indígena.
- Habitação indígena.
- Matéria-prima utilizada pelos índios.
- Arama indígena.
- Canoa – meio de transporte.
- Os esportes.
- A vaidade.
- Lendas indígenas.
- Ritos Carajás.
- Artesanato primitivo: tear manual, velha roca, fuso, fios de algodão.
- Religião.
- Calendário religioso português e conseqüentemente católico.
- Teatro religioso.

- Ritos: morte infantil, ofício da agonia, ladainha de todos os santos.
- Enterro (arrumadeira, mortalha, atestado de óbito, as Excelências, o morto fica exposto, enterro em rede com imbira, saída, ritual de varrer a casa jogando tudo longe pela porta de saída).
- Pratos típicos: feijão típico, empadão goiano, bolo de arroz, arroz com guariroba, chouriço, pasta de caju, vinhos de laranja, pequi, murici.
- Lendas de Goiás: filão de ouro, lobisomem, saci-pererê, curupira, o caipora, negrinho do pastoreio.
- Vocabulário folclórico.
- Cantigas de roda.

Objetivo da aprendizagem de Folclore de 1^a à 4^a séries

O programa de Folclore envolve toda a escola e é ela a mina, cheia do mais cristalino conhecimento e hábito do povo que permite uma aproximação maior da realidade presenciada na comunidade-campo.

Com o estudo do Folclore, tem-se a oportunidade de entrar em contato com o lado mais puro e verdadeiro da história de cada pessoa e dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I.

Ao definir, junto aos alunos, o conceito de folclore, o professor estará mergulhado no muno pessoal, individual e coletivo da sua criança.

Minha família anda longe. Reflete-se em minha vida [...]. Vejo as asas, sinto os passos, numa ambígua trajetória de que eu sou espelho e a história [...]. Mas sei que tudo é memória [...] (MEIRELES *apud* RADESPIEL, 2000, p. 1)

Não há necessidade de inculcar, como diz Durkheim (1973, p. 54) na criança, conceitos próprios, prontos, do professor. O folclore é antes de tudo vivência.

São as quadrinhas:

Eu sou pequenina da perna grossa, vestido curto papai não gosta (domínio popular).

Batatinha quando nasce esparrama pelo chão, mamãezinha quando dorme põe a mão no coração (domínio popular).

São músicas do cancionero infantil que aos poucos vão sendo inseridas na vida do grupo.

Ciranda, cirandinha vamos todos cirandar. Vamos dar a meio volta, volta e meio vamos dar (domínio popular).

Terezinha de Jesus de uma queda foi ao chão, acudiu três cavaleiros, todos três chapéu na mão (domínio popular).

O primeiro foi seu pai. O segundo seu irmão. O terceiro foi aquele que a Tereza deu a mão (domínio popular).

Da laranja quero um gomo. Do limão um pedaço, da menina mais bonita quero um beijo e um abraço (domínio popular).

Garibaldi foi a missa num cavalo cem espora. O cavalo deu um pulo, Garibaldi pulou fora (domínio popular).

Se esta rua, se esta rua fosse minha. Eu mandava, eu mandava ladrilhar. Com pedrinhas, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante. Para o meu. Para o meu amor passar (domínio popular).

São acalantos: “Boi, boi, boi, boi da cara preta. Não pega meu menino que tem medo de carreta” (domínio popular).

As rezas cantadas típicas do folclore (especialmente contos de procissão).

Bendito, louvado seja. Do céu a divina a luz. Nos também da terra clamamos. Louvamos a Santa Cruz (domínio popular).

Eu confio em nosso Senhor. Com fé esperança e amor. Eu confio em nosso senhor, com fé esperança e amor (domínio popular).

Tem-se ainda contos fetichistas das macumbas e candomblés (ritos negros), dos carimbós, (ritos-indígenas) (RADESPIEL, 2000, p. 47)

As danças que pela motivação podem ser:

Religiosas: Santa Cruz, Eu confio em nosso Senhor.

Hinos evangélicos Funerários – Axexê.

Mímicas – quando as dançadores imitam alguma coisa .

Lúdicas: como as danças das cantigas de roda. Profanar, Fadando, Quadrilha, Jango, Batuque, Coco, Guerreiros, Congada, Mouros e Cristãos, Dramatização; Maracatu [...]

Música Folclórica – É aquela que sendo usada de forma anônima e coletiva pelas classes incultas das nações civilizadas, provém da criação também anônima e coletiva das mesmas, ou da adoção ou acomodação das obras populares ou eruditas, que perderam o uso vital nos meios onde se originam. Ela se transmite por meios práticos e orais, vive em função de uma tradição e é concebida espontaneamente por que ignora completamente os aspectos técnicos e teóricos da ciência e da arte musical. Ela nasce e vive intrinsecamente ligada às atividades e interesses sociais. Ex: cantigas de roda, de ninar, de candomblés, de rixa etc (RADESPIEL, 2000, p.29).

Uma das características mais profundas do Folclore é sua abertura a todo tipo de público, todos, indiferentes de sexo, idade, cor etc, podem participar dos festejos folclóricos. Não há necessidade de uma escola para formar os grupos, eles vão se formando aleatoriamente de acordo apenas com o desejo e as aptidões de cada um: é o bumba-meu-boi, bailados, cavallhada, capoeira, quadrilha e tantas outras.

Qualquer mãe pode ninar sua criança com as cantigas que ecoam do mesmo jeito em sua casa ou palacete. Toda e qualquer criança tem o direito de ouvir as histórias infantis, participar das brincadeiras, seja na porta de sua casa, no pátio da escola, na rua. Ninguém pode impedir ninguém de jogar queimada, jogo de boliche, bolinha de gude, betê, queimada. É livre o direito de todos.

A escola Pedro Alves Ferreira tem aqui um papel grandioso, no presente projeto, uma vez que é fonte de resgate de costumes dos bairros Las Vegas I e Santa Cruz. A criança educada nos princípios de raiz é, interpretando Durkheim (1984, p. 33), um futuro adulto integrado ao seu meio.

Observando-se as manifestações folclóricas, nota-se com facilidade as características religiosas. Desde o início foi assim, as peças criadas pelos catequistas ensinavam quase sempre a tese da ressurreição. Os catequistas tinham

como objeto formar os soldados de cristo. No Bumba-meu-boi está defendido a tese da ressurreição, o Boi é ressuscitado. Na congada demonstravam a conversão.

A religião mostra-se presentes nos ritos de morte, enterro.

Lá vai o anjinho pro céu. Não chore não [...]. Anjo bom veio buscá-lo. Guarda-o no coração [...] (ditos populares).

No interior de Goiás, a morte é vista como algo necessário e simples. Ninguém chora a morte de uma criança, muito menos de um adulto. Há uma aceitação muito grande. Há uma aceitação porque acreditam em uma nova vida no céu. Se a morte é uma criança, 'um anjinho' – é uma morte alegre, porque acreditam que irá para o céu e será um a menos a sofrer na terra. Ninguém deve chorar a perda de uma criança, para que as lágrimas não molhem as asas do anjo que vem buscá-la, impedindo-o de voar.

Vamos cantar uma excelência do meu São Francisco que dê seu passaporte nossa mãe Santíssima.

Passaporte já tenho, falta absolvição pra esta alma subir pra glória com a virgem Conceição (RADESPIEL, 2000, p. 174-6).

As incelências são repetidas doze vezes, porque doze são os apóstolos. Durante a repetição, as beatas¹¹⁶ manuseiam as contas do terço¹¹⁷.

O mesmo povo que arruma e chora seu morto é o que canta e se alegra. Na verdade, no sertão, a aspereza da vida é vencida com a alegria e animação que cada um busca dentro de si. Hoje, raramente vê-se o luto fechado, as pessoas calejaram diante da vida e entenderam que não são roupas pretas que mostrarão sua dor, aliás, hoje, foge-se da dor. O que, de certa forma, é fruto do bom senso.

Em Goiás, não há reunião, agrupamento sem comida, faz-se questão de servir e servir com fartura. Os pratos típicos não sequeem ingredientes de preço alto, todos podem fazê-lo em casa, sem problemas: feijão pagão (feijão apenas cozido, sem ir ao fogo para refogar e amassar) bolo de arroz (normalmente usam-se sobra de arroz, ovo, leite, temperos), arroz de guariroba (o caule de uma árvore parecida com coqueiro, descascado tem uma polpa meio amarga que dá sabor diferente e gostoso ao arroz), o pequi, sozinho ou com arroz é fartamente saboreado (o pequi é fruto de uma árvore do cerrado). Ele é verde quando em casca e no meio tem um fruto amarelo forte do qual se come a polpa. Os alfenins são doces tão delicados e tão bem feitos, tão branquinhos! Dá pena desfazê-los na boca. Os goianos fazem vários doces aproveitando polpa de fruto: marmelada, goiabada, bananada etc. Além

¹¹⁶ Mulheres – religiosas que ajudam nos trabalhos da igreja, na maioria são solteiras ou viúvas.

disso, não faltam os licores de laranja, de jenipapo, de jabuticaba etc. Receber alguém em casa é ritual de alegria, por menos que o goiano tenha, ele é hospitaleiro. Nas cidades do interior e nas fazendas, nota-se esse aspecto de forma mais viva.

Há troca de pratinhos (pequenos agrados) entre os vizinhos mais próximos, o hábito de “tomar emprestado” (falta alguma em casa quando chega uma visita, recorre-se ao vizinho atrás de um pouquinho de açúcar, sal, temperos, um “cadinho” de feijão etc).

Dos negros, ficaram coisas como: colocar raminho de arruda por trás orelha para evitar mau-olhado, sol grosso para espantar a inveja e jogar sal no fogo, virar a vassoura de trás da porta quando a visita demora demais e outros.

Um dos hábitos folclóricos goianos é a chamada “tradição”, trata-se de amigos, parentes, vizinhos que se juntam e chegam de supressa para ajudar a fazer a limpeza da roça, o plantio, o acervo da cerca, a limpeza do rego d’água. Enquanto os homens trabalham na terra, as mulheres fazem a comida. O certo é que no final tudo termina em dança, comida, uma verdadeira festa, com música e tudo mais.

Analisando-se a história e os hábitos goianos, observa-se a solidariedade, a amizade, coisas simples e boas que devem ser preservadas através do tempo. O mais interessante é que sempre tem um cunho religioso e mítico em torno de tudo que é feito. Lendas como Filão de Ouro, O Caipora, o diamante do Rio das Garças.

Muito relevante, no projeto em questão, é o conhecimento e uso do vocabulário indígena e afro, muito da fala do aluno origina-se daí.

O folclore na escola não deve ser visto de forma isolada, deve ser trabalhado durante o ano todo, associado a todas as disciplinas.

É muito significativo que a criança leve alguma coisa feita na escola: uma máscara, um bonequinho de retalhos ou papel, uma dobradura, um texto, a letra de uma música, uma pegadinha.

¹¹⁷ Terço – objeto religioso e simbólico onde há contas representando Ave-Maria e Pai Nosso.

No Folclore estão as quadras populares

Vocês me mandaram cantar. Pensando que eu não sabia. Pois ou sou que nem cigarra. Conto sempre todo dia (domínio popular).

Lá no fundo do quintal, tem um tacho de melado. Quem não sabe cantar verso é melhor ficar calado (domínio popular).

Uma grande série de frases feitas.

Conversa mole pra boi dormir. Bicho-de-sete-cabeças. Dar uma mão. Cheia de dedos. Fica encima do muro. Dar uma colher de chá (domínio popular).

O trava-línguas.

Um sapo dentro do saco. O saco com o sapo dentro. O sapo batendo papo.

O papo cheio de vento (domínio popular).

Antes tarde do que nunca. Nunca vale um pássaro na mão que dois voando.

Quem fala demais dá bom dia cavalo. Quem planta, colhe (domínio popular).

O Folclore é, sem dúvida, a vida do povo, retratada na suas foliadas e religiosidade. A escola não pode fugir daquilo que vive no coração de seu educando, não tem, portanto, o direito de contrariar, ignorar, dizer não ao mundo que a criança já traz para a sala de aula.

Ensino Religioso

Em países democráticos, as Constituições são leis fundamentais que visam a organização social, política e cultural do povo, para assegurar os direitos do cidadão, incluindo o direito à liberdade religiosa e da educação para o exercício desta liberdade. Nesse contexto está o direito de acesso à Educação Religiosa, tendo a escola como uma das instâncias privilegiada, onde tal educação se efetiva de maneira plena (RADESPIEL, 2001, p. 3).

Assim, o art. 210, parágrafo 1º da Constituição Federal, determina: “O Ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA, 1988, art. 210).

O Estado tem o papel intransferível de assegurar os bens culturais do povo e de animar as instituições que possibilitam a todos os cidadãos o pleno desenvolvimento e de todas as suas potencialidades, entre as quais está a dimensões religiosas. Não é função específica do Estado e conseqüentemente da Escola formar os crentes nas diversas confissões religiosas, mas garantir os meios e as condições que favoreçam o desenvolvimento da dimensão religiosa do cidadão que frequenta a escola. A história da formação do povo brasileiro é impregnada de aspectos religiosos que dão origem à uma determinada cultura e caracterizam a sua própria identidade. Como nenhum processo educacional é neutro, em cada fase da história da formação desse povo, percebemos a presença de tais

aspectos, orientados para um tipo de homem e de sociedade, segundo os interesses e necessidades da época (RADESPIEL, 2001, p. 2).

A história da formação do povo brasileiro é, em grande parte, mesclada com os aspectos religiosos que originam e que caracterizam determinada cultura e dão traços à sua própria identidade.

O processo educacional não é neutro, está presente em cada momento histórico, orientando e formando o homem de acordo com o que a sociedade e interesses a época dita.

A educação, nesse caso, tem atitudes de abertura ao sagrado e à vivência de valores e princípios básicos fundamentais, entre eles: a verdade, o bem, a justiça, a liberdade, a solidariedade, o respeito. Amor é a palavra humana que melhor expressa Deus.

A escola tem como um dos seus objetivos tornar claros os valores fundamentais na prática, ajudando o professor e o educando a estarem abertos ao próximo, superando inveja, competição e, sobretudo acabar ou, se não, pelo menos diminuir o espírito do “toma lá, da cá”, reforços para a violência e geradores de tantos desacertos. O trabalho em questão tem justos os propósitos contrários, de ajudar ao educando da Pedro Alves Ferreira a estar envolvido na comunidade sim, mas sem violência, mostrando arte, trabalho, fé, a concretude de manifestos de paz, solidariedade, carinho para consigo mesmo e para com o próximo.

Na segunda parte do trabalho, quando trabalhou-se o templo, foi exatamente por ter-se observado a necessidade do sagrado refletido nos desenhos das crianças, e a força desse sagrado para cada uma delas, mostrando-se sentir segura por acreditar em um deus, ter um local para louvá-lo, um lugar para elas intocável pela violência, pela dor, pelo vazio. O templo/igreja significa um elo com Deus, com o transcendente e ao mesmo tempo serve de amparo, de energia renovada contra o mal. Está no segundo capítulo do trabalho a análise da pesquisa e ali constata-se o elemento religioso sobrepondo-se a muitos outros aspectos.

A Ética, a Cidadania, a Pluralidade Cultural, o Meio Ambiente, a Saúde não conseguem existir sem suporte religioso. Não há como integrar a criança ou o grupo

de crianças sem uma crença, uma fé, a criança precisa saber 'o porquê' de estar sendo orientada para determinada coisa, é não é algo amorfo, inerte, simples receptora, pelo contrário, ela infere conceitos, tem opiniões, tem uma vivência, ela sabe que precisa aprender, mas antes disso quer saber "o quê" e "o porquê" de aprender, "quando", "com quem", "onde" usar o que está trabalhando no momento.

Os bairros Santa Cruz e Las Vegas I, como já foi exposto ao longo do trabalho em questão, vive a violência, a falta de infra-estrutura, a pobreza, o vício e a proposta pedagógica presente, e justamente uma parte de saída para a mudança, a inversão de quadros. Não se vê aqui necessidade de gráficos, estatísticas, números sobre a violência, o vício, a ausência da proteção à saúde, a realidade falam mais alto. O que se pretende é trabalhar na escola e na comunidade usando tudo que pode ser feito, alçando mão dos aspectos mais puros e limpos. Aí sim, entram os aspectos religiosos, o templo/igreja, Durkheim (1989) com seus conceitos e práticas de seus ensinamentos. O sociólogo que antecipando-se já dizia: "[...] a educação é, acima de tudo, o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência" (DURKHEIM, 1984, p.45).

Assim como foi feito com as outras disciplinas, aqui, sobretudo, interessamos o programa traçado para 1ª e 2ª séries, 3ª e 4ª séries, alertando que não há necessidade de pedir ao educando que feche seus cadernos, guarde objetos para falar-se em princípios religiosos; a religião é vivida momento a momento e não há como separá-la e nem esperar tal data, tal hora, planejada no caderno do professor para ser falado com o aluno. As oportunidades surgem no dia-a-dia, com o cuidado de não ferir nenhuma crença, nenhum princípio de qualquer do educando.

1ª e 2ª séries

(Considerar a pluralidade religiosa dos templos/igrejas)

Conteúdo Programático

Deus e as obras da criação:

- A Bíblia.
- A Criação.
- O homem como personagem importante na criação.
- A importância e o valor de cada um.
- Eu e o outro somos criação de um mesmo Deus.
- Homem: imagem e semelhança com Deus.
- Deus criou o homem livre e inteligente.

A liberdade do homem:

- A beleza do homem.
- Os olhos.
- O nariz.
- A boca.
- Os ouvidos.
- As mãos.
- O caminho certo.
- O senhor da vida.
- Amar o próximo.
- Fraternidade.

Ensino Religioso 3ª e 4ª séries

(Considerar a pluralidade religiosa dos templos/igreja)

Conteúdo Programático

- Jesus, o Salvador.
- Os sábios do Oriente.
- Jesus menino: também teve família, também trabalhou, teve o tipo de escola da época (aprendia-se a trabalhar, Jesus carpinteiro como José).
- Jesus adulto – o início de uma grande missão.
- Os seguidores de Jesus.
- Os doze apóstolos.
- As parábolas.
- Os milagres de hoje.
- Viver é amar.
- Jesus ensina: o perdão, a verdade, a não julgar, a agradecer, partilha.
- A oração.
- Amor – fundamento para a vida.
- Jesus ressuscitou e vive entre nós.
- Os evangelhos.

- Onde Deus não está, o sacrifício reina.
- Abrão e Isaac.
- O pai da fé e da obediência.
- Jacó.
- José.
- Moisés.

Deus está no meio de nós (pesquisar esta crença com base no templo/igreja):

- Amor a Deus sobre todas as coisas (elaborar um pesquisa junto aos fiéis que freqüentam o templo/igreja).
- Amar ao próximo como a si mesmo: como amar a si mesmo, proteger-se da insegurança e do mal (considerar a visão dos fiéis no templo/igreja).
- Jesus veio à terra como todos nós.
- Verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
- O Sermão da montanha – as bem-aventuranças.
- O verdadeiro cristão é a luz para o mundo.
- Nunca seremos perfeitos, mas podemos melhorar sempre.
- A oração.
- Sou amado e valorizado por Jesus.
- Jesus ressuscitou.

Objetivo de aprendizagem de Religião de 1ª à 4ª séries

A Religião é algo próprio do ser humano que sempre teve intuitivamente a certeza de que sua existência liga-se a um ser superior. Foi assim que nasceram os lugares e objetos sagrados (ELIADE, 1970, p. 435) que o homem usou e usa para reverenciar a este ser absoluto que o homem não consegue explicar, mas reverenciar, adorar (BECKAUSER, 1969, p. 7-97).

Foi a experiência do sagrado que levou o homem a desenvolver certos ritos, certas atitudes e a construir sua cultura (DURKHEIM, 1989, p. 69).

Todo homem tem as suas coisas, os seus objetos de significações especiais e aos quais respeita. Pela pesquisa feita com as crianças da Escola Pedro Alves Ferreira confirma-se que entre os adeptos de cada religião o templo/igreja é o lugar sagrado. Pelo que se observa, esse espaço é construído com grande riqueza de significado simbólico.

A educação, a pedagogia e até a psicologia por mais que, às vezes, se distanciem e procurem explicar esse sagrado, essa fé, de acordo com princípios diferentes, chegam a um lugar comum. Enquanto a educação vê a fé como forma de alicerçar o indivíduo para exercer suas funções individuais e coletivas, a pedagogia utiliza a mesma fé e religião nos seus projetos da sociedade, de adaptação de ângulos da sociedade, nesse sentido, a fé e a religião, de forma diferenciada, em cada sociedade e projeto social, fazem-se presentes, reforçando ou alterando a sociedade e seus projetos.

A pedagogia, a educação, a sociologia vêem a fé no aspecto de tradição, hereditariedade e encontram o sagrado, sendo aos poucos transferido para o homem.

Não obstante, sob o ponto de vista Freudiano (ZIBOORE, 1969, p. 211-260), a fé encaixa-se na dimensão cognitiva e afetiva, uma vez que se dá no plano da razão e da emoção.

Na psicologia, encontrar-se-á também que a relação com o transcendente é no fundo a relação com o outro e consigo mesmo.

A religião tem um papel significativo na vida do homem. É por meio dela que o homem se reforça, consegue energia para enfrentar as questões do dia-a-dia e as questões existenciais, próprias do ser humano. A religião é muito forte na história dos povos e trazê-la para a escola nada mais é do que deixar o coração da criança falar e “soltar” também o do professor, porque tudo está dentro da pessoa, bem e mal, amor e ódio, preconceito ou não-preconceito etc. Depende da forma como o ambiente abre-se ou fecha-se à oportunidade de desenvolver um ou outro.

A escola deve estar pronta a levantar elementos propiciadores da descobertas de cada um e dos semelhantes. Alertar para o fato de que o educando: é parte do universo; relaciona-se com outros seres (interativa e interativamente); todos nasceram para serem felizes; é sujeito do seu desenvolvimento e é imagem e semelhança de Deus.

Como trata-se de um projeto conjunto, envolvendo várias disciplinas e o aluno como um todo, considera-se que a busca das respostas existem, não tem outro lugar de onde sair que não seja a realidade sócio-político-cultural que será a porta aberta para reflexões fundamentais em todas as áreas, sobretudo a religião e que seja o norte a ser perseguido como gerador da ação pedagógica. Considerando que a experiência, a busca dos primeiros contatos com o transcendente da relação da pessoa consigo mesma, com o ambiente em que vive, com os outros que são seus pais, irmão, avós, tios, vizinhos, amigos, a educação assume este maior destaque e, sobretudo, a educação numa dimensão religiosa que só se processa com base em princípios que favorecem a comunhão do ser, também nessa comunidade na qual ele vive, organizada em diferentes níveis sociais.

A imagem de Deus é percebida pela sobrevivência da comunidade, a busca do transcendente começa cedo e é algo muito pessoal, do homem consigo mesmo, com os semelhantes e o sagrado. Inicia-se pelo processo da escuta, pela atitude de acolhida, admiração, pelo respeito que transita entre a criança e os que com ela convivem e ainda pela gratidão, pelo dom da vida e benefício recebidos.

As manifestações, as expressões da religiosidade e da fé predisõem o indivíduo à busca da transcendência, por isso, os grupos, as comunidades, os tempos/igreja têm a sua própria forma de agir e de refletir sobre si mesmo e sobre Deus vivo, um Deus que liberta, que ama, um Deus forte a quem se recorre, um Deus bom e misericordioso, que não quer a culpa encima de nenhuma de suas criaturas.

É preciso que a criança saiba que Deus não quer que o seu pai chegue em casa bêbedo, batendo na mãe, espancando os irmãos, isto não é Deus quem faz, é a índole do pai misturado com álcool ingerido no boteco da esquina.

Deus não quer que falte comida na mesa (*BÍBLIA*, 1992, JO 10,10) de nenhum dos seus filhos, quem faz as diferenças sociais é o próprio homem, é a própria vida carregada de segredos e mistérios. Ninguém pode garantir que a igualdade social seria fonte de felicidades, cada ser é único, um sobrevive, vive e ama o pouco, bastando-lhe o suficiente, enquanto no outro a ganância não tem limites.

A escola, em geral, e a Pedro Alves Ferreira, em especial, tem como propósito usar cada segundo que a criança passa ali dentro como momento de felicidade, de aprendizado, de troca e de amor que o que melhor define a presença de Deus.

Paulo Freire (1980), mais do que um educador foi um pensador, em sua obra mais famosa, *Pedagogia do Oprimido*, dá as linhas da educação que deseja. Para ele, não há educação neutra. O processo seria educacional, mas também um ato político, assim, resultaria numa ação que culminaria em uma relação de domínio ou de liberdade entre as pessoas.

Só pelo reconhecimento de si mesmo e do outro, com quem se convive, como pessoas integradas num mundo do qual depende e com o qual travam uma relação de troca de experiência, pode o homem se autovalorizar e heterovalorizar. Na presente proposta pedagógica, a religião assume papel de alta relevância, não poderá ser desvinculada de nenhuma ação, uma vez que a própria criança dos

bairros Santa Cruz e Las Vegas I já mostram que o templo/igreja, que o lugar de oração, que o padre, o pastor tem para ela significado preciso.

Só atuando, mexendo no próprio meio, na realidade enfrentada por todos da escola, poder-se-á chegar à conclusão do que é melhor para cada um e para a coletividade. É atuando num ambiente concreto, é por ações próprias da vida que se processa o conhecimento de si mesmo, do outro, do mundo, da natureza.

É tocando nas coisas, em si mesmo, no outro, na professora, no calor que percebe dos outros, na energia das mãos, dos pés, correndo, brincando, gesticulando, criando que descobertas e redescobertas passam a ter novo sentido para a criança, quer individualmente ou inserida num grupo.

A afetividade é ponto chave numa educação para a liberdade e para alcançar os preceitos Durkheimianos, só alguém nestes aspectos consegue forças para ir em frente.

Não se trata aqui de catequizar, de encobertar verdades, mas sim de uma postura ética, postura esta debatida na educação dos últimos tempos, no projeto que hoje é apresentado e chegará aos objetivos que para ele se tem.

Em muitas situações, o educando da Pedro Alves Ferreira não precisa de palavras, precisa de ações, precisa ser acolhido para saber que é gente, que é filho e herdeiro de Deus, portanto, sua cabeça não precisa ser cabisbaixa por razões sócio-econômica-religiosas (ver capítulo I).

A criança precisa saber que quando vai ao médico e ele lhe atende, não é só porque é “bonzinho”, é porque ele tem uma tarefa na comunidade. Se a professora tira uma de suas dúvidas, ela desempenha o papel para o qual está designada e um dia essa mesma professora e esse médico prestaram um juramento de que isso seria assim, de que esta seria a sua postura. “São muitos os caminhos pelos quais Deus pode nos conduzir à solidão e levar-nos a nós mesmos” (BRAGA, 19-- , p. 4).

O ser humano é por si mesmo dinâmico, está sempre em busca do novo, do inovador, do desenvolvimento. O ensino religioso não pode deixar os eixos de natureza antropológica, os eixos científicos irem à sua frente, sozinhos. Os eixos

teológicos devem estar acompanhando este dinamismo e o desenvolvimento que dele decorre em todas as dimensões: psíco, física, cognitiva, social, política, criativa, lúdica, por parte de sociólogos, psicólogos, pedagogos, filósofos no sentido de mostrar que o homem está em constante mudança e que seu interior, seu lado transcendente, precisa de tanto cuidado quanto seu lado físico precisa ser alimentado.

A sensibilidade aguçada busca o transcendente nas experiências vividas, nos fatos do dia-a-dia, nos encontros e desencontros.

Quando pelo presente projeto apresenta-se a religião, não é no sentido de catequese, a escola não tem esse papel, isso é tarefa da sua comunidade de fé. O que se quer é que esta fé seja respeitada e associada aos outros ângulos da vida e do aprendizado.

As atividades próprias da escola não podem considerar o homem com base em aspectos isolados. Só concebendo o homem na sua totalidade é que se pode enxergá-lo como único, pois por mais que sejam semelhantes cada um é separado em si mesmo, na dimensão corpórea, psíquica, afetiva. E tem mais, nada vale mais do que as pessoas se respeitem entre si. As pessoas são parte de um todo e se completam no relacionamento com a natureza.

A proposta pedagógica que ora acaba de ser apresentada para a Escola Municipal Pedro Alves Ferreira não é uma proposta fechada, em linguagem ultrapassada, tem em vista a educação numa dimensão religiosa, independente de credo, raça, ou concepção culturais e filosóficas.

A palavra reflexão sugere uma concentração espiritual, uma prática pessoal e uma busca universal. No entanto, refletir é muito mais do que isso, é quebrar os limites que separam o corpo físico do corpo etéreo, é transpor as barreiras que dividem o plano físico do plano astral.

Refletir é estabelecer uma fina conexão entre nós e o nosso 'eu', é adentrar nos estreitos caminhos que nos levam ao âmago de nossa existência. E por mais que possa parecer uma viagem permitida somente àqueles que estão devidamente preparados, com informações específicas e dados adicionais, não é. Todos nós nascemos prontos para fazes esta viagem interior.

Todos nós estamos e estaremos preparados para entrar em nós mesmos, porque independente do momento que resolvermos fazer isto, as surpresas e até as decepções serão inevitáveis, mais ainda assim é o único meio que possuímos para descobrir a verdadeira razão de estarmos aqui.

[...] *Porque é urgente o amor pelas pessoas, pela natureza e pelo nosso Planeta-Terra* (BRAGA, 19-- , p. 5).

Quando reflete-se sobre a situação do homem ao longo dos tempos, nota-se que ele é preparado de acordo com as exigências do grupo social e de sua época.

Hoje, propõe-se uma ação pedagógica em prol do educando dos bairros Santa Cruz e Las Vegas I, visando-lhe uma preparação integral e não só parcela de formação.

As estratégias das aulas de Ensino Religioso não serão diferentes das demais, envolvendo música, história, desenhos, trabalhos em grupo. “A verdadeira viagem de descobrimento consiste não em procurar novas paisagens, mas em possuir novos olhos” (MARCEL PROUST *apud* BRAGA, 19-- , p. 23). São estes novos olhos, interessados em descobrir o porquê dos bairros serem assim, o porquê da suas ruas existirem manifestações do sagrado (no interior do templo/igreja: batismo, orações, louvores, cantos, curas...) e do profano (fora do templo/igreja: assassinatos, drogas...), o porquê do interesse da escola em desejar que os bairros Santa Cruz e Las Vegas I tenham verdadeiros educandos formados, hábeis a colaborarem e a buscarem uma estrutura social que dê condições para se viver com dignidade.

CONCLUSÃO

A relação templo/igreja e educando foi ao longo da existência da unidade pensada para uma proposta pedagógica?

No trabalho que agora é concluído há um eixo norteador: a busca da realização pessoal por parte dos professores que, por sua vez, têm uma missão forte – levar felicidade aos educandos, fazer com que ele liberte-se da opressão social por meio da apreensão de conteúdos. Onde está a plena realização? Ora, encontra-se no desenvolvimento da potencial cognitivo de cada educando e em suas competências, uma vez por meio de uma pesquisa, está no inserir-se na realidade vivenciado por homens, especificamente pelo educando e pelo professor. Esta é uma tarefa conjunta. Resgatar os elementos simbólicos e trabalhá-los em conteúdo pedagógicos é evitar o tão comum sentimento do homem de nossos dias: a angústia, geradora da violência e do medo.

Esse sentimento, também presente no meio educacional, tem tirado de muitos a luz responsável pela felicidade do educando. O educando quando percebe a sua autoridade, o professor, angustiado, também se angustia. Talvez as preocupações do professor estejam aquém do educando, como salário baixo, crise mundial, mas ele sofre com o seu mestre e com ele se angustia. O professor precisa estar inteirado com o educando, deve aplicar os conteúdos pragmáticos e objetivos de aprendizagem conforme a experiência simbólica (representação religiosa) do educando. Ambos vão se interagir, o professor vê o desenvolvimento do educando e

este desenvolve as suas capacidades intelectuais e emotivas interagidas com o seu meio.

A ação pedagógica proposta sinaliza para a luta de indivíduos que estão convidados a serem brutalizados pelas pressões sociais. O preço dessas pressões é altíssimo: famílias desagregadas, consumo de drogas, violência, impunidade... Nessa ciranda de destruição, a educação precisa resgatar a dimensão do ser humano, ser e crescer integralmente como ser humano, investindo em uma cultura do sonhar, não permitindo que a cultura da angústia sobreponha a primeira. A ação pedagógica, partindo do templo/igreja, não objetivou formar educandos fracassados, atrofiados, que busquem na loteria, no jogo do bicho, o prêmio da consolação. Basta! Durkheim demonstrou que uma sociedade cresce quando tem o exercício da formação com autoridade e coesão. Os discursos de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira (1998), as influências do pastor Leer Amadeus e Jean Cruz por meio dos fiéis evangélicos sobre os educandos, a missão e visão de futuro da Escola Municipal Pedro Alves Ferreira, as orações de dona Genesi Bonifácio, a presença dos fiéis Joana Teles, Irene Camilo trazem esta força da autoridade e do consenso tão necessária em nossos dias em que se vê o caos social se alastrando.

A ação pedagógica foi voltada para o dualismo teórico-prático na coletividade de valores, crendo em um mundo onde todos possam se realizar como pessoas e construir um mundo de relações, em que exista a própria participação de indivíduos comprometidos com a educação e a crença de que uma pequena ajuda fará muitas pessoas felizes. Não é porque o educando vive em uma realidade de pouca assistência pública é que não se pode construir, por meio de uma pedagogia, uma educação digna de libertá-lo de práticas que o angustiam.

Acredita-se que a ação pedagógica é uma ferramenta essencial para transformar o universo de violência, experienciado passividade pelo educando, em um local onde eles possam eleger, como sua representação religiosa, não só o templo/igreja, mas, sim, outros lugares, onde possam realmente sê-lhes confiável, pois pela escala de violência que há nos bairros, somente com a freqüência e a prática de sua religião não há proteção nenhuma, constantemente se ouve que mais crianças são induzidos às drogas, estão envolvidos com grupo de pessoas

desconhecidas, são testemunhas do vandalismo, e muitas destas crianças fazem parte do contingente do educando da unidade Escolar Municipal Pedro Alves Ferreira.

Quando se perguntava sobre a representação religiosa, esperava-se respostas abstratas tipo: Deus, anjos, Jesus Cristo, a idéia de Bíblia e não o formato do templo/igreja; porém, em si, reside o seguinte questionamento: por que o templo/igreja realmente é um elemento vivo nos bairros? Foram nos mesmos desenhos realizados pelo educando que encontrou-se a resposta: porque o educando vive inseguro socialmente e é no templo/igreja que encontra segurança.

Partindo-se dessa certeza, a escola, onde abriga este educando, precisa dar a sua contrapartida: fortalecer este educando que já traz uma construção simbólica positiva já formada e buscar trabalhá-la, resgatando-a por meio das disciplinas: português, matemática, ciências, geografia e história, artes e até a religião. Não se pretende a ação pedagógica impregnar na unidade valores religiosos que o prenda, entretanto, um educador para atingir tal feito não pode desenvolver as suas aulas fora do cotidiano do educando tal e qual se apresenta nas resposta por meio dos desenhos, tendo como expressividade o templo/igreja, mas associando a ele sentidos de amor e ódio, segurança e insegurança, harmonia e desarmonia, sagrado e profano.

A escola nos bairro Santa Cruz e Las Vegas I, respeitando esta realidade do educando, estão dando a sua significativa parcela de contribuição para a construção de “um mundo melhor”. Diga-se parcela porque a educação, como diz o próprio Durkheim (1984, p. 17):

[...] é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas não estão ainda amadurecidas para vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio a que a criança particularmente se destine.

E a geração adulta não é só a professora, a escola, os líderes religiosos, o templo/igreja, são todos os concidadãos, porquanto, grande parte vive precariamente, outros são violentados e violentos. A Escola Pedro Alves Ferreira tenta agilizar as vítimas nesta situação, oferecendo ao educando um ensino com

base em suas referências e, sob o crivo durkheimiano, adotando postura para evitar que o educando vá pra o submundo, tendo a seguinte postura:

Primeiramente, ele tem de possuir vontade, já que a autoridade implica confiança, e a criança não pode confiar em alguém que ela vê hesitar, tergiversar, voltar atrás sobre suas decisões. Mas esta condição inicial não é mais essencial. O que importa, acima de tudo, é que a autoridade cuja sensação ele deve transmitir, seja realmente pelo mestre (DURKHEIM, 1984, p. 33).

REFERÊNCIAS

ACERVO DAS ESCOLAS DONA MININA, HORMEZINDA CARNEIRO: Bela Vista de Goiás, 2001.

ABBAGNANO, N. *Essência e Existência. Dicionário de Filosofia*. Trad. do italiano por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ARAÚJO, J. C S. *Igreja Católica no Brasil - um estudo da mentalidade ideológica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

AQUINO, T. de. *Suma Teológica*. Trad. do latim por Alexandre Corrêa. Porto Alegre/Caxias do Sul: Sulinas/Escola Superior de Teologia São Lourenço. São Lourenço de Brindes. Ed. da Universidade Caxias do Sul, 1980.

ALDIGHER, M.; LOPES, S. *A Religião e o Negro no Brasil*. Revisão: Heloisa Helena Paiva. São Paulo: Loyola, 1989.

ARQUIDIOCESE DE S.P. *O Fenômeno Religioso*. Diálogo entre diferentes. São Paulo: Loyola, 1997.

AZZI, R. *A Cristandade Colonial*. Um Projeto Autoritário. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *A Igreja e o Menor na História Social Brasileira*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BECHAUSER, Frei Alberto. *Símbolos litúrgicos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus; Petrópolis: Vozes, 1990/2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1992.

BERGER, P. *Perspectiva Sociológicas*. Uma visão humanística. Tradução de M. Graschagem. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOFF, L. *Nova Evangelização: Perspectiva dos Oprimidos*. Fortaleza: Vozes, 1990.

BOSI, E. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. Desafios da Religião do Povo; Catolicismo Popular. In: *Religião, Classe e Etnia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. A crise das instituições Tradicionais Produtoras de Sentido. In: *Misticismo e Novas Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRAGA, R. *Reflexão para a nova era*. Editora Escala: (S.l.), 19--

BRETAS, G. F. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1991.

BHAGAVAD GITA. *A sublime canção*. Trad. Huberto Rohden. Alvorada: 1979.

CARNEZIM, M. T. Conceitos da habitus na 'teoria da prática': relação de Bourdieu com o pensamento sociológico durkheimiano. *Revista Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 10, n. 3, mai/jun, 2000.

CROATTO, J.S. *Los Lenguajes de la experiencia religiosa - Estudos de fenomenologia de la religión*. Buenos Aires: Docencia, 1994.

CONCÍLIO Vaticano II. *Gravissimum Educationis*, Petrópolis: Vozes, 1986.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. Brasília: Atual, 1988.

COMBLIM, J. *Antropologia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Documento DM Bela Vista de Goiás*. Junho de 2002.

DICIONÁRIO TEOLÓGIA FUNDAMENTAL. Dirigido por René Loutorelle e Rino Fisichelle. Tradução de Luiz João Barouna. Petrópolis: Vozes; Salesiano, 1994.

DICIONÁRIO: HOLANDA, Aurélio Buarque Ferreira. *Dicionário da Língua portuguesa* Nova Fronteira, 1980.

DIGNITATIS HUMANAЕ: In: Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968.

DECLARAÇÃO *GRAVISSIMUM EDUCATIONIS*. In: Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968.

DOCUMENTOS DIVERSOS – Escolas de Bela Vista de Goiás: 1998.

DOCUMENTO de Puebla: texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1979.

DOSSIÊ DA ESCOLA MUNICIPAL Pedro Alves Ferreira, 2002.

DOSSÊ DE BELA VISTA DE GOIÁS, 1992

DE HEUSCH, L. Introdução a uma Ritologia Geral. In: *Para uma Antropologia Fundamental*. São Paulo: Cultix/EDUSP, 1978.

DURKHEIM, É. *Sociologia, Educação e Moral*. Res. 1984.

_____. *As regras do método sociológico*. Tradução de Maria Isaura Pereira Queiroz. São Paulo: Ed. Nacional, 1995.

_____. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Joaquim Pereira Neto; revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUARTE, T. A luta pela Justiça e defesa dos direitos humanos na Arquidiocese de Goiânia: um resgate necessário. In: *Revista Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 9, n. 1, jan/fev. 1999.

ESTATUTO DA SOCIEDADE GOIANA DE CULTURA – 1992

ELIADE, M. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Tratado de História das Religiões*. Tradução de Natália Nunes Fernando. Lisboa: Tomaz Cosmo, 1970.

_____. *Sagrado e Profano*. Tradução de Rogério Fernandes, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERICHSON, V. L. *Onde o silêncio fala*. Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1996.

FERREIRA, V. M. *Nosso espaço nossa gente*. Geografia e História. São Paulo: FTD, 1992

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GILDDENS, A. *As conseqüências da Modernidade*. Tradução de Raul Fider. São Paulo: Paulinas, 1996.

HIGUET, E. O Misticismo na Experiência Católica. In: *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil*. São Paulo: Ciências da Religião, 1984.

HISTÓRICO DOS BAIRROS SANTA CRUZ E LAS VEGAS I – Bela Vista de Goiás: 1981.

INFORMATIVO DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. *Notícias em Comunhão e Participação*. Fevereiro a Dezembro de 1998.

JORNAL 5 DE JULHO. Edição de Agosto de 2001, p. 04.

KARDEC, A. *O Espiritismo*. (S.l.;s.n.), 19--.

LOBO, J. *Ligeiras Notas Históricas da Cidade de Bela Vista de Goiás - Trabalho Dedicado a Sua Administração Municipal*, 1984.

LARAIA, R. de B. *Cultura: Um Conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *A pesquisa em educação, abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1998.

LUMEN GENTIUM. In: Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968.

MARTELLI, S. *Religião na sociedade pós – moderna*. Tradução de Ricardo Correa Barbosa. Rio de Janeiro: Paulinas, 1995.

MESTERS, C. *Fraternidade e educação a serviço da vida e da esperança*. Arquidiocese de Goiânia, CEBI, Paulus, 1998.

MICELI, S. *A força do sentido*. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

O'DEA, T. F. *Sociologia da Religião*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1996.

OTTO, R. *O Sagrado*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs): *Apresentação dos temas transversais e Ética*. Brasília: MEC/SEF. 1997, v. 8.

_____. *Pluralidade cultural, orientação sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, v. 10.

PARKER, C. *Religião popular e modernização capitalista*. Tradução de Atilio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA MUNICIPAL PEDRO ALVES FERREIRA (PDE), Bela Vista de Goiás: 2001.

PIAGET, J *O Juízo Moral na Criança*. Ed. Sumus [s.l.], 1998.

RADESPIEL, M. *Alfabetização sem segredo*. Educação Religiosa. Contagem: Editora Iemar, 2001.

_____. *Alfabetização sem segredo*. Folclore. Contagem: Iemar, 2000.

REVISTA DA ARQUIDIOCESE. Ano XLI - 1998 -2000/1 n. 01 - 06. Goiânia - GO.

REVISTA VEJA: ano 34, edição 1729 . 12/12/2001

REVISTA NOVA ESCOLA. Edição Especial. PCN de 1ª à 4ª série. São Paulo: Abril, 2001.

RICHARD, P. *Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja*. Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1982.

RIBEIRO, G. B. Educação Cristã à Luz do Pensamento da Igreja: Vaticano II e Conferências Episcopais Latino Americana in: *Revista Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 9, n. 3, mai/jun, 1999.

ROSS, D. A teologia de Aristóteles. *Aristóteles*. Tradução de Luiz F.B. Teixeira. Lisboa: Don Quixote, 1987.

ROUSSEAU, J. J. *Do contrato social ou princípios do direito político*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

SANTO DOMINGO. Petrópolis: Vozes, 1993.

SAMUEL, A. *As religiões hoje*. Trad. Benêni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.

SILVA, J. F. A relação entre a estética e a semiótica do ponto de vista de seus objetos. In: *Revista Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 10, .n. 6, nov./dez, 2000.

STRUSS, L. *A Família*. In: AAVV A Família, Origem e Revolução. Porto Alegre: Villa Martha, 1980.

SMITH, P. A Natureza dos Mitos. In: *Para uma Antropologia Fundamental*. São Paulo: Cultix/EDUSP, 1978.

SMOLKA, A. L. *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vigotski e a Construção do Conhecimento*. Ed. Papirus, [s.l.], 1989.

TOMÁS. S. Transcendente é causa não causada. In: SCHIAVO, L. *Introdução aos estudos teológicos*. Goiânia: Ed. UCG, 2001.

VV.A. A. *Pesquisa Social*. Org.: Maria Cecília de Souza Minayo. Petrópolis: Vozes, 1998.

VOCABULÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA. Tradução de Frei Simão Voigt, ofm, Petrópolis: Vozes, 1984.

ZILBOORG, G. *Psicologia e religião*. Tradução de Severino Rochus Gisder. Petrópolis: Vozes, 1969.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Tradução de Regis Barbosa e Kerem Elsbete Barbosa. Brasília: Ed. UNB, 1991.

www.assembleiadedeus.com.br.

www.deuséamor.com.br.

www.igrejadecristo.com.br.

www.ibge.gov.br

ANEXO